

Série *Pós-Graduação* 7



FAMÍLIA EM FOCO

a saúde das emoções

Organizadores

Eliane Paroschi

Francisca Costa

Vandeni Kunz

UNASPRESS



Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da Entidade Mantenedora (IAE)

Diretor Presidente: Domingos José de Souza
Diretor Administrativo: Elnio Álvares de Freitas
Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães

Administração Geral do Unasp

Chanceler: Euler Pereira Bahia
Reitor: Martin Kuhn
Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Pró-Reitora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Pró-Reitor Administrativo: Elnio Álvares de Freitas
Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Engenheiro Coelho

Diretor Geral: José Paulo Martini
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa
Diretor de Graduação: Afonso Ligório Cardoso

Campus São Paulo

Diretor Geral: Douglas Jeferson Menslin
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Maristela Martins
Diretor de Graduação: Ilson Tercio Caetano

Campus Virtual

Diretor Geral: Valcenir do Vale Costa
Gerente Acadêmica: Andressa Jackeline Oliveira M. e Paiva

Faculdade de Teologia

Diretor: Reinaldo Wescelau Siqueira
Coordenador de Pós-Graduação: Ozeas Caldas Moura
Coordenador de Graduação: Vanderlei Dorneles

Faculdade Adventista de Hortolândia

Diretor: Martin Kuhn
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Diretora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Diretor Administrativo: Elnio Álvares de Freitas
Diretor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Hortolândia

Diretor Geral: Léléo Maximino Leillis
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade Rocha Prates
Diretora de Graduação: Suzete Maia



Imprensa Universitária Adventista

Editor: Rodrigo Follis
Editor Associado: Felipe Carmo

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Reinaldo Siqueira, Rodrigo Follis, Betania Lopes, Wilson Paroschi

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Série *Pós-Graduação* 7



FAMÍLIA EM FOCO

a saúde das emoções

Organizadores
Eliane Paroschi
Francisca Costa
Vandeni Kunz

1ª Edição 2017

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

www.unaspstore.com.br

Família em foco : a saúde das emoções

1ª edição – 2017
e-book

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo
Revisão: Leonardo Gulbert, Ricardo Santana
Normatização: Giulia Pradela, Vinicius Aguiar
Programação visual: Fábio Roberto

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Família em foco : a saúde das emoções / Eliane Paroschi, Francisca Costa, Vandeni Kunz (org.). – 1. ed. – Engenheiro Coelho, SP : Unaspres - Imprensa Universitária Adventista 2017. PDF

ISBN: 978-85-8463-082-0

1. Aconselhamento 2. Psicologia - Aspectos sociais

14-03589

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Aconselhamento: Teoria : Sociologia 302.2
2. Psicologia: Sociologia 302.2

041230

Editora associada:

ABEU Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Todos os direitos reservados para a Unaspres - Imprensa Universitária Adventista.
Proibida a reprodução por quaisquer meios, sem prévia autorização escrita da editora,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

- 07 A importância da comunicação
entre os membros da família
Mara Núbia de Oliveira Rosário
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 29 A importância da qualidade de tempo:
amor em forma de ação
Rakcione de Oliveira Xavier Menezes da Silva
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 43 A importância do diálogo na mudança de
comportamento adolescente
Flávio Henrique de Oliveira
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 61 A importância do relacionamento familiar no
desenvolvimento de uma criança no período escolar
Rute Soares Santos
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 79 Crise no namoro e no ambiente familiar
Tiago dos Anjos Cordeiro
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi

- 97 Família como fator de proteção em meio
aos conflitos da adolescência
Alexsandra de Azevedo Caldas
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 121 O divórcio e seus efeitos sobre
o comportamento de filhos adolescentes
Lucimara de Menezes Moura
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 139 O medo de se observar: um caso de eisoptrofobia
Edvania Chaves de Campos
Ivana Gisel Casali Robalinho
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 161 O pastor e a crise na família
José Plínio Alves da Silva
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi
- 185 Separação conjugal: influência no
comportamento dos filhos
Miriam Gomes dos Prazeres Lomba
Ivana Gisel Casali
Eliane Ester Stegmiller Paroschi

A importância da comunicação entre os membros da família

Mara Núbia de Oliveira Rosário¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados de uma intervenção com foco no aprimoramento do diálogo e direcionada a um grupo familiar, composta por quatro membros. Percebe-se, atualmente, que a falta de comunicação tem sido um fator agravante na qualidade relacional entre pais e

.....
¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: maranubya@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

filhos, contribuindo para o aumento de conflitos no âmbito familiar. Sabe-se que não existe receita pronta de como criar filhos e também não é possível traçar apenas um modelo de comunicação familiar. Entretanto, é preciso considerar a importância do diálogo entre pais e filhos, que tem um papel fundamental nesse processo. Espera-se, com este estudo, contribuir para a reflexão sobre a relevância da comunicação no seio da família, de forma que possa contribuir no incentivo de outros profissionais.

Palavras-chave: Família; Comunicação; Pais e filhos.

8

Abstract: This study aims to present results of an intervention focused on enhancing dialogue and directed to a family group, composed of four members. We can see today that the lack of communication has been an aggravating factor in relational quality between parents and children, contributing to increased conflict within the family. It is known that there is no ready recipe for raising children and it is not possible to draw only a family communication model. However, one must consider the importance of dialogue between parents and children, which has a key role in this process. It is hoped that this study contribute to the reflection on the importance of communication within the family, so that it can contribute in encouraging other professionals.

Keywords: Family; Communication; Parents; Children.

Introdução

Dentro do ambiente familiar, são necessárias várias estratégias que facilitem o relacionamento entre os membros. A comunicação é uma delas, sendo fundamental para uma função adaptativa na vida familiar e de qualquer ser humano (CENCI, 2009). Quando a comunicação ocorre de forma positiva, possibilita o fortalecimento do sistema familiar, facilitando moldar e alterar padrões dentro do sistema.

Segundo o dicionário online Dicio (2009), a palavra comunicar significa “transmitir informação, dar conhecimento de; fazer saber, participar” e explica que comunicação é a “ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta”.

Corroborando com este pensamento, Weber (2014) diz que a comunicação deve ser clara, adequada a idade dos filhos e que inclui o ouvir. A autora afirma que “a importância de se comunicar está no fato de as pessoas terem a necessidade de esclarecer os seus desejos, partilhar sentimentos e expressar emoções” (WEBER, 2014, p. 74). De forma consistente, a literatura aponta para a importância da comunicação entre pais e filhos e os membros da família, pois é na família que aprendemos valores que promovem o desenvolvimento social, intelectual, emocional e espiritual.

Com base nos conceitos expostos, o presente estudo tem como objetivo apresentar teorias que caracterizam o diálogo positivo no relacionamento familiar, bem como a relevância dos pais ensinarem os filhos a conversar e permitirem serem ouvidos, sendo isto fundamental para a vida pessoal e para que haja harmonia no ambiente familiar.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, fizeram-se necessárias pesquisas bibliográficas, literaturas e encontros de sondagem no ambiente familiar. A intervenção psicossocial foi realizada por meio de diálogo com conselhos e biblioterapia, que constitui uma ferramenta ou recurso terapêutico, contribuindo para que o indivíduo possa distinguir opções de pensamentos, sentimentos e comportamento, dando oportunidade de discernir novos caminhos para enfrentar as dificuldades.

Após os encontros com a família selecionada, houve orientação e avaliação com o objetivo de coletar informações sobre a comunicação relacional entre pais e filhos, tendo como base os conhecimentos adquiridos durante as aulas do Curso de Aconselhamento Familiar e Intervenção Psicossocial.

10

Participantes

A amostra para este estudo tem como base uma família composta por quatro membros: os pais e dois filhos. O pai, J.P., 40 anos de idade, pedagogo, exerce a função de motorista de transporte coletivo e professor voluntário na comunidade religiosa denominada Adventista do Sétimo Dia. A mãe, M.P., 39 anos de idade, exerce as atividades do lar e como capelã do Clube de Desbravadores, trabalha com crianças entre 9 a 16 anos. O filho B.P., 13 anos, estudante, participa das atividades de canto e conta histórias na igreja para crianças

menores e é líder (capitã) de uma unidade, composta por sete meninas participantes. Por último, o filho L.P., 10 anos, é estudante.

Instrumentos

A coleta de dados se deu por meio de instrumentos utilizados para uma melhor compreensão dos processos familiares, dentre eles o genograma, tendo uma visão geral da estrutura familiar e o ecomapa, representando a ligação da família e as estruturas sociais do meio que habita, seguida de uma entrevista a partir de diálogo informal trabalhado, que permitiram apurar as informações sobre a estrutura familiar e suas principais queixas.

Para a entrevista utilizamos perguntas de sondagem básicas, diferentes para os pais e os filhos. As perguntas para B.P. e L.P. envolviam informações, como: nome, idade, nome dos pais, série que estuda nome da escola, como é seu relacionamento com sua mãe, com seu pai e com o/a irmão/ã, se brincam juntos, se passeiam juntos, se tem amigos, se tem namorados, se gostam do bairro onde moram, se gostam dos vizinhos, o que mais gostam de fazer, o que os deixam feliz em família, o que os deixam tristes e se pudessem fazer alguma queixa contra seus pais o que diriam?

Ao entrevistar J.P. e M.P. perguntou-se: nome, idade, tempo de casamento, data de nascimento dos filhos, qual a razão de terem vindo de uma cidade grande para uma região sem muitos recursos, como se mantêm, se o casal tem bom relacionamento entre eles,

como foi o desenvolvimento dos filhos, como é a educação dos filhos, como acompanham seus filhos na escola, quais as características dos filhos, como é a segurança para a família na comunidade onde residem como são os vizinhos, quais as principais queixas que eles tinham sobre seus filhos?

Diante das perguntas acima mencionadas, foi possível perceber o desenvolvimento dos filhos, quais foram os descontentamentos dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais, as regras e disciplinas familiares. Para a intervenção, utilizaram-se alguns conselhos, orientações, dinâmicas e biblioterapia.

Procedimentos

12

Para este estudo, foi escolhida uma família a partir da indicação do pastor responsável pela região eclesiástica, onde a referida família está inserida. Usou-se como critério de seleção que fosse uma família com filhos de preferência na adolescência e que estivessem com algum tipo de dificuldade no relacionamento familiar. As informações levantadas sobre a família se deram a partir de entrevista realizada na residência deles, localizada no Estado de Pernambuco, onde de maneira direta por meio de diálogo aberto, utilizou-se um questionário básico descrito nos instrumentos que serviram para elaboração deste trabalho.

Durante a conversa de “quebra gelo” foram ouvidas várias queixas familiares sobre várias situações, sendo todas anotadas para consulta posterior durante os trabalhos que seriam realizados individualmente

como também os coletivos, uma vez que o objetivo principal da entrevista que era a coleta de informações que traziam conflitos principais entre os membros desta família. Foram realizados vários encontros, com objetivos específicos, conforme apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Descrição de encontros realizados

Encontros	Participantes	Objetivo	Duração
1º	Os pais	Coletar informações sobre as principais queixas dos familiares	90 min
2º	Os filhos	Coletar informações sobre as principais queixas dos filhos	90 min
3º	Pais e filhos	Coletar informações quanto ao ambiente, caracterização da família e fatores de proteção e de risco	150 min
4º	Pais e filhos	Promover a interação familiar com aplicação de dinâmica e orientação para biblioterapia	150 min
5º	Os pais	Incentivar a interação familiar por meio de dinâmica e orientação para biblioterapia	90 min

O objetivo dos encontros realizados com a família foi coletar informações importantes para que, a partir destas, fosse realizada a caracterização da família, no que diz respeito às suas principais queixas, avaliando também em qual ambiente a mesma está inserida, e assim elaborar meios para incentivar cada membro e orientá-los.

Desenvolvimento

A família é uma forte transmissora de valores ideológicos, sendo a sua função social transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias em determinados momentos histórico, isto é desenvolver uma educação formal. A família é reconhecida como um lugar de procriação, sendo responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças, constituindo-se no primeiro grupo de mediação do indivíduo. É no âmbito familiar que ocorrem os primeiros aprendizados dos hábitos e costumes da cultura, o exercício dos direitos da criança e do adolescente, o direito aos cuidados essenciais para seu crescimento e desenvolvimento integral (BOCK, 2002).

14 É no ambiente familiar que deve acontecer à primeira educação dos filhos, quanto mais os pais exercem a comunicação no lar de forma salutar, os filhos irão aprender a comunicar-se com os outros e também desenvolver o respeito mútuo. Desta forma, a família possui papel decisivo na educação formal e informal, pois, além de refletir os problemas da sociedade, absorve valores éticos e humanitários e aprofunda os laços de solidariedade. Segundo Maldonado (1997, p. 11), “por falta de um contato mais próximo e afetuoso entre as famílias, surgem as condutas caóticas e desordenadas que se reflete em casa”.

Lancan (1987) aponta que a família é vista como célula *mater* da sociedade, tendo um papel relevante no processo educacional dos filhos, seja no âmbito emocional, social e espiritual, considerada como um ponto de referência para a criança e o jovem, pois se pode aprender a dialogar e com essa capacidade favorecer atitudes

tão importantes como: assertividade, tolerância, habilidade dialética, capacidade de admitir erros e de tolerar as frustrações.

A família é um sistema que se move através do tempo e também através do seu ciclo de vida. Sendo assim, para que haja equilíbrio no seio familiar é necessário haver comunicação entre os pais e filhos (CARTER, 1995). Porém, percebe-se que atualmente as famílias vêm perdendo esse costume e como isso acaba gerando problemas diversificados, como por exemplo: a falta de diálogo, do estabelecimento de limites dos pais para com os filhos com relação à utilização das redes sociais, tempo para o lazer em família, regras, disciplina e, sobretudo, falta de amor e solidariedade.

De acordo com Matos (2009), a palavra comunicação tem origem latim, de *communicare*, que significa tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, conferenciar, que é algo que fazemos a todo instante, seja no ambiente profissional, seja com os amigos, com a família, com a namorada (o), pela internet, pelo telefone, por carta. Ressalta-se que na atualidade a comunicação no âmbito familiar vem sendo cada vez mais difícil, devido ao isolamento social existente entre os membros da família, tendo a falta de diálogo, de limites na educação dos filhos como um dos agravantes nesse processo. O ato de se comunicar não consiste apenas nas palavras que por si não comunicam nada. É importante destacar, que em cada palavra há um sentimento. Por isso, o processo de comunicação entre os membros da família tem um papel fundamental no desenvolvimento dos filhos, podendo influenciar de forma positiva ou negativa.

Weber (2014) destaca que a comunicação tem uma influência positiva no âmbito familiar, quando os pais aprendem a desenvolver o hábito

de ouvir os filhos para melhor compreendê-los, através do diálogo pais e filhos se conhecem melhor, sobretudo suas respectivas opiniões e sua capacidade de verbalizar sentimentos. Pronunciar frases e atitudes positivas no dia a dia dos filhos contribui no desenvolvimento deles. A autora (WEBER, 2014) recomenda aos pais alguns cuidados ao se comunicarem com os filhos, conforme apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Conselhos para os pais

Procedimentos	Aspectos negativos dos pais	Atitudes positivas dos pais
Coloque uma regra ou um pedido inegociável com clareza e firmeza: Olhe diretamente em seus olhos, fale a mensagem e supervise para ver se a criança fez o que foi pedido.	Não pergunte: “Você não vai tomar banho agora?”.	Fale: “É hora de tomar banho agora.”.
Fale uma tarefa de cada vez, especialmente para crianças menores: “Coloque comida para o cachorro agora”.	E não aproveite para falar várias coisas ao mesmo tempo, “você esqueceu-se de alimentar o cachorro e ontem não fez a tarefa de casa e foi dormir depois do horário”.	Comece as frases com eu: “Eu gostaria que você arrumasse o seu quarto” e não “você é muito bagunceiro, olhe só o seu quarto”.
Acentue sempre o lado positivo, elogie e mostre entusiasmo.	Falta de um local apropriado para o diálogo (Limitação da comunicação).	
Peça desculpas, diga obrigado e, por favor, para os seus filhos.	A impaciência dos pais pode influenciar na conduta dos filhos.	

Use o nome do seu filho: "Igor guarde seu uniforme no armário".	Evitar assistir TV na hora da alimentação, o excesso do uso de celular, a falta de limites na educação e a criação de apelidos nos filhos.	
Valorize: "Você escreveu a redação de um jeito muito criativo".		

Fonte: Weber (2014).

Para manter uma comunicação eficaz entre pais e filhos, deve-se considerar a complexidade da vida atual, já que as maneiras tradicionais de criar filhos são questionadas, e são oferecidas diversas informações pelos meios de comunicação e por especialistas que não facilitam o entendimento dos pais. Nessa perspectiva, faz-se necessário que os pais busquem estratégias de comunicação entre os filhos de forma que venha orientá-los no seu desenvolvimento (MALDONADO, 2008).

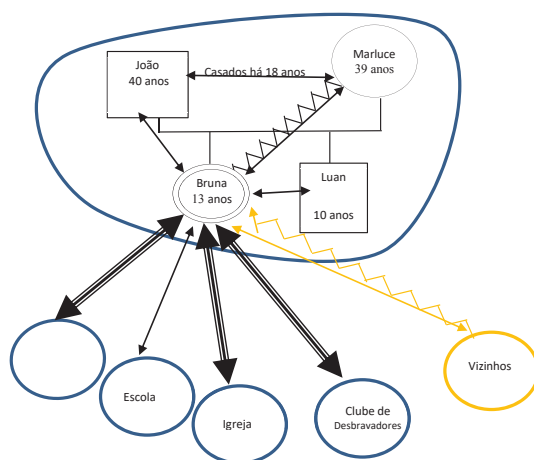
De acordo com Cenci (2009), nesta fase é possível que o indivíduo comece a ampliar suas ideias, ajustar seus comportamentos, buscar autonomia, lidar com questões emocionais, além da preocupação dos pais, já que por conta deste turbilhão de transformações, encontram-se algumas dificuldades para lidarem com os filhos, e os filhos com os pais, ocasionando assim uma mudança na dinâmica familiar. Sabe-se que o relacionamento saudável de uma família se constitui no estabelecimento de regras que envolvem disciplina com amor. Nesse sentido, a comunicação é uma ferramenta indispensável para que pais e filhos possam interagir de forma significativa no processo relacional.

Nessa linha, Fraiman (2011) aponta que para o relacionamento ser saudável, é preciso que os pais compreendam que os filhos estão em busca de novos modelos de construção de identidade e não apenas afrontando os pais como a maioria descreve. Os jovens devem viver um momento de experimentação e arriscar-se ao novo para garantir autonomia e expansão dos horizontes. A saúde da família está relacionada com a integridade que os pais expressam entre eles, no que se refere ao seu papel social e familiar.

Resultados

A figura 1 apresenta o genograma e ecomapa, realizado a partir das entrevistas.

Figura 1: Genograma/Ecomapa



Como é possível observar na Figura 1, existe um relacionamento forte e harmônico entre B.P. e os amigos, companheiros da igreja e membros do clube de desbravadores que participa no qual recebe apoio e também proporciona esta sensação e um relacionamento harmônico entre os membros dessa família.

A família participante pode ser descrita como uma família de classe média e que goza de bom relacionamento entre si e com seus vizinhos. Exerce um estilo parental predominantemente autoritativo, promovem um bom ambiente familiar, disciplina adequada, boa comunicação entre eles e se utilizam da religião como apoio para educação dos filhos.

Foram identificados fatores de risco como: o pai muito ausente devido ao trabalho para o sustento do lar e a mãe sempre muito envolvida com as atividades domésticas e ambos também muito envolvidos com as atividades religiosas. Nos momentos em que não se encontram em afazeres de trabalho e domésticos, não disponibilizando assim algum tempo para a realização de atividades de lazer em família. A região pernambucana onde reside a família se encontra na rota do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes por meio do turismo sexual. Tal situação exige mais cuidados com aqueles que são classificados como amigos com quem os filhos se envolvem.

A queixa principal da família deveu-se a partir da ciência do fato de B.P. estar namorando sem autorização dos pais, fato este que ocasionou alguns conflitos na família, pois, após o início do namoro, ela começou a agir com rispidez e rebeldia, utilizando de mentiras para com M.P., para poder ter encontros com o namorado,

que possui uma reputação referente a namoro questionável e não apreciável pelos pais dela, fato este que trouxe um abalo na relação de confiança dos pais para com ela.

A adolescente em questão caracteriza-se pela sua autoestima elevada, bom humor, comunicativa, com um bom relacionamento com amigos e vizinhos. Atua como voluntária em uma igreja, orientando crianças menores por meio de histórias e canções religiosas. Percebe-se que a mesma em geral obedece às regras de seus pais. Convive com seus conflitos pessoais como: dificuldades de aceitar seu corpo de adulta enquanto vivencia o início da adolescência; não entende o fato de que por vezes é tratada como adulta e outras vezes como criança.

Quanto ao namoro, não havia concordância entre ela e os seus pais, devido à idade, pois ela se sentia madura o suficiente para encarar um relacionamento amoroso, justificando ser esta a razão de sua rebeldia. Em consequência de suas ações, ela foi afastada das atividades voluntárias que realizava na igreja que lhe traz satisfação pessoal, passou a ter suas saídas de casa eventualmente vigiadas, além de ter tido o celular apreendido por seus pais no período do namoro. Mas, ao deter-se no diálogo com a adolescente, percebeu-se que namorar escondido também a incomodava, inclusive ela descobriu por meio de amigos em comum que estava sendo difamada pelo namorado. Fato que a deixou envergonhada, principalmente pelo fato de estar agindo contrário ao tipo de pessoa que havia aprendido a ser: obediente aos pais e as regras estabelecidas por eles, respeitosa com todos, amáveis, religiosa, que se rodeava de boas companhias, qualidades distintivas dos fatores de proteção que refletiam em sua mente. Os

seus pais, mesmo entristecidos com a filha, sempre a aconselhavam e procuraram ajuda ao buscar esta intervenção.

Observou-se também a existência de um relacionamento harmônico com os companheiros da unidade escolar o qual frequenta. Fora verificado que o seu relacionamento com os membros da vizinhança é harmônico mas demanda alguns cuidados por apresentar fatores de riscos. Dentro do grupo familiar, verificou-se que há um relacionamento harmonioso entre os irmãos e também entre a adolescente e o pai, mas o relacionamento entre mãe e filha tem harmonia, mas com algumas situações de conflitos ocasionais e pontuais.

Diante da análise realizada em todas as conversas de sondagem com a família, e tendo como base o conhecimento adquirido por meio de aulas e literaturas curriculares e extracurriculares, verificou-se a problemática no contexto familiar em questão, e assim elaborar um programa de ações e intervenções psicossocial no ambiente familiar utilizando aconselhamentos por meio de diálogos e biblioterapia.

Em relação ao aconselhamento, ressaltou-se a importância de utilizar tempo para ouvir os filhos, manter o canal de comunicação aberto com eles constantemente, ser amigos dos filhos, buscar aprender brincadeiras que possam interagir em família, fazer ajustes para que tenham lazer em família. Também foram dadas orientações baseadas no Projeto “Quebrando o Silêncio” para reforçar o cuidado com os filhos já que vivem numa zona de risco e que eles não se cansem de amar a seus filhos.

Quanto aos filhos, aconselhamos: dar ouvidos as recomendações dos pais, obedecê-los, respeitá-los, não esconder nenhum segredo dos pais e sim fazer deles seus confidentes, cuidados quando a influência

dos amigos e orientações específicas para proteção e segurança com base nas pesquisas para o desenvolvimento de projetos contra o abuso e violência realizados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Afinal, como diz Weber (2014), para investir em bons filhos é preciso estar presente e participar da educação dos mesmos. E ainda White (2014) recomenda que os pais devem dedicar algumas de suas horas de lazer aos filhos, participando juntos nas tarefas e nos esportes, e ganhando sua confiança, pois assim desenvolve a amizade com eles.

A biblioterapia realizada com a família foi feita com abordagem dos resumos escritos, solicitados e debatidos os pontos positivos e negativos encontrados na leitura dos livros: “Nem tudo que cai na rede é peixe”, que teve como objetivo apresentar os segredos de identificar o tempo certo para iniciar o namoro e como escolher a pessoa ideal que a ame e a respeite, e o segundo livro abordado foi: “Proibido para meninos indispensável para meninas”, tratando-se de uma leitura enriquecedora para quem está descobrindo as transformações do corpo e precisam lidar com os conflitos da adolescência.

Foi recomendada uma leitura para M.P. com um propósito de relembrar como é ser adolescente nos tempos de hoje, e que com isso ele possa entender as mudanças e formas de raciocínio da filha e então poder ajudar B.P. a superar esta fase da vida. A biblioterapia foi utilizada também para que mãe e filha pudessem interagir, extraindo lições da literatura indicada, repassando assim orientações para outras crianças com quem eles trabalham voluntariamente.

Para o casal recomendou-se que lessem juntos uma porção diária e que dialogassem sobre os assuntos positivos e negativos visualizados

na leitura das páginas do livro “O Lar Adventista”. Foram realizadas dinâmicas promovendo a confiança e segurança entre pais e filhos, onde L.P. tinha que se jogar para trás de olhos vendados para que J.P. o segurasse e B.P. da mesma forma para que M.P. a segurasse. O objetivo da dinâmica foi apresentar aos filhos em forma de quebra-gelo que as pessoas que eles podiam confiar até de olhos fechados, pois podiam ter a certeza de que os pais estariam ali para segurá-los sem deixá-los que se machucassem, pois o amavam e iriam fazer todo esforço possível para vê-los bem. E após a aplicação dessa dinâmica foi emocionante ver B.P. em lágrimas pedir desculpas aos pais por tê-los decepcionados. E ali se abraçaram e aproveitou-se o momento para realizar uma oração pela família.

Em outro encontro, aplicamos com o casal a dinâmica para completarem um desenho estando M.P. de olhos vendados sendo guiada por J.P. que estava com as mãos amarradas, com a aplicação sobre a importância de haver união, interação e confiança entre eles para superarem as dificuldades familiares. E, para surpresa, obtivemos ali o compromisso deles em conversar mais com seus filhos e dedicar tempo com lazer em família. Também se dispuseram a realizar um encontro semanal em sua residência com outros adolescentes amigos para fortalecer as boas amizades de seus filhos e juntos estudariam as dicas descobertas a partir da biblioterapia com o objetivo de ajudar a descobrirem o melhor da adolescência.

E assim, por intermédio do somatório da intervenção com a família mais os fatores de proteção existentes e, como cremos mais a intervenção Divina, B.P. decidiu romper com o namorado após dois

meses de relacionamento e retomar sua vida de harmonia com a família e com as atividades que havia sido afastada. Vale destacar a importância da religiosidade na vida desta família, especialmente na formação da adolescente, pois foi de grande influência para a decisão final dela e na forma equilibrada como a família superou o conflito.

Discussão

Segundo Gardner (2010) a comunicação é o ato ou efeito de comunicar, que é de emitir, transmitir e receber mensagens. É a capacidade de discutir ou transmitir ideias, de dialogar, de conversar, com vista ao bom entendimento entre pessoas. Sendo visto na literatura a importância da comunicação no âmbito familiar para o desenvolvimento das habilidades do indivíduo, sendo esta fundamental para criar um ambiente de harmonia no lar, desencadeando uma relação de equilíbrio entre os membros desta família. Desse modo, percebe-se que a comunicação faz com que todos percebam que devem participar mais das atividades em conjunto e quais as divergências que podem ser facilmente afastadas, desenvolvendo assim uma boa relação familiar.

Com isso, para se obter êxito é preciso ter um bom diálogo e para que seja uma comunicação satisfatória, é necessário que cada um expresse seus sentimentos, pensamentos e desejos, de modo que o outro ouça e entenda. Por meio do diálogo, pais e filhos desenvolvem uma relação mais íntima, porém a informação que é obtida

mediante a uma conversação não será mais eficaz do que aquela que é adquirida durante a convivência.

Sendo a família então considerada um ponto de referência para os filhos, pois é nela que se aprende a dialogar, desenvolver atitudes, como por exemplo, tolerar, a capacidade de admitir erros e de tolerar frustrações.

White (2014) afirma que os filhos devem ser ensinados na Palavra do Senhor, em que o amor e o respeito a Deus devem ser refletidos diante de todos os filhos, e que estes devem ser educados e preparados para o futuro, envolvendo a família no contexto religioso, uma vez que nem sempre a influência de outros meios favorece na preservação da família, especialmente no que diz respeito à educação dos filhos.

Constatou-se que todo este processo de interação de pais e filhos, constituído de uma íntima relação que acontece por meio da comunicação, em que um bom ambiente favorece a relação e fortalece o sistema familiar. Segundo White (2014, p. 82) é orientado para o relacionamento de pais e filhos que:

Não deve permitir que seja erguida entre pais e filhos barreira alguma de frieza e reserva. Que os pais se relacionem com os filhos, buscando compreender seus gostos e inclinações, conhecendo seus sentimentos e compreendendo que está no coração deles. Pais, deixem que seus filhos vejam o que vocês o amam [...]. Controlem os filhos com carinho e compaixão.

Com isso, a melhor maneira de se transmitir amor, compaixão, as regras do lar, ou ainda aumentar o sentimento de união e compreensão existente nos relacionamentos, pode-se ser obtida por meio de uma

comunicação existente no hábito familiar. A escritora Aguiar (2011) esclarece que uma comunicação eficaz tem o poder de contribuir para o respeito entre os membros da família, diminuindo os conflitos e aumentando o amor, fazendo desta um hábito, pois é de extrema importância para o convívio familiar. É possível perceber, com os resultados obtidos, que a família em estudo tende a preservar valores, buscar novos meios de educar e dialogar com os filhos, sendo possível analisar que o estudo contribuiu de forma significativa para uma melhora na comunicação entre os membros da família, realizando-se assim a intervenção, acompanhada do Aconselhamento Familiar.

26 Nessa intervenção familiar, buscou-se desenvolver a biblioterapia com o objetivo de estimular a leitura a partir da troca de experiências aprendidas, por meio de um resumo com base na leitura dos livros indicados, dentre eles: o livro “Nem tudo o que cai na rede é peixe”, objetivando assim apresentar os segredos para identificar o namorado ideal que a ame e respeite; também o livro “Proibido para meninos e indispensável para meninas”, por se tratar de uma leitura enriquecedora para quem está descobrindo as transformações do corpo e que precisam lidar com os conflitos da adolescência; bem como a leitura do livro “Casamento Blindado” e “O Desafio de Amar” e o “Lar Adventista” de Ellen G. White, livros esses indicados para o casal. Ressalta-se ainda que a utilização da biblioterapia no processo de aconselhamento familiar foi bastante produtivo, pois por meio deste foi possível alcançar o objetivo relacionado a interação familiar.

Observou-se, assim, que se obteve uma melhora na relação e no diálogo entre os membros da família, principalmente, no aspecto afetivo, na interação com relação à qualidade do tempo entre família,

desenvolvendo assim um canal de comunicação mais aberto entre eles. Sendo assim, percebe-se a importância da comunicação, desenvolvendo uma relação mais íntima entre os membros desta família, e desencadeando com isso uma relação harmônica entre os mesmos.

Considerações finais

A partir deste estudo foi possível observar meios para se obter uma comunicação mais eficaz entre os membros da família e de como os pais devem educar os filhos, não sendo possível traçar apenas um modelo de comunicação, em que este é único para cada família, de acordo com o seu contexto familiar. Com isso, pode-se concluir que os membros da família têm se preocupado com questões que envolvem a comunicação desenvolvida entre pais e filhos, comprovando o quanto esta é importante para o diálogo no seio familiar, representando assim um maior desenvolvimento também na interação entre os mesmos, somado à uma maior expressão de afeto, influenciando em famílias bem mais saudáveis e percebendo que conflitos são encontrados mesmo naquelas famílias que aparentemente parecem harmoniosas e maduras.

27

Referências

BOCK, A. M. B. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MENEZES, N. Turismo sexual. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 6, 30 jun. 2014.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 1997.

LANCAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CATER, B.; MCGOLDRICK, M. C. **As mudanças no ciclo vital de familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1995.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. 5. ed. Curitiba: Juruá, 2014.

28

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: como falar e agir no dia a dia das relações familiares**. São Paulo: Editora Integrare, 2008.

CENCI, J. C. **A comunicação em família adolescente**. Trabalho de conclusão de curso em Psicologia. Taubaté, São Paulo: Universidade de Taubaté, 2009.

FRAIMAN, L. **Meu filho chegou a adolescência, e agora? Como construir um projeto de vida juntos**. São Paulo: Editora Intergrare, 2011.

WHITE, E.G. **Fundamentos do lar cristão**. Tatuí: CPB, 2014.

GARDNER, C. **A comunicação no lar**. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2oOebWm>>. Acesso em: 14 dez. 2015

A importância da qualidade de tempo: amor em forma de ação

Rakcione de Oliveira Xavier Menezes da Silva¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar, a partir de um estudo de caso, a necessidade de pais reavaliarem não apenas a quantidade de tempo, mas, sobretudo, a qualidade de tempo que passam com seus filhos. Foi realizado um estudo de caso que norteou a concatenação das propostas teóricas utilizadas como referências. A

¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: rakcione@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br..

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br..

reflexão apresentada fala da urgência que pais devem ter quando se fala em qualidade de tempo ao lado dos filhos. Aspectos relacionados ao reforço positivo e mudança de hábitos são apresentados como fatores determinantes para uma mudança considerável e benéfica em auxílio da formação da criança, e o do impacto em sua vida adulta.

Palavras — chave: Tempo; Qualidade de tempo; Relação entre pais e filhos.

Abstract: This article aims to present from a case study perspective the need for parents to reevaluate not only the amount of time but above all the quality of time they spend with their children. A case study was conducted that guided the concatenation of the theoretical proposals used as references. The reflection presented talks about the urgency parts should have when talking about quality of time with their children. Aspects related to positive reinforcement and change of habits are presented as determining factors for a considerable and beneficial change in the aid of the formation of the child and the impact in their adult life.

Keywords: Time; Quality of time; Relationship between parentes and chidlren.

Introdução

“Os filhos são herança do Senhor” Salmos 127:3

Em uma pesquisa realizada pelo psicólogo John Maxwell (2002 apud MACENA, 2012), foi perguntado o que tornava um a família feliz e a resposta de 90% das crianças foi “fazer coisas juntos”, mesmo diante das inúmeras possibilidades de respostas.

Isso nos leva a refletir não só sobre o tempo investido pelos pais para compartilhar atividades com os filhos. Passar tempo de maneira significativa com os filhos é, sem sombras de dúvidas, um dos maiores desafios das famílias nos dias de hoje. Segundo Ackerman (1986, p.17), o momento histórico em que nos encontramos,

tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade. [...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade.

31

Como qualquer ser humano, a criança sente necessidade de laços afetivos para sentir-se protegida e inserida no meio social, e a família, como referencial da criança, deve cumprir com este papel, amando e respeitando-a para que cresça feliz e com boa saúde mental e intelectual. Muitos são os adultos, no entanto, que se recusam sistematicamente a dar qualquer um desses alimentos psicológicos indispensáveis ao crescimento harmonioso dos filhos (WEIL, 1960). Pais precisam entender que o maior presente que eles podem dar aos seus filhos é a sua presença com qualidade, o que ajudará a

encher seu tanque emocional, favorecendo um crescimento físico e emocional com estabilidade e segurança.

Em uma sociedade pautada na busca de conquistas materiais, a atenção voltada e concentrada na estrutura familiar e em especial nos filhos está cada vez mais fora do foco de muitos pais. Ambos os pais precisam, na maior parte das famílias, trabalhar e passar tanto tempo fora, as crianças ficam cada vez mais com babás, familiares, creches etc. O que fazer? Como minimizar este impacto da ausência? O que fazer quando estiver em casa em contato com os filhos? Com base nisso, o presente artigo teve como objetivo principal analisar os impactos do tempo que os pais dedicam aos filhos, em termos de quantidade e qualidade, sugerindo estratégias para aprimorar os momentos compartilhados.

32

Metodologia

Para entender melhor o contexto no qual a família estava inserida, foram utilizados os métodos de entrevista com diálogos que ajudaram a interpretar o problema e realizar a intervenção.

Participantes

Este estudo foi o resultado de uma pesquisa contendo observações, entrevistas e intervenções com uma criança de oito anos de

idade e seus respectivos pais. Tivemos ao longo dos encontros a participação da professora e da babá da criança, bem como também a irmã caçula de quatro anos de idade.

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados, além do genograma e ecomapa a entrevista, conversas com os pares do diálogo. Esses instrumentos foram utilizados nos encontros para entender o contexto e abrir possíveis caminhos para a solução.

A utilização do genograma permite visualizar os possíveis problemas psicossociais, bem como o grau de relacionamento entre cada integrante da família em estudo, enquanto que o ecomapa revela o nível de relacionamento com o meio em que vivem e sua influência na família. Nos dois últimos encontros, foi construído com os pares um cronograma de rotina de atividades.

33

Procedimentos

Foram realizadas algumas perguntas para a criança com o objetivo de contextualizar sua rotina diária. Além de perguntas para análise da situação familiar, foi realizada uma avaliação pessoal escrita com os pais, retirada do livro Pagando o preço: os filhos são o melhor investimento (MACENA, 2012, p. 23-24).

Os encontros com a família foram distribuídos conforme apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Detalhe dos encontros realizados

Data	Local	Participantes	Objetivos
07\05\2015	Sala da Coordenação Pedagógica	Pai, mãe e conselheiro	Contextualizar a vida familiar (rotina e principais queixas em relação a criança)
08\05\2015	Sala da Coordenação Pedagógica	Criança e conselheiro	Conhecer a visão, a concepção da criança em relação ao contexto familiar e identificar suas principais queixas.
23\04\2015	Sala da Coordenação Pedagógica	Professora e conselheiro	Entender como a criança está inserida no contexto escolar
12\05\2015	Residência da família	Pai, mãe, criança, irmã, babá e conselheiro	Observar a prática da relação familiar contrapondo com as queixas apresentadas
29\05\2015	Sala da coordenação	Criança e Conselheiro	Apresentar um plano de ação para a criança a ser utilizado na sua rotina diária
04\06\2015	Residência da família	Pai, mãe e conselheiro	Apresentar um plano de ação para os pais utilizarem na rotina diária familiar.

Desenvolvimento

“É um privilégio dos pais levar consigo seus filhos para os portais da cidade de Deus”

Ellen G. White

Acreditamos na palavra de Deus, que diz que os nossos filhos são sua herança (Sl 127:3). Recebemos um presente valioso do Senhor e a qualidade de tempo é um dos fatores que revelam o cuidado com esse presente. É impossível querer que esta herança prospere e se torne vencedor, se os pais não decidirem pagar o preço de uma dedicação de tempo e de vida ao trabalho dado a eles.

Como afirma Chapman (1997, p. 75), “a atenção concentrada e exclusiva dos pais é um presente que se constitui um elemento essencial para dar-lhes a certeza de que são verdadeiramente amados”. Se o tempo não for envolvido no processo não se consegue convencer o amor dos pais para com os filhos, pois o tempo é um dos mais importantes ingredientes na construção do relacionamento. Quanto tempo tem se gastado com os filhos?

Macena (2012) menciona uma pesquisa realizada nas escolas públicas de Maryland, que revelou que os pais gastam em média apenas 15 minutos por semana em um diálogo significativo com seus filhos. Isto não está tão diferente da realidade próxima a nós, cada um com pouco ou com mais intensidade e isto reflete em crianças que se sentem inseguras, desacreditadas do amor de seus pais, uma baixa-autoestima e um comprometimento na passagem para uma vida adulta equilibrada.

Muitas vezes, comportamentos negativos por parte dos filhos são um claro sinal de deficiência dos pais no que diz respeito ao tempo gasto com seus filhos. Como diz Chapman (1997), muitos comportamentos desagradáveis e reprováveis durante a infância são na realidade nada mais e nada menos que tentativas de conseguir atenção e mais tempo junto a seus pais. A criança poderá até achar que a

atenção dada em momentos negativos para ela, como na disciplina ou na bronca, é melhor que nenhuma atenção.

Os filhos quando ainda bebês têm a atenção exclusiva dos pais, é totalmente dependente e precisam ser supridas todas as suas necessidades básicas. Porém, à medida que vão crescendo vai ficando mais difícil uma qualidade do tempo, exigindo ainda mais dos pais que precisam se sacrificar de algumas atividades pessoais, abrindo mão de coisas que gostam de fazer para estar junto aos filhos (CHAPMAN, 1997). Algo que aumenta na fase da adolescência, uma vez que os filhos precisam tanto de seus pais nos momentos de crise e é nesses instantes que os pais demonstram mais exaustão.

36 Para Chapman (1997) um dos grandes problemas é que geralmente na época dos filhos pequenos, os pais estão no vigor de seus anos, de sua energia, força, preparados para suas aquisições materiais e assim escapa das mãos o momento especial de estar ao lado de seus filhos pequenos e adolescentes. A falta deste tempo desencadeia problemas emocionais durante a infância e perpetua até a fase adulta. Warren e Johnson (1995) notaram que, quando homens e mulheres exercem atividade remunerada fora do lar, a demanda de tempo e energia para conciliar obrigações familiares e profissionais é um fator de estresse que pode contribuir para o aumento da ansiedade e sentimento de culpa em relação à educação de filhos. Esse tipo de sentimento de culpa é mais comum do que se imagina, uma vez que o perfil de muitas famílias contemporâneas se encaixa nesse modelo.

É preciso então planejar momentos para se obter a qualidade de tempo e um deles é algo que precisa ser resgatado no lar; o horário

das refeições. Este é um momento gerador de oportunidade e se ao menos tivesse na família uma única refeição diária juntos, muito se avançaria no quesito diálogo. Para Leman (2014) a “mesa de jantar” projetada para ajudar a família a se tornar mais unida, intercambiando informações e sentimentos, perdeu seu lugar na sociedade atual.

Com crianças pequenas, ademais, um dos momentos mais especiais é o momento que antecede a hora de dormir, o ritual de colocar na cama, contar histórias, fazer preces, estabelece um vínculo ente pais e filhos. E como afirma Chapman (1997, p. 70),

Os rituais aconchegantes e íntimos, gentis e naturais na hora de dormir soam exatamente o oposto do que é o ocupado mundo em que os pais vivem. Obter êxito nesse objetivo exigirá o estabelecimento das prioridades e, então, resistirá tirania do urgente. Não seja uma vítima do urgente. Em nossa longa caminhada, muito do que parece ser tão urgente agora nem mesmo é importante. Porém, o que você faz com seus filhos permanecerá para sempre.

37

Quando realmente investimos o tempo de qualidade para com os filhos, estamos criando memórias que perdurarão por toda a vida. Quais memórias os filhos estão guardando no que concerne ao tempo ao lado de seus pais? Acreditamos que o desejo de todos é que seus filhos estabeleçam memórias positivas e saudáveis que constituirão um equilíbrio emocional na fase adulta. Foram encontros de observação, interação e intervenção. O desejo e o comprometimento da família em melhorar sua relação contribuíram de maneira significativa para o êxito dos objetivos.

Resultados

“Estar presente significa muito mais do que simplesmente estar ali”

Malcon Forbes

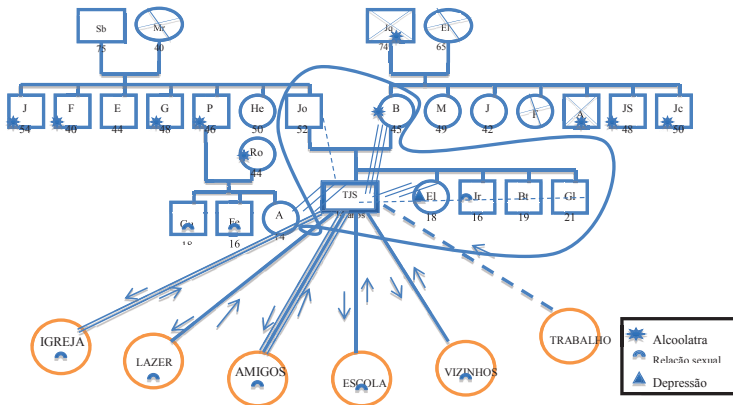
Os pais apresentaram queixas de um de seus filhos, o primogênito de 08 ano de idade, que passa muito tempo utilizando aparelhos eletrônicos (videogame, celular, tablete). Como ela passa a maior parte do tempo sozinho com a babá, os pais perdem totalmente o controle do uso desses aparelhos.

38

Ainda foi apontado pelo pais que apesar de ser um filho aparentemente tranquilo, educado, em alguns momentos tem uns surtos de agressividade. Por passar muito tempo apenas em jogos, apesar das orientações recebidas, não consegue cumprir horários pré-estabelecidos de estudos, leitura, brincadeiras, banho etc. Todas as noites a criança só consegue dormir na cama dos pais, onde passa toda a noite.

A criança reclama constantemente que a família não tem tempo para ela. O que se torna visível ao serem transcritas algumas das falas da criança: “Queria ficar com mamãe mais tempo”. “Meu pai recebe muito dinheiro, não precisa ela ter dois trabalhos” e “A tarde que meu pai tá em casa ele fica a tarde toda trancado no quarto dormindo”.

Na Figura 1 é apresentada a relação parental por meio do genograma e ecomapa, mostrando vínculos significativos ou conflitantes.



A partir dessa problemática, foi apresentada a ideia de construção de um cronograma lúdico para que houvesse maior interação da família, principalmente no que diz respeito à qualidade de tempo, uma vez que há pouco tempo dos pais para com os filhos. O filho ficou empolgado e demonstrou muito interesse em cumprir as metas propostas pelo cronograma lúdico, uma vez que o mesmo participou de maneira ativa na elaboração e confecção do mesmo. Os pais notaram a importância de também fazerem parte da construção do cronograma, já que havia uma proposta significativa de mudança da rotina da casa com o objetivo maior de melhorar consideravelmente a qualidade do tempo em família. Ficaram cientes da participação do filho na construção do mesmo e entenderam a importância de trabalhar o reforço positivo, assim como encontrar estratégias concernentes a hora de dormir da criação da rotina do sono, de cada filho em seu quarto.

Os pais que conseguem estabelecer uma relação de qualidade de tempo com seus filhos também estão deixando o relacionamento familiar mais saudável. Dentro desse ambiente de diálogo, companheirismo, amizade e amor, todos se sentem protegidos. Para uma criança, isso é fundamental, pois passa a mensagem de que ela poderá contar com os pais em qualquer situação da vida. E na fase da adolescência, em que há certa turbulência nos relacionamentos e os pais muitas vezes buscam estar próximos vão ficando mais tranquilos pois houve uma interação desde a infância. Ao trazer o filho ao mundo, os pais precisam compreender a sua responsabilidade em criar e educar, pois isto exige tempo, não o tempo que sobra, mas o tempo dedicado e de qualidade, isto exige sacrifícios e renúncias, é o que podemos chamar de amor em ações.

Discussão

As mudanças sociais implicaram de maneira significativa em mudanças nas relações familiares e tais mudanças fazem com que naturalmente pais se perguntem como está a qualidade de tempo quando estão ao lado dos filhos. Chapman (1997) diz que os relacionamentos têm sido superficiais, algumas vezes até frios. O dia a dia tem sido de correria e quando paramos para ficar com nossos filhos, acabamos querendo fazer mil coisas ao mesmo tempo. Com o advento das tecnologias da comunicação, o aumento de smartphones, tablets, nota-se também que os participantes de um núcleo familiar, por conseguinte têm perdido a qualidade dos relacionamentos e o repensar as práticas relacionais

familiares encontra-se no cerne dessa discussão. É fácil perceber que há uma necessidade de se repensar o tempo em família, o que segundo Macena (2012), práticas positivas, tanto na relação entre pais como na relação destes com os filhos, estão relacionadas diretamente ao desenvolvimento de crenças saudáveis das crianças em relação a si mesmas.

A qualidade do tempo ao lado dos filhos é determinante e ainda segundo Macena (2012), pais afetuosos e envolvidos, que costumam dizer o quanto os filhos são importantes para eles, que demonstram ficar felizes quando estão em sua presença, estão contribuindo de maneira mais positiva na formação relacionada a uma autoafirmação, autoconceito e uma autoestima mais estruturada por parte dos filhos.

Considerações finais

41

Tempo é uma questão de escolha e quando se fala de qualidade de tempo se fala de necessidade. Parte dos problemas relacionais vivíveis em muitas relações dá-se ou pela ausência de tempo para diálogo ou ainda mais gritante é o fato de se ter tempo, mas não se ter qualidade nenhuma. Refletir sobre a qualidade é refletir sobre tudo o que se pode ganhar no que diz respeito a qualidade de vida familiar. Pais, cônjuges, filhos perecem por falta de amor e entenda-se que para amar é necessário não apenas estar junto, mas aproveitar ao máximo o tempo juntos, mesmo que sejam apenas poucos minutos.

O futuro de uma criança que cresce em um lar em que não apenas os pais, embora seja necessário que se partam dos adultos as iniciativas,

mas todos entendem a importância do tempo é um ponto gerador de grandes possibilidades positivas na estrutura de seus membros.

Referências

ACKERMAN, N. W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CHAPMAN, G.; CAMPBELL, R. **As cinco linguagens do amor das crianças**. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

LEMAN, K. **Seja o pai que sua filha precisa**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014.

MACENA, C. **Pagando o preço: os filhos são o seu melhor investimento**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livro, 2009.

WARREN, J. A.; JOHSON, E. J. The impact of workplace support on work-family role strain. **Family Relations**, v. 44, p.163-169, 1995.

WEIL, P. **A criança, o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

A importância do diálogo na mudança de comportamento adolescente

Flávio Henrique de Oliveira¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: A adolescência é um período marcado por mudanças físicas, cognitivas, sociais, emocionais e, também, comportamentais. Tais mudanças podem ser influenciadas por diversos fatores, como o círculo de amizades e o grupo familiar, que podem ou não ser

.....
¹ Pós-graduando em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: flavio.oliveira@adventistas.org.br..

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

coerentes nas opiniões e padrões comportamentais. A família pode pensar de uma forma e ensinar seu filho em um caminho, enquanto os amigos podem influenciá-lo e conduzi-lo por outro. O seguinte artigo teve como objetivo orientar uma família cujo filho adolescente mudou seu comportamento depois que começou a interagir com um novo grupo de amigos homossexuais, ficando mais agressivo e chegando em casa em horários diferentes que o costumeiro. Através de diálogos interativos com os pais e o garoto, e após aplicação de testes, foi possível chegar a algumas conclusões: o garoto se diz defender dessa forma por viver uma crise de identidade, sentindo desejos por pessoas do mesmo sexo, mas relata que luta para não viver dessa maneira pois não aceita ser homossexual. A partir da orientação, os pais passaram a investir mais tempo no filho, a conversar mais e mostrar que o amam, trocando as cobranças pelo diálogo. Os resultados foram positivos na mudança comportamental do adolescente.

44

Palavras-chave: Comportamento; Adolescência; Diálogo.

Abstract: Adolescence is a period marked by changes physical, cognitive, social, emotional and behavioral. Such changes may be influenced by several factors, such as the circle of friends and family group, which may or may not be consistent opinions and behavioral patterns. The family can think of a way and teach your child in a way, as friends can influence you and lead you on the other. The following article aims to guide a family whose teenage son changed his behavior after he began interacting with a new group of gay friends, getting more aggressive

and coming home at different times than usual. Through interactive dialogues with parents and the boy, and after application testing was possible to draw some conclusions: the boy claims to defend that way by living an identity crisis, feeling desires for the same sex, but reports that struggle to not live this way because it does not accept being gay. From the orientation, parents are investing more time in the child, to talk more and show that love, exchanging charges through dialogue. The results were positive in adolescent behavioral change.

Keywords: Behavior; Adolescence; Dialogue.

Introdução

45

Para Papalia (2006), a adolescência é a transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, que dura aproximadamente 10 anos, podendo começar por volta de 11 anos e terminar por volta dos 20 anos, onde ocorrem mudanças tanto físicas quanto cognitivas, sociais e emocionais. Van Pelt (2012) aponta que esse processo é necessário para estabelecer valores e firmar a identidade do indivíduo. O desejo dos adolescentes por liberdade e independência, a busca da identidade e as descobertas naturais dessa fase, levam os jovens a apresentar comportamentos e atitudes nunca antes vistos. Frequentar lugares impróprios, participar de um grupo novo de amigos ou optar por diversões que não se interessava antes podem ser algumas das novidades da adolescência (COLLIN, 2012).

Tais características, assim como os frequentes conflitos com a família, a agitação emocional e a diferença de valores com os adultos fazem com que a adolescência seja comumente chamada de “idade da rebeldia”. No entanto, segundo pesquisas, apenas 20% dos adolescentes se encaixam neste perfil de rebeldia (PAPALIA, 2006). Segundo a autora (PAPALIA, 2006), embora nem todos sejam rebeldes, usem drogas ou pratiquem atrocidades, os adolescentes enfrentam mudanças e conflitos.

Jonath (2005) afirma que o problema maior não está na fase em si, mas sim quando os pais perdem o controle da situação por não saber o que fazer quando a rebeldia é exagerada. Segundo Papalia (2006), se os pais interagem bem com seus filhos na adolescência, eles podem até passar mais tempo com seus amigos do que com a família, mas eles continuarão buscando suas bases e referências para a vida em seus pais. Comunicação saudável através de diálogos interativos, demonstração de amor dos pais pelos filhos, podem ser a solução para que mesmo o adolescente rebelde saiba que você ainda tenha o controle da situação e consiga ajudar seu filho a se conduzir por caminhos promissores (VAN PELT, 2012).

Com base nisso, o presente artigo teve como objetivo orientar uma família cujo filho de 14 anos se envolveu com um grupo novo de amigos e a partir daí mudou seu comportamento, tornando-se mais agressivo em casa e alterando seus hábitos e horários costumeiros. Neste caso os pais podem tomar atitudes como conversar com o filho ou tão somente exigir que volte a ter o comportamento de antes. Qual caminho seria o mais promissor?

Metodologia

Para entender melhor o contexto no qual a família estava envolvida, foram utilizados métodos diretos, como entrevistas e diálogos, e métodos indiretos, como testes, que ajudaram a interpretar o problema e realizar a orientação correspondente.

Participantes

A família envolvida está composta pelo pai, pela mãe e por cinco filhos, sendo que participaram do estudo somente três integrantes: o filho (TJS), de 14 anos e cursando o 8º ano; o pai (JJS), de 52 anos e mantenedor principal da casa, trabalhando como pedreiro todos os dias; e a mãe (BS), de 45 anos, que trabalha em casa de família dois dias por semana e os demais dias em casa. Todos moram na mesma casa.

47

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados, além do genograma e ecomapa, o Teste de Aptidão Profissional, Questionário de Relacionamento entre pais e adolescentes, e o Questionário Aplicado. Esses instrumentos foram utilizados no primeiro e segundo encontros, para entender o contexto e abrir possíveis caminhos para a solução.

A utilização do genograma permite visualizar os possíveis problemas psicossociais bem como o grau de relacionamento entre cada integrante da família em estudo, enquanto que o ecomapa revela o nível de relacionamento com o meio em que vivem e sua influência na família. No Quadro 1 são apresentados os outros instrumentos usados, bem como os participantes que preencheram tais testes, o objetivo e perguntas a modo de exemplo.

Quadro 1: Instrumentos utilizados 1

Instrumento	Participante	Objetivo	Ex Perguntas
Teste de Aptidão Profissional	Filho	Levar o participante a refletir sobre o futuro descobrindo suas áreas de interesse profissional	Qual foi a materia preferida do ensino médio? Você se sente confortavel em locais com muitas pessoas?
Questionário de relacionamento entre Pais e Adolescentes	Pais	Levar os pais a refletirem sobre o relacionamento com o filho	- A família conversa sobre os problemas? - O filho tem oportunidade de fazer perguntas e conversar em particular com os pais?

Questionário Aplicado	Filho e os pais	Questionário de perguntas de incentivo para entender o motivo que os pais procuraram ajuda e o que o filho pensava sobre a busca de solução.	- Filho: Você sabe por que seus pais pediram para você vir conversar comigo? Como é o relacionamento do seu pai com você? - Pais: Desde quando perceberam a mudança no comportamento do filho? Na visão de vocês o que precisa mudar para voltar a harmonia da família?
-----------------------	-----------------	--	---

*Fontes: Guia da Carreira (2015, Teste de Aptidão Profissional),
Van Pelt (2012, adaptado, Questionário de relacionamento entre
Pais e Adolescentes), o autor (Questionário Aplicado).*

49

Procedimentos

O contato inicial com os participantes foi amistoso, porém, a princípio os participantes estavam receosos em expor a situação e ao mesmo tempo ansiosos para tentar resolvê-la, porém aos poucos foram ficando mais à vontade. Foram realizados cinco encontros, sendo três com os pais e dois com o filho. No Quadro 2 são apresentados os detalhes de cada encontro, em relação à quantidade de tempo, participantes, objetivos e técnicas utilizadas para cada cliente entrevistado.

Quadro 2: Instrumentos utilizados 2

Encontro	Participantes	Duração	Objetivos	Técnicas utilizadas
1	Pais	4h	*Detectar queixa principal. *Estabelecer confiança. *Organizar as ações de cada um para solução do problema.	*Diálogo interativo. *Perguntas que revelam o grau de relacionamento com o filho.
2	Filho	3h	*Estabelecer confiança. *Detectar principal queixa. *Ouvir a história a partir do filho.	*Diálogo interativo. *Perguntas que revelam grau de intimidade com os pais.
3	Pais	3h	*Busca de soluções. *Desenvolver nos pais o diálogo com o filho. *Levar os pais a expressar carinho e dizer o que sente para o filho.	*Testes *Artigo sobre rebeldia anormal *Diálogo sobre relacionamento pais e filhos.

4	Filho	5h	*Busca de soluções. *Separar o conflito de identidade do problema da rebeldia produzida pelos amigos e ambientes que está frequentando. *Viagem pelo futuro e as consequências das más escolhas do presente.	*Teste aptidão profissional. *Diálogo interativo
5	Pais	5h	*Avaliar o processo de integração. *Avaliar a busca de solução.	*Diálogo interativo.

Desenvolvimento

51

Na adolescência, marcada pela transição da infância para idade adulta, o interesse por estar com os amigos aumenta ao mesmo tempo que diminui o interesse das atividades com a família. O motivo principal é que o adolescente busca prazer imediato o que inclui estar com pessoas que pensam como ele (PAPALIA, 2006). Papalia (2006) esclarece que, ao adentrar esta nova fase, o adolescente experimenta uma série de mudanças não somente físicas, como crescimento dos membros e órgãos do corpo, mas também psicológicas, como autoestima, e sociais, como desejo de estar mais com os amigos. Isso sem contar as mudanças hormonais que os adolescentes enfrentam, que levam a alteração do humor podendo assim desafiar o relacionamento familiar.

Portanto, o adolescente precisa saber lidar com essas diversas mudanças ao mesmo tempo, precisando de auxílio para enfrentar esse desafio sem muitos prejuízos na convivência com ele mesmo e com os que estão a sua volta (PAPALIA, 2006). Conforme a autora, os adolescentes de hoje correm mais riscos e ameaças físicas e psíquicas que os adolescentes de décadas passadas. Gravidez e partos precoces, contato com drogas ilícitas, acidentes, homicídios e assassinatos, devido ao consumo exagerado de bebidas alcóolicas, uso de drogas e atividades sexuais precoces são algumas situações às quais os adolescentes atualmente estão expostos.

52 Belsky (2010), por sua vez, aponta que os adolescentes em risco têm a tendência de ter um relacionamento familiar fraco potencializando, assim, sérios problemas futuros na vida do jovem, podendo se influenciar com grupos de amigos indesejáveis. Segundo Macena (2012), a rebeldia real pode aparecer na fase da adolescência alterando o comportamento do filho em relação a si mesmo e a família. Por isso torna-se fundamental a demonstração de carinho e afeto.

Nesta fase é normal os pais quererem ouvir só coisas agradáveis dos filhos, mas Van Pelt (2012) alerta que “os jovens precisam dividir suas alegrias, sim, mas também necessitam de alguém que ouça quando eles querem falar sobre seus problemas, temores e fracassos, precisam ser ouvidos por alguém que não se escandaliza com suas confidências nem faça recriminações” (p. 36). Conforme menciona a autora (VAN PELT, 2012), com frequência os filhos reclamam de que ninguém os ouve nem compreende o que eles sentem, e que somente os criticam o tempo todo. Segundo Jonath

(2005), o afeto que envolve trazer uma boa sensação de aceitação a outra pessoa é muito importante para que o filho sinta amado e aceito no ciclo familiar. A partir daí, os pais podem ouvir o que os filhos sentem e descobrir realmente quem eles são.

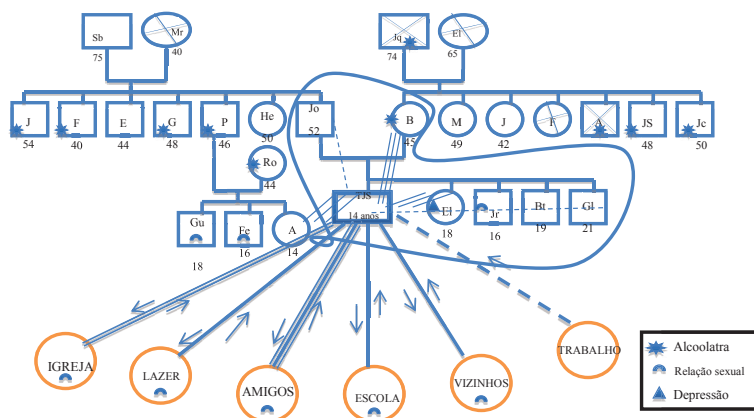
Belsky (2010) faz uma alerta dizendo que nesta fase também é comum a curiosidade pela prática sexual, inclusive pelo mesmo sexo. Alguns adolescentes já entram nesta fase com experiências sexuais ou de atração pelo mesmo sexo na infância, o que preocupa os pais pelo sexo de risco, comum nessa fase da vida. Para Springett (2007), a homossexualidade é um fator natural e, então, lutar contra este impulso sexual pelo mesmo sexo é quase impossível, pois seria o mesmo que lutar contra a natureza. Se seguirmos esta linha estaria explicado o comportamento agressivo do adolescente que está com conflito de identidade. O garoto que menciona ter sentimentos homoafetivos, normalmente não aceita esse fato e então prefere ser agressivo para que ninguém toque no assunto.

Belsky (2010) diz que alguns fatores podem contribuir para que o adolescente se saia bem nessa fase da vida, como estar na escola, ter bons amigos, apoio e presença da família, se apaixonar por algum esporte e frequentar um ambiente religioso. A religião ajuda a inserir o adolescente a um ambiente social favorável levando assim a praticar ações sociais, afastando o jovem para longe de encrencas, bem como, introduz o jovem em uma comunidade amorosa e incentiva a unidade da família.

Resultados

A Figura 1 apresenta os resultados obtidos a partir do genograma e ecomapa,

Figura 1: Genograma e Ecomapa familiar.



No genograma apresentado na Figura 1, é possível observar que o adolescente TJS tem um forte relacionamento com a mãe, a irmã e a prima, demonstrando se sentir à vontade com as figuras femininas da família. Com o pai, os irmãos e os primos, o relacionamento é mais distante. A família apresenta vários casos de alcoolismo, podendo indicar problemas emocionais e de afetividade acentuados, ou seja, situações de fuga a ponto de ter casos de depressão na família dentre eles a irmã.

O ecomapa mostra forte relacionamento com os amigos e a igreja que frequenta, gosta de ir à escola, estar com a vizinhança, e estar se

divertindo nas horas de lazer. No entanto, o relacionamento com o trabalho é fraco, podendo ser pelo fato de se sentir distante dos pais devido à ausência em casa para manter a família. Enquanto que com a mãe o relacionamento é mais forte pois ela só trabalha duas vezes na semana, o relacionamento com o pai, que trabalha a semana toda, é mais fraco.

Um item preocupante é a prática sexual em praticamente todos os ambientes em que TJS convive, tanto ambiente interno como externos. O garoto vive uma dupla identidade sexual, bissexualidade e escondido pratica sexo com outros garotos de forma constante entre amigos, colegas de escola, vizinhos e primos.

No início dos encontros o garoto estava com comportamento alterado e agressivo, a partir desses novos amigos. Os pais estavam tímidos, frustrados com a situação e ansiosos por solução. O garoto relatou como queixa principal as cobranças dos pais sobre seu comportamento. Estava tímido ao relatar sobre a homossexualidade e demonstrava ansiedade para busca de solução.

No terceiro encontro os pais estavam mais confiantes e animados por sentirem que a situação estava mais controlada entre pais e filho. No quarto encontro, o garoto me informou que os pais conversaram com ele e disseram que o amavam, independente do seu comportamento, mas que estavam preocupados com a realização e felicidade do filho no futuro. O garoto lembrou de pessoas que fizeram escolhas erradas na vida e tiveram seus sonhos interrompidos. Ele saiu animado e decidido a não frequentar os mesmos ambientes. Sabe que não será fácil, mas vai conversar com os amigos o motivo por que estará ausente do grupo, mas por sua escolha quer viver uma

vida diferente e ter paz com a família e ele mesmo. Decidiu procurar um psicólogo para a questão do conflito de identidade e voltar ao convívio da igreja que frequentava.

No quinto encontro os pais estavam com um semblante feliz e esperançosos. Contou sobre a conversa que teve com o filho, tanto o pai como a mãe conversaram com ele separadamente dizendo que o amava e disseram que o filho se emocionou quando ouviu os elogios. Os pais disseram que vão apoiar o filho na decisão de procurar um psicólogo. Os pais decidiram trocar a cobrança pelo diálogo com o filho. As técnicas utilizadas em cada um dos encontros para orientação foram relatadas e descritas anteriormente (ver Quadro 2).

Discussão

As mudanças são um processo natural da vida, tanto físicas, emocionais e sociais, principalmente em determinadas fases do ciclo vital, como na adolescência. No entanto, há grande preocupação por parte das famílias quando os filhos manifestam alteração de comportamento, acompanhada de atitudes que revelam rebeldia. Collin (2012) diz que, se olhar pela ótica que o ser humano responde a estímulos externos, sendo fruto do meio em que vive, então a tarefa principal será afastar o filho do ambiente do novo grupo, uma tarefa não muito fácil. Mas a situação vai além de participar de um grupo de amigos homossexuais. Os pais dizem que o problema maior não é o fato de serem gays, mas

sim a mudança no comportamento e o distanciamento que o garoto está apresentando com a família.

Enquanto lutar contra o impulso sexual pelo mesmo sexo é, segundo Springett (2007), uma tarefa quase impossível, o adolescente que vivencia um conflito de identidade sofre e com frequência apresenta comportamentos agressivos diante da dificuldade de aceitação desse fato. Quanto ao novo grupo de amigos, ele se sente bem, pois pode ser quem realmente ele é. No entanto, ele prefere estar em paz com a família e não se sente bem nos ambientes novos que está frequentando, pois isso vai contra seus princípios religiosos e de vida aprendidos desde a infância. Um conflito interno que se exterioriza, claramente, através da agressividade.

Papalia (2006) explica que os adolescentes são muitas vezes marcados como a idade da rebeldia. No entanto, somente um pequeno grupo deles segue o caminho desta dita rebeldia e que se os pais estiverem um bom relacionamento com os filhos, eles podem até passar mais tempo com os amigos, porém irão se basear naquilo que foi aprendido com os pais. Portanto, é necessário investir tempo, transmitir confiança e demonstrar muito afeto para que o filho se sinta amado e aceito para compartilhar seus sentimentos, temores e sonhos. A falta de diálogo dos pais e filhos sobre a vida e os interesses individuais de cada um pode trazer consequências desastrosas no ciclo familiar. Ainda mais quando o filho chega na idade da adolescência.

A demonstração de carinho, afeto e investimento de tempo se tornam fundamentais nesses casos, conforme apresentado anteriormente e confirmado nos resultados do presente estudo. Um filho deve

se sentir amado e aceito (JONATH, 2005), embora os seus comportamentos possam ser rejeitados.

Van Pelt (2012) aborda o fato de que as crianças e os adolescentes se queixam com frequência que ninguém os ouve nem entende eles. O problema maior entre os pais e o filho nesta situação está no distanciamento de relacionamento que ambos têm. Eles vivem na mesma casa e se veem todos os dias, mas nunca conversam sobre eles. Somente diálogos corriqueiros (como se vai jantar, tomar banho, que horas vai dormir), e nada sobre a vida deles.

Segundo a autora (VAN PELT, 2012), é normal os pais quererem ouvir só coisas agradáveis dos filhos, mas alerta que “os jovens precisam dividir suas alegrias, sim, mas também necessitam de alguém que ouça quando eles querem falar sobre seus problemas, temores e fracassos, precisam ser ouvidos por alguém que não se escandaliza com suas confidências nem faça recriminações” (p. 36). No caso em questão, ficou clara a importância do tempo investido pelos pais para a mudança comportamental, pois depois que o filho começou a ouvir que os pais o amam e eles passaram, ao mesmo tempo, a conversar sobre ele e seus interesses, o garoto tomou a decisão de se afastar das amizades que não são boas influências para o estilo de vida que ele quer levar e ainda quer estar bem com a família.

Considerações finais

Com frequência, os pais procuram um responsável para a mudança no comportamento do filho, sendo que a solução pode estar

em suas mãos. Um diálogo aberto, afetividade e demonstração de amor incondicional são ferramentas básicas para iniciar um processo de transformação da família.

As declarações do adolescente aconselhado resumem toda a história: *Pela primeira vez ouvi que meu pai e minha mãe me amavam, e isso me fez muito feliz. Hoje sei que posso contar com eles, portanto vou fazer meu melhor para fazê-los felizes* (TJS). Através da comunicação aberta e demonstração de carinho os pais decidem trocar a cobrança pelo diálogo e o filho preferiu então ouvir a família e escolher o caminho aconselhado.

Referências

59

DAVIM, R. M. B.; GERMANO, R. M.; MENEZES, R. M. V.; CARLOS, D. J. D. Adolescent/adolescence: theoretic review about a critical stage of life. **Northeast Network Nursing Journal**, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2oLAl1I>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

BELSKY, J. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre-RS: Artmed Editora, 2010.

COLLIN, C. **O Livro da Psicologia**. São Paulo, Globo Editora, 2012.

GUIA DA CARREIRA. **Teste Aptidão Profissional**. Disponível em: <<http://bit.ly/1zpCS4>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

JONATH, E. **Preparando os Filhos Para a Vida**. Belo Horizonte: Silveira Editora Grafica, 2005.

MACENA, C. **Pagando o preço**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre - RS: AMGH Editora, 2006.

SPRINGETT, R. M. **O limite do prazer**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

VAN PELT, N. **Como formar filhos vencedores**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

A importância do relacionamento familiar no desenvolvimento de uma criança no período escolar

Rute Soares Santos¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: O relacionamento familiar é de suma importância para o desenvolvimento dos filhos. Este artigo visa estudar as relações familiares com filhos na terceira infância, buscando apresentar as informações referentes ao desenvolvimento humano. Na terceira

¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: rutesoaresqueiroz@gmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

infância, que se estende dos seis aos 11 anos. O ser humano tem um processo de desenvolvimento unificado, com mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Participaram do estudo uma criança de dez anos, bem como sua mãe, o padrasto e sua irmã. A criança está no estágio operacional concreto, onde a mesma aprende principalmente que as quantidades podem assumir formatos diferentes. A coleta de dados foi realizada por meio de uma revisão de literatura e cinco encontros com a família. Neste estudo, os autores estudados, além de apresentarem as características específicas dessa fase, eles sugerem testes para ser realizado com o objetivo de tornar algo prático. Realizou-se uma pesquisa em loco em cinco momentos diferentes. A mesma aconteceu através de observações, entrevistas com os membros da família envolvidos e testes com a criança para avaliação do desenvolvimento. Os resultados encontrados salientam a importância do relacionamento familiar saudável para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Família; Desenvolvimento humano; Terceira infância; Criança.

Abstract: The family relationship is of paramount importance for the development of children. This article aims to study family relationships with children in middle childhood, trying to present the information relating to human development. In middle childhood, extending from six to 11 years. Human beings have a unified development process, with physical, cognitive and

psychosocial changes. The study included a ten years as well as his mother, stepfather and sister. The child is in the concrete operational stage, where it mainly learns that quantities can take on different shapes. Data collection was conducted through a literature review and five meetings with the family. In this study, the authors studied, in addition to having the specific characteristics of this phase, they suggest tests to be carried out in order to make something practical. We conducted a survey in place at five different times. The same happened through observations, interviews with family members involved and tests the child for evaluation of development. The results emphasize the importance of healthy family relationships for children's development.

Keywords: Family; Human development; Middle childhood; Child.

63

Introdução

O lar, primeiro contexto social da criança, foi chamado por Arón e Milicié (1994) de “crisol da personalidade” e é considerado como a matriz social em que são aprendidos os primeiros comportamentos interpessoais. A família, visualizada como a maior agência de socialização em nossa sociedade, constitui, para a criança, o primeiro ambiente significativo para seu desenvolvimento (ARÓN; MILICIÉ, 1994). Conforme White (2007), à medida que vão crescendo, as crianças vão absorvendo dos pais, ou dos

cuidadores responsáveis, as lições por eles transmitidas por meio de palavras e de ações. Segundo a autora, é no ambiente familiar que a educação deve ser iniciada, pois se a criança não for instruída de forma correta, aumentará a probabilidade de apresentar problemas e dificuldades futuras, que influenciarão principalmente nas relações afetivas.

Conforme aponta a literatura, a criança aprende, basicamente, por meio de três vias, que incluem a instalação de regras (instruções), as consequências dadas aos seus comportamentos (reforçadoras ou punitivas) e, além disso, pela observação de modelos, sejam eles adequados ou inadequados. Nesse sentido, a família tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, responsável pela transmissão inicial de valores e ensino de padrões comportamentais desejáveis (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Com base nessas considerações, o presente estudo teve como objetivo analisar a importância do relacionamento familiar no desenvolvimento de uma criança no período escolar, a fim de orientar a família e fazer uma correlação existente entre a teoria e a prática.

Metodologia

A metodologia utilizada foi, primeiramente, a pesquisa bibliográfica, com autores específicos referentes ao tema. Em seguida, foram realizadas observações, entrevistas com os envolvidos e testes específicos com o garoto.

Participantes

Participaram do estudo um garoto sua mãe, seu padrasto e sua irmã. O garoto (E.C.) tem 10 anos e frequenta o 4º ano escolar, a mãe (G.L.) tem 29 anos e está desempregada atualmente, o padrasto (S.M.) tem 28 anos e trabalha na construção civil, e a irmã (V.T.) de E.C. tem 7 anos e está cursando o 2º ano do Ensino Fundamental I.

Instrumentos

Foram utilizados, como instrumentos para o levantamento de dados e avaliação do desenvolvimento infantil, entrevistas testes e questionários específicos.

A *entrevista*, elaborada pela autora principal do presente artigo em duas versões (para pais e para a criança), forneceu dados importantes sobre o comportamento do garoto, o relacionamento com os membros da família e com os colegas da escola. A *versão pais* abordou questões referentes à estrutura familiar e ao garoto, desde o início da gravidez até o presente momento. De forma específica, analisou-se o desenvolvimento motor/físico e afetivo desde tenra idade, o comportamento em casa e em ambiente escolar, as atividades físicas, possíveis problemas de saúde, bem como a reação do filho frente à disciplina imposta a ele pela mãe e o padrasto. A *versão criança* abordou, por outro lado, o relacionamento dele com os irmãos, o padrasto, com a mãe e com os colegas da escola, mencionando coisas que o deixavam feliz e triste dentro do ambiente familiar.

Os *testes* utilizados com o garoto foram o de conservação de volume e matéria, retirados do livro *Psicopedagogia Clínica* (WEISS, 1997) de Jean Piaget. Realizou-se ainda, o teste simplificado de Ozeretsky, para medir o desempenho motor. Nesse teste, o garoto teve que realizar algumas atividades físicas, dentre as quais podemos destacar que com os olhos fechados ele deveria permanecer na ponta dos pés durante um tempo mínimo de 15 segundos para analisar o seu equilíbrio motor (MORA, 2008).

Finalmente, o *questionário* aplicado visou o acompanhamento do desenvolvimento afetivo e do pensamento, por meio de perguntas estruturadas. Para avaliar o desenvolvimento do pensamento, são realizadas as seguintes perguntas: O garoto pode reter mentalmente um desenho e depois repeti-lo de memória? Saber fazer analogias mais complexas do que no período anterior? Pode construir frases simples com duas ou três palavras que lhes são indicadas? (MORA, 2008, p. 371). Em relação ao desenvolvimento afetivo, o questionário inclui as seguintes perguntas: Mostra-se mais paciente e compreensivo? As identificações com os adultos têm deixado de ser simples imitações? Já teve algum pequeno flerte ou namoro? Há um amadurecimento apreciável no seu comportamento? Dá grande importância à sua turma ou grupo de amigos? (MORA, 2008, p. 367).

Procedimentos

O primeiro contato com a família aconteceu durante o *Evangelismo Mulheres em Missão*, realizado pela Associação Costa Norte no

Bairro Antônio Bezerra, na cidade de Fortaleza, a dois quarteirões da residência da família pesquisada.

Após a apresentação de uma palestra sobre autoestima, G.L. procurou a autora do presente artigo para pedir ajuda. Ela apresentou o garoto como sendo o problema da família, querendo sugestões e conselhos sobre como resolver os problemas de comportamento dele. No decorrer da conversa, notou-se que haviam outras coisas envolvidas. Entretanto, para cumprir o objetivo principal do estudo, foram necessários cinco encontros conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 1: Cronograma dos Encontros

Data	Local	Participantes	Tempo	Atividades Desenvolvidas
1º Encontro	Local público, a dois quarteirões da residência da família.	Mãe e padrasto	1h	Conversa informal com o casal. A queixa principal era a questão de ciúmes.
2º Encontro	Local Público, a dois quarteirões da residência da família.	Mãe e garoto	1h	A mãe se queixou da atitude do filho de 10 anos (garoto do estudo). Pediu para conversar com ele e dar alguns conselhos. Primeiro contato com o garoto.

3º Encontro	Residência da família	Marido e mulher	1h30	Entrevista com o casal para saber sobre o relacionamento conjugal. Conversa em particular com a mãe para obter informações para o genograma.
4º Encontro	Residência da família	Garoto e casal	2h30	Aplicação de um questionário para o casal e entrevista particular com o garoto.
5º Encontro	Residência da família	Garoto e mãe	2h	Aplicação dos testes práticos com o garoto para descobrir como está o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. Mais uma entrevista com a mãe.

Fonte: Fortaleza (2015).

Desenvolvimento

Os autores Silva e Silva (2010) dividem os estágios do desenvolvimento em idades. Eles chamam de “juvenis” àquelas crianças entre 10 e 13 anos de idade. Caracterizam-na nos seguintes aspectos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social. Em relação ao desenvolvimento físico-motor a criança gosta de se relacionar com outras pessoas de sua idade, possuem muita energia e sua comunicação verbal é fluente. Em

relação ao aspecto intelectual, a criança pode apresentar uma grande capacidade de atenção, tem interesses por temas específicos, quando orientada pode relacionar causa e efeito. Entretanto, segundo o desenvolvimento afetivo-emocional, a criança possui uma grande necessidade de aprovação, muda constantemente de humor, na maioria das vezes possuem baixa autoestima. Por outro lado, no aspecto social ela tem grande desejo de agradar e busca aceitação. É nesta fase que as crianças buscam referenciais nos adultos, que podem ser os pais ou os professores.

Entretanto, durante a terceira infância, que corresponde ao período cronológico que vai dos 6 aos 11 anos, acontecem mudanças no desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial da criança (MORA, 2008). Dentre as mudanças que podem ocorrer, Papalia e Olds (2009) apresentam uma visão geral desta fase chamada de terceira infância. Em relação ao desenvolvimento físico e cognitivo eles destacam que o crescimento é mais lento, é comum aparecer doenças respiratórias, o egoísmo diminui, a linguagem e a memória se aprimoram, o desenvolvimento cognitivo permite que a criança aproveite o ensino escolar e o pensamento lógico aparece, mas de forma concreta. Em relação ao desenvolvimento psicossocial, o autoconceito se torna mais complexo e afeta a autoestima e os amigos assumem um papel importante na vida da criança, porém sem deixar de lado a família com um papel fundamental.

Conforme Mora (2008), na idade escolar as crianças gostam de atividades em família. Para os meninos, a companhia do pai é muito importante, pois os meninos o consideram como “camarada”. O papel da mãe é tão importante ou mais que o do pai, pois ela está mais próxima

dos filhos. A sua ausência deixará marcas profundas na criança. Trará um vazio de afeto que precisará ser compensado, tanto quanto possível, por um novo referencial feminino que a criança se identifique, pode ser uma avó, uma tia, uma prima, madrasta, não importa (POLI, 2011).

O ideal de um pai e de uma mãe, não é ter um lugar perfeito para criar uma criança no sentido material, mas proporcionar um lar acolhedor e afetivo, onde se desenvolva amor mútuo (PELT, 2006). De acordo com Papalia e Olds (2009, p. 360),

Para entender a criança na família precisamos olhar para a família no ambiente — sua atmosfera e estrutura. Estas, por sua vez, são afetadas pelo que acontece além dos muros do lar. Conforme prevê a teoria de Bronfenbrenner, níveis adicionais de influência — incluindo o trabalho e a condição socioeconômica dos pais, e tendências sociais, como urbanização, alteração no tamanho da família, divórcio e novo casamento — ajudam a formar o ambiente familiar e, portanto, o desenvolvimento da criança.

É na família que acontece a formação do indivíduo, pois é o primeiro grupo social no qual faz parte. Nesse ambiente é onde existe o crescimento tanto físico quanto emocional, além da preparação para as realizações e conquistas e a aquisição de liberdade (WINNCONTT, 2012).

Winnicott (2012) aponta que a família pode produzir pessoas saudáveis, emocionalmente, estáveis, felizes e equilibradas, mas pode também produzir pessoas inseguras, desequilibrada e com comportamento desviado. Para ele, o ser humano logo ao nascer tem necessidades que

requerem cuidados especiais e compreensão. Ele precisa ser reconhecido como pessoa. Para tanto, a mãe seria a pessoa mais indicada para isso.

da relação saudável que ocorre entre a mãe o bebê que emerge os fundamentos da constituição da pessoa e do desenvolvimento emocional-afetivo da criança. Nada estabelece tão clara e satisfatoriamente a concepção infantil da mãe como um ser humano total do que as boas experiências durante a excitação, com gratificação e satisfação (WINNICOTT, 1964, p. 57).

Por outro lado, apresentamos a importância da escola na vida da criança na terceira infância. Para Papalia e Olds (2009), a escola é a maior experiência da vida de uma criança no período de sua formação. É nesse ambiente que a mesma adquire habilidades, conhecimentos e também é preparada para a vida adulta. Nessa fase, a criança possui um bom domínio de si, é capaz de pensar e raciocinar por si mesma, sendo também, em consequência, mais autossuficiente. Tudo isso a leva a modificar, em grande parte, suas relações com a família, com a escola e os colegas (MORA, 2008).

Mesmo a criança tendo suas características próprias, ela será influenciada pelo meio que a cerca. O ambiente escolar apresenta um grande número de informações que poderá alterar o comportamento dessa criança. Os pais por sua vez, devem proporcionar aos filhos condições adequadas para o estudo, como um local apropriado com mesa, cadeira, iluminação, dentre outros. Também não podem deixar de fiscalizar se eles estão realmente cumprindo o que foi solicitado pela escola. À medida que vão

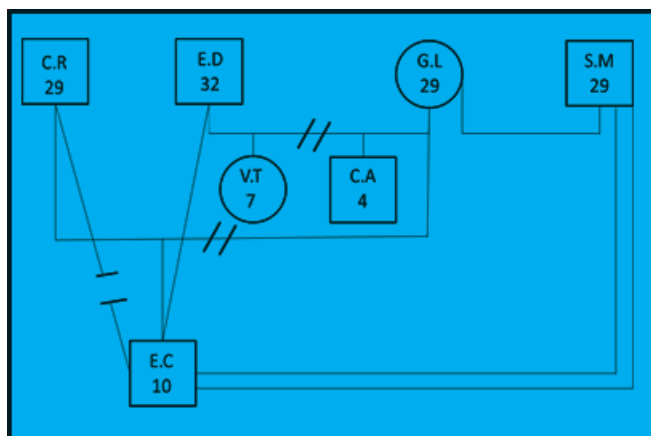
crescendo essa fiscalização pode diminuir, e a responsabilidade deverá ser repassada para os filhos (PAPALIA; OLDS, 2009).

Nesse contexto, Weber (2012) explica que educar com qualidade e de maneira positiva, compreende atitudes aparentemente antagônicas, pois requer estar envolvido e, ao mesmo tempo, deixar a criança encontrar o seu próprio caminho.

Resultados

Inicialmente, apresenta-se uma análise descritiva dos resultados obtidos de como é a configuração familiar do garoto E.C. A partir de entrevistas realizadas com a mãe G.L, pôde-se representar por meio de um genograma conforme a figura 1.

Figura 1: Genograma



Como é possível observar na Figura 1, o garoto mantém um bom relacionamento com a família, que inclui a mãe, o padrasto e os dois irmãos mais novos. O contato com pai biológico está rompido porque ele não sabe quem é seu pai biológico. Se for observado com atenção, nota-se que a mãe teve dois relacionamentos anteriores do atual, e dessas uniões nasceram três filhos. O garoto E.C. foi do primeiro e os outros dois do segundo relacionamento, que, segundo ela, durou uns 9 anos. Atualmente ela vive com um terceiro marido (S.M.), que assume os filhos como se fossem dele. Segundo informações fornecidas pela mãe (G.L.), o namoro com C.R. foi muito conturbado. Sua família não aceitava o mesmo, mas ela continuou com esse relacionamento contrariando a todos. Passado algum tempo ela fica grávida, procura o C.R. e conta para ele, mas, não encontra o apoio desejado. Nessa ocasião ela morava com sua irmã mais velha. A mesma, quando soube de sua gravidez, pediu que saísse de casa. Agora a única opção era voltar para casa de sua mãe. Nesse período foi que se envolveu com E.D.

73

A entrevista com E.C., foi de grande valia, pois em sua simplicidade de criança, notou-se que, para ele, a família era a base de sua vida. Sair com eles, brincar na pracinha em frente à casa, tomar sorvete e ir para o parque, era o que mais o deixava feliz. Por outro lado, os testes para a verificação do desenvolvimento físico e cognitivo próprio para a idade do garoto, ele apresentou mais dificuldades que sua irmã de 7 anos e, em alguns testes, não conseguiu realizar de forma correta. Como exemplo, pode ser citada à questão de elaboração de frases através de palavras e figuras sugeridas. Na questão do equilíbrio com uma perna só, e na atividade de colocar uma quantidade de moedas no cofre em um determinado tempo, seu irmão se sobressaiu muito melhor.

Na aplicação de questionários e testes, pôde-se perceber o seguinte: o garoto é fruto de um namoro da adolescência. Por essa razão, não conhece o pai biológico e que para ele o pai de sua irmã seria o seu, pois quando a mãe casou com esse homem, estava com seis meses de gravidez. Nesse momento estava fragilizada e tinha um amigo chamado E.D que se aproximou dela para ajudar, resolveu assumir o garoto que ela estava esperando e passou a morar com ela. Segundo as informações fornecidas pela mãe, os primeiros anos foram maravilhosos, mas quando os outros dois filhos nasceram começaram as brigas. Não tendo como suportar mais a situação ela se separou. Na ocasião conheceu o S.M que era solteiro e gostava muito das crianças. Namoraram pouco tempo e logo estavam morando juntos. Ainda na entrevista com o casal, notou-se que são muito apaixonados e só o que estava faltando era alguém que lhes mostrassem o lado bom de cada um.

74

O garoto E.C tem um talento natural espetacular, ele é capaz de fazer desenhos livres a partir de observação de figuras. Esses desenhos começaram a fazer parte de sua vida quando ele tinha apenas 6 anos. Hoje desenha até pessoas olhando apenas no facebook. Ele tem um bom relacionamento com o padrasto o atual marido da mãe. Apesar de o padrasto gritar às vezes com ele por causa dos xingamentos.

Discussão

Após a gama de informações adquiridas com a pesquisa de campo realizada com o garoto E.C de 10 anos de idade e família, principalmente sua mãe, obtivemos resultados que podem ser

confirmados com os dados da literatura pesquisada para a realização do presente artigo.

O primeiro aspecto que vale ressaltar é o apresentando por Silva e Silva (2010). Para eles, os estágios do desenvolvimento estão divididos em idade. Como o garoto E.C tem 10 anos, pode ser chamado de “juvenil”. Das características apresentadas pelos autores, podemos ver no E.C uma comunicação fluente, um desejo muito grande de agradar as pessoas — isso foi percebido nos encontros quando ele apresentava seus desenhos. A única característica que não condiz com o apresentado pelos autores foi a questão de a criança gostar de se relacionar com pessoas de sua idade, ele prefere a companhia de adultos, isso não agrada muito a mãe G.L.

Entretanto, de acordo com Papalia e Olds (2009), na terceira infância é comum a criança apresentar problemas de saúde, principalmente os respiratórios, mas não é o caso do E.C, pois, mesmo estando a baixo do peso para sua idade ele é um garoto saudável, não apresentando nem um problema de saúde, informações fornecidas pela mãe.

De forma geral, as respostas por eles fornecidas estavam de acordo com o observado. Quando a mãe se queixou do tratamento do filho com ela, constatou-se que a mesma tinha baixa autoestima, insegurança referente ao companheiro, pelo fato de ainda não serem casados legalmente. Apoiado na hipótese de que quando uma gravidez ocorre de forma indesejada e que a criança pode sofrer algumas consequências que podem acompanhá-la por toda a vida se não for trabalhada de forma correta, pensemos nos dados apresentado na pesquisa, que veio confirmar essa situação.

Notou-se durante os testes para a verificação do desenvolvimento físico e cognitivo apresentados por Mora (2008), próprio para a idade de

10 anos, que o garoto da pesquisa em alguns momentos apresentou mais dificuldades ou até mesmo não conseguiu realizar de forma correta os testes propostos. Entretanto, a irmã de 7 anos teve melhor desempenho.

Por outro lado, falando sobre relacionamento familiar, Mora (2008) apresenta o pai como figura importante para os meninos nessa etapa da vida. Mas, o garoto E.C não conheceu o pai biológico. Para ele, o pai é o mesmo dos dois irmãos mais novos — pois quando a mãe estava grávida de seis meses foi morar com esse homem. Apesar da figura paterna não está presente na sua vida, ela foi substituída pelo atual marido da mãe, a quem ele tem um excelente relacionamento.

Já para Poli (2011), o papel da mãe é tão importante ou até mais que o do pai para o desenvolvimento da criança. Entretanto se houver uma ruptura nesse relacionamento, poderá ocasionar marcas que a criança carregará pelo resto da vida. Mas, esse não é o caso do E.C. Mesmo passando todas as dificuldades apresentadas pela mãe na entrevista, ela sempre esteve presente na vida do filho. Aliás, Weber (2012), diz que a educação deve ser de qualidade e de maneira positiva, com envolvimento de todos para se obter bons resultados. E a família do E.C, mesmo na sua simplicidade e com todos os altos e baixos tem buscado realizar um relacionamento saudável.

76

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre o relacionamento familiar no desenvolvimento da criança no período escolar e a importância do aconselhamento. O primeiro passo do trabalho foi

identificar o problema através de conversas, visitas à residência da família, entrevistas com o garoto e o casal, aplicações de questionários e testes que foram relevantes para a construção do presente trabalho. Paralelamente a essas atividades, buscou-se uma gama de autores para fundamentar a pesquisa. A partir deste estudo constatou-se que, para se ter uma infância saudável e equilibrada, é indispensável considerar a forma como se é tratado dentro do ambiente familiar.

Autores destacados no assunto apontam que o desenvolvimento humano na terceira infância passa por mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Além disso, descobriu-se que o garoto pesquisado tem algumas deficiências específicas no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Mas por outro lado, ele apresentou um excelente destaque em relação à realização de desenhos livres. A conclusão final é que através do aconselhamento familiar, os relacionamentos podem ser melhorados consideravelmente, pois o casal G.L e S.M, que só viviam juntos, atualmente estão legalmente casados e ainda decidiram ao batismo. Segundo eles, agora estão felizes e podem dar um suporte melhor para sua família após as orientações que receberam.

77

Referências

ARÓN, A. M. S.; MILICIÉ, N. M. **Viver com os outros**: programa de desenvolvimento de habilidades sociais. Campinas: Psy II, 1994.

MORA, E. **Psicopedagogia infanto-adolescente**: puberdade e adolescência dos nove aos dezesseis anos. São Paulo: Cultura, 2008.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-hill, 2009.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. São Paulo: Vozes, 2005.

_____. **O mundo da criança: da infância a adolescência**. São Paulo: McGraw-hill, 2009.

PELT, N. V. **Filhos vencedores: desenvolvendo o caráter e a personalidade**. São Paulo: CPB, 2006.

POLI, C. **Pais responsáveis educam juntos**. São Paulo: Mundo cristão, 2011.

78

SILVA, W. D.; SILVA, E. J. **Guiando uma geração ao céu e ao cumprimento do propósito de Deus: ferramenta indispensável para pais, professores e líderes de crianças e adolescentes**. Maringá: Maranata, 2010.

WEBER, L. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&, 1997.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. São Paulo: LCT, 2012.

WHITE, E. G. **Orientação da criança**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Crise no namoro e no ambiente familiar

Tiago dos Anjos Cordeiro¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: O ciclo vital está caracterizado por mudanças e crises que se tornam um desafio para a dinâmica familiar, desde a perspectiva sistêmica. Baseado nisso, o presente trabalho teve como meta analisar a situação que levou à crise em questão, traçando um plano de intervenção objetivando a superação dessa crise familiar. Discute-se, ao mesmo

.....
¹ Pós-graduando em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: tiago_anj@hotmail.com..

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unaspedu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

tempo, o papel a ser desempenhado pelo conselheiro nesses casos. Para isso, foram realizadas entrevistas e elaborado um genograma, para a compreensão da dinâmica e vínculos familiares. Concluiu-se que o conselheiro tem um papel importante na recuperação de famílias sofredoras, sendo suporte na recuperação de laços considerados perdidos.

Palavras-chave: Família; Crise familiar; Aconselhamento.

Abstract: The life cycle is characterized by changes and crises that become a challenge for family dynamics from the systemic perspective. Based on this, the present work aimed to analyze the situation that led to the crisis in question, drawing an intervention plan aiming at overcoming this family crisis. At the same time, the role of the counselor in these cases is discussed. For this, interviews were conducted and a genogram was developed, to understand dynamics and family ties. It was concluded that the counselor has an important role in the recovery of suffering families, being support in the recovery of ties considered lost.

Keywords: Family; Family crisis; Counseling.

Introdução

O papel do conselheiro tem como foco fornecer capacitação e orientação para que famílias possam enfrentar melhor suas perdas,

tomadas de decisões importantes ou mesmo desapontamentos. O aconselhamento objetiva também o desenvolvimento sadio da personalidade, busca ajudar às pessoas a enfrentarem melhor as questões da vida, bem como seus conflitos pessoais e possíveis bloqueios emocionais. No âmbito familiar, conselheiros procuram auxiliar os indivíduos a resolverem conflitos advindos de seus relacionamentos interpessoais, buscando oferecer um estado melhor do indivíduo (COLLINS, 2004; WALDEMAR, 2008).

A crise é um “tempo espinhoso”, “momento de virada” no desenvolvimento de um processo, uma situação ameaçadora. Stone (1978 apud HOCH, 2008a, p. 144) entende crise como uma “reação emocional interna a uma circunstância externa que ameaça a pessoa”. Para Swtizer (1974 apud HOCH, 2008a), a crise é uma reação a um evento que ocasiona mudança súbita, situação que põe a prova nosso auto concepção, nosso senso de identidade pessoal. Caplan (1964 apud CLINEBELL, 2011) e Stone (1978 apud HOCH, 2008a) admitem que se trata de um sentimento de incapacidade de lidar com a situação. A crise familiar é um período de tensão e de conflito, que produz uma necessidade de reorganização das relações inter-relacionais assim como uma nova forma de funcionamento na família; a crise familiar geralmente é produzida pelo seu ciclo de vida (SANTOS, 2006, p. 166).

Crises surgem em diversos momentos da vida familiar, como a entrada à adolescência e interesse na busca de parceiros por parte dos filhos. Essa etapa traz preocupações para os pais, em especial para a mãe, e frequentemente envolve muitas entradas e saídas de

membros na família, tanto de genros e noras como dos próprios filhos. Neste momento, é imprescindível uma reestruturação do relacionamento conjugal, diante da ausência da responsabilidade paterna integral, bem como uma adaptação em relação ao papel de mãe e pai (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Com base nisso, o presente trabalho teve como meta principal compreender a dinâmica da família em questão e traçar um plano de intervenção objetivando a superação dessa crise familiar. Objetivos mais específicos foram estabelecidos, como compreender a família e a situação problema após ouvir os participantes mais envolvidos na questão, levantar dados bibliográficos referentes à questão e trabalhar com os pais e os filhos na solução da crise.

Metodologia

Por sua complexidade, esta pesquisa seguiu pelo caminho da análise qualitativa, com o fim de entender a dinâmica familiar, se concentrando nos pontos mais centrais, numa ótica sistêmica, e usando as técnicas do aconselhamento familiar, pelo conteúdo da formação do curso, bem como da revisão bibliográfica. O material bibliográfico foi reunido através de pesquisa nos terminais de busca da biblioteca das Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão e bases de dados acadêmicas on-line com os seguintes termos: aconselhamento familiar, crise familiar, crise na família, ciclo vital familiar, aconselhamento, terapia familiar, conjugalidade.

Participantes

Os participantes centrais do trabalho são: L.A., de 55 anos e mãe de A.C., um jovem rapaz de 26 anos, e sua namorada C.R., de 22 anos (todos nomes fictícios).

Instrumentos

Para obtenção de informações foram usados métodos indiretos, através de entrevistas com os participantes, em primeiro lugar individualmente, posteriormente com o jovem casal de namorados. Não foi autorizada a gravação dos encontros, portanto a obtenção e registro de dados foi apenas por discretas anotações. Marconi e Lakatos (2002) definem entrevista como um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informação acerca de um determinado assunto ou situação. Tendo também como premissa o que Lopez e Escudero (2003) pressupõem para uma entrevista salutar: clareza na comunicação; empatia/conexão emocional; autenticidade/credibilidade; ritmo adaptado ao cliente; estímulo para que o cliente fale; dessa forma procuramos criar uma aliança com a família.

Além das entrevistas, outra ferramenta chave, que proporcionou uma visão mais ampla da situação, foi o genograma. Dattilio (2011, p. 119) afirma que: “um genograma é usado tanto para diagnosticar quanto de maneira terapêutica para descobrir importantes informações sobre a história e a família de origem de uma pessoa [...]”.

Procedimentos

Foram realizadas reuniões semanais com os participantes (L.A., A.C. e C.R.), em um total de sete encontros. Nota-se que, a pedido da C.R., não foi possível conversar com os pais dela devido a conflitos constantes em seu lar. Portanto, as informações apresentadas no trabalho em relação à família de C.R. derivam exclusivamente dela. No Quadro 1 são apresentados detalhes dos encontros.

Quadro 1: Trajetória do aconselhamento

Sequência	Participantes	Objetivos	Tempo de duração
1º encontro	L.A.	Ouvir sua história; compreendê-la.	80 min
2º encontro	L.A.	Ouvir a continuação de sua história.	60 min
3º encontro	L.A.	Orientação quanto ao seu relacionamento com a namorada de seu filho mais novo.	65 min
4º encontro	A.C.	Ouvi-lo, e entender como ele se sente diante da situação. Orientação quanto aos prejuízos que têm causado essa relação, para eles e para o entorno familiar.	50 min
5º encontro	C.R.	Ouvi-la, e entender como ela se sente diante da situação. Compreender seu histórico familiar e expectativas de relacionamento.	120 min

6º encontro	O casal A.C. e C.R.	Ouvi-los e buscar compreender os objetivos de ambos com o relacionamento. Apresentar os riscos dessa relação, consequências de suas atitudes, para si e os familiares.	60 min
7º encontro	O casal A.C. e C.R.	Orientação quanto a possibilidade de trabalho para solução de conflitos entre eles e com os familiares. Orientação quanto ao casamento. Conversa avaliativa.	60 min

Desenvolvimento

Nesse aconselhamento foi dada muita atenção ao *rapport*, principalmente nos primeiros encontros (IMMER-BLACK, 1994), buscando transmitir competência e confiança, sendo sensível às necessidades e medos da família (TAIBBI, 2010). Procurou-se demonstrar atenção para a família, mostrar que o objetivo era fazer com que a família tivesse uma visão diferente das problemáticas enfrentadas, enxergando mudanças necessárias.

A família, instituição base da sociedade, tem como função social transmitir os valores que constituem a cultura, desenvolvendo uma educação formal (BOOK, 2002). Ela proporciona o desenvolvimento das estruturas que a curto, médio e longo prazo contribuirá para o equilíbrio que o indivíduo necessita para alcançar níveis mais elevados (COSTA, 2006). Sadock e Sadock (2007) ressaltam uma convivência adequada é preponderante para a saúde psicológica e a sensação de bem-estar da família.

Isso envolve estar preparado para enfrentar as crises que fazem parte do ciclo vital de forma adequada. Se considerarmos as fases que fazem

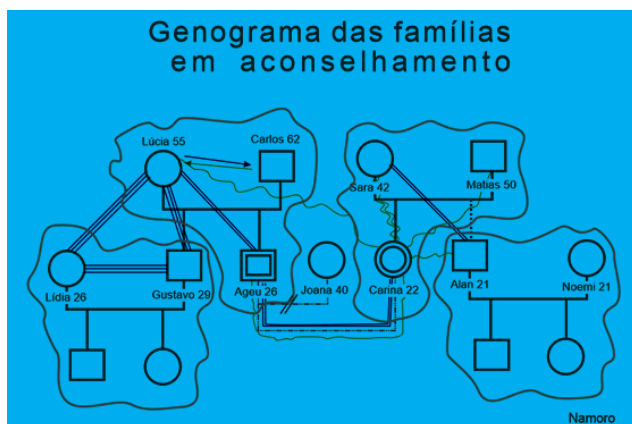
parte do ciclo de vida familiar, a idade adulta avançada, perto da meia idade, é a mais complexa e extensa. Nesse estágio, as preocupações relacionadas à escolha dos cônjuges de seus filhos chegam ao ápice de sua força, visto que lhes é imposta a aceitação da nora ou genro na família. Isso se junta à realidade de que o casal agora necessita aceitar as diversas entradas e saídas de membros do rol familiar. É necessário nesse período também a reestruturação conjugal devido à perda dos papéis de pais em tempo integral bem como questões relacionadas às finanças e aposentadoria (CERVENY; BERTHOUD, 2009; CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Resultados

86

A partir das entrevistas realizadas, foi possível elaborar o genograma, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Genograma



Como é possível observar na Figura 1, L.A. e seu marido tiveram dois filhos: um com 29 anos, que está casado e com dois filhos, e o outro com 26 anos, identificado como A.C. (participante deste trabalho). O filho mais velho mantém uma relação bem forte com os pais, bem como sua esposa, sendo um fator positivo na família.

Por outro lado, A.C. passou por vários relacionamentos amorosos e altos e baixos na vida dele, principalmente religiosa. Atualmente namora C.R., que pertence à mesma religião de L.A. e se caracteriza por ser muito ciumenta, nervosa, agressiva e impaciente. Um dos motivos de ciúmes é a ex namorada de A.C., que é mais velha e ainda frequenta a casa da família. L.A. já presenciou intensas brigas, violência emocional e física entre C.R. e A.C., motivo pelo qual ela teve diversas crises nervosas e então proibiu C.R. de ir a sua casa, por conta dos escândalos que já aconteceram.

87

Conforme apresentado no genograma, C.R. mantém vínculo conflituoso com a sua mãe e a sua sogra, ao mesmo tempo que tem uma relação ambivalente com A.C., com momentos de muitas brigas e discussões. Na descrição a seguir, de cada um dos encontros, ficará mais clara a dinâmica intrafamiliar e com outros membros externos.

Nos dois primeiros encontros, foi possível ouvir a história de L.A. (mãe). Ela relatou que seu marido, quando eram namorados, demonstrava ser muito carinhoso e atencioso. Isso permaneceu durante os primeiros 20 anos de casamento, até o momento em que ele se envolveu com outra mulher. Motivada pelo amor que sentia, L.A. o perdoou, mas esse acontecimento se repetiu após algum tempo. E nesse último episódio, o vínculo desenvolvido entre seu marido e essa

mulher foi mais forte. Segundo L.A., ele foi categórico quando visitado pelo líder religioso da família dizendo que ele não deixaria a amante, e que se L.A. aceitasse dessa forma, continuariam juntos, se não iria embora. Assim sendo, com o apoio e insistência dos filhos, L.A. decidiu terminar com o casamento.

No entanto, dois dias antes de sua ida, o marido de L.A. ficou inesperadamente doente, deixando-o acamado até hoje. Com movimentos limitados e constantes espasmos musculares, passou a ser cuidado por sua esposa e filhos. A família enfrentou, a partir disso, muitas dificuldades financeiras, associadas à perda do ingresso do marido, bem como aos gastos vinculados ao cuidado dele. Tanto os filhos quanto L.A. estiveram fortemente envolvidos na busca de soluções, porém, atreladas a intenso sofrimento emocional. Apesar desse cuidado e amor demonstrado por L.A., o marido desenvolveu um ciúme doentio de sua esposa e se tornou fisicamente agressivo.

No terceiro encontro procurou-se orientar a L.A. em relação a formas assertivas de diálogo tanto com o seu marido quanto com A.C., pois geralmente ficava nervosa e acaba agindo/falando com agressividade. Também foi trabalhada a importância de não colocar rótulos em C.R., diferenciando comportamento desagradável da pessoa em si.

No quarto encontro, do qual participou somente A.C., foi relevante ouvir a versão dele em relação a toda a situação familiar. A.C. afirmou já ter superado a crise passada entre o pai e a mãe, e se colocou como tendo um bom emprego, um patrimônio considerável e sem preocupações quanto ao futuro. Segundo ele, ama sua namorada, mas não se casou com ela ainda por não ver equilíbrio emocional,

tendo frequentes crises de ciúmes e atitudes violentas. A.C. também admitiu que os amigos e familiares não concordam com o relacionamento, o que também contribui para que ele não case com C.R.

No quinto encontro, ouviu-se a C.R., quem relatou que no primeiro ano de namoro tudo corria muito bem, mas assumindo que posteriormente começaram as discussões, causadas geralmente por ciúmes excessivos da parte dela, com a antiga namorada de A.C. Desde então, eles têm brigado por tudo, desde dinheiro até amigos e familiares. C.R. afirma que isso tem feito mal para suas famílias, e é consciente do sofrimento da mãe de seu namorado. C.R. não se sente tão amada e valorizada por seu namorado. Segundo ela, em uma situação de necessidade, diante de uma doença a qual lhe requereu um remédio caro, valor este que ela não tinha, A.C. sabia da situação e não a ajudou, e essa situação a deixou preocupada em relação ao sentimento do namorado por ela.

Os conflitos enfrentados por C.R. não se limitam à família de A.C., sendo mais complexo ainda o relacionamento intrafamiliar. Ela afirmou que não tem um bom relacionamento com sua mãe e que sofre violência física, algumas vezes em público. Seu irmão mais velho é viciado em drogas, e todos os recursos são direcionados para ele, bem como a atenção e o cuidado também. O relacionamento com o pai é frágil, ele é alcoólatra e eles não possuem muita proximidade afetiva, mesmo morando sobre o mesmo teto. Por esses motivos, C.R. não vê a hora de sair da casa dos pais, já tendo pensado em fugir, pois já não suporta mais essa situação. Segundo ela, A.C. sabe de toda essa situação e “não faz nada”, que já poderiam estar casados porque seu

namorado já tem uma casa. Ela foi orientada a procurar um apoio mais específico, que proporcione melhores condições de lidar com sua complexa realidade familiar. Foram trabalhadas reações assertivas e a importância do diálogo na resolução de conflitos, assim como técnicas de autocontrole.

No sexto encontro estiveram os conselheiros e o casal de namorados. Foi retomado como foi o início do relacionamento e o começo e teor das discussões, bem como os sentimentos de cada um atrelados a isso. A.C. foi muito aberto e demonstrou motivação para lutar pela relação, estando disposto a procurar alternativas de melhorar seu comportamento. C.R. também afirmou querer lutar pelo relacionamento, estando disposta a trabalhar seu ciúme e a dificuldade para controlar sua raiva. Foi destacado que o risco dessa união ser um fracasso dependia deles, e que a possibilidade de serem felizes também dependiam deles.

O sétimo encontro foi destinado a avaliar os avanços ou possíveis retrocessos do casal e, conforme a demanda, foi ainda trabalhado o ciúme excessivo por parte de C.R. e foram ensinadas estratégias de controle emocional e formas de melhorar o relacionamento familiar. Foram deixados com o casal materiais bibliográficos que abordam os problemas enfrentados por eles.

Discussão

Claramente, os participantes da pesquisa enfrentavam diversos conflitos, que estavam prejudicando a dinâmica familiar. Conforme

aponta Caplan (1964 apud CLINEBELL, 2000), a maioria das pessoas enfrentam crises durante sua vida, tanto pessoas como familiares. O que definirá o processo será a forma de lidar com tais situações. Enquanto um clima familiar adequado constitui fator de proteção para o desenvolvimento de seus membros, “por falta de um contato mais próximo e afetuoso entre as famílias, surgem as condutas caóticas e desordenadas que se reflete em casa” (MALDONADO, 1997, p.11).

Através dos dados obtidos, observou-se que a família de L.A. está conseguindo lidar bem com o problema da invalidez de seu esposo. Apesar da traição passada, L.A. tem cuidado de seu esposo, por e com amor. O filho mais velho não enfrenta dificuldades no relacionamento familiar, sendo um apoio para a mãe. Por outro lado, embora o relacionamento de L.A. e A.C. seja agradável, quando o assunto é namoro, desacordos acontecem, pois L.A. não apoia o namoro entre A.C. e C.R.

L.A. já sofre muito com seu esposo e teme sofrer junto com o filho por causa deste relacionamento, e por isso luta para que ele se afaste dessa jovem. Ficou evidente, porém, que apesar do ciúme exagerado e descontrole emocional da moça, o rapaz gosta muito de sua namorada e mesmo quando tenta terminar o namoro, não consegue. Ele e sua namorada estão passando por um momento de crise, onde brigam muito e a até se agrirem, o descontrole é tanto que isso aconteceu mais de duas vezes na frente de familiares, a partir de crises de ciúmes. Lipp (2002 apud LIPP, 2009) afirma que o fator que desencadeia estresse pode ser real, ou imaginário. Nessa situação, tudo indica que é imaginário, baseado no medo que ela possui de perdê-lo.

Foi evidente que a figura central na intervenção devia ser C.R., desencadeadora e vítima dos conflitos analisados. Em sua própria casa, sendo vítima pela situação familiar vivida, e na relação com o namorado vitimizando a família dele ao reproduzir padrões apreendidos em sua própria casa. Ela própria não sabe como lidar com os conflitos.

Acertadamente, Matos et al. (2006, p. 7,8) expõe a situação vivida por C.R. da seguinte forma:

Essa relação entre a violência no namoro e a vitimização na família de origem pode ser melhor compreendida à luz da perspectiva da transmissão intergeracional da violência. Este tipo de explicação, que tem subjacente a noção de aprendizagem social, postula que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, especialmente pelos membros da sua família, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação” (GELLES, 1997), Margolin et al., citados por Cox e Stoltenberg (1991) e Dutton (1999) sugerem ainda que a modelagem não se processa só através de mecanismos vicariantes, mas também pela modelagem de certas características de personalidade que sustentam a agressão na intimidade (e.g., tendência para externalizar a responsabilidade, emoções desproporcionais face à rejeição/abandono).

Ficaram evidentes as consequências da violência doméstica sofrida por C.R. e como isso estava internalizado em seu comportamento. É manifesto que a violência transpassa gerações e perpetua o sofrimento não apenas a vítima imediata, mas, seus vínculos futuros. Outro ponto que corrobora com isso é o desejo de C.R. sair logo de sua casa. A principal necessidade de C.R. é o casamento, pensando que assim ela estará liberta de

sua família e da violência sofrida, sonhando com o sossego de sua própria casa e de desfrutar da privacidade de um lar para chamar de seu. A mãe dela não tem preocupação sobre o namoro da filha e muito menos o pai.

Pelo *rappport*, foi possível receber aceitação e disponibilidade e interesse do casal de namorados em melhorar sua relação, também foi possível combinar com a mãe da família estar mais aberta para C.R. namorada de seu filho. O casal foi a ênfase do aconselhamento. Nesse sentido procuramos seguir conselhos teóricos apresentados por Taibbi (2010, p. 193-198). Os pontos trabalhados foram: melhorar a comunicação das emoções, limpar a hostilidade da comunicação; interromper a violência. Aqui trabalhamos a responsabilidade que tiveram diante dos atos de violência e que possuíam o mesmo poder para não a fazer mais, ambas são responsáveis por mudar os padrões de agressão.

No último encontro, o casal afirmou que desde que procuraram os conselheiros, haviam sentido mudanças no relacionamento, não ocorreram mais brigas no período do aconselhamento nem agressões físicas. Afirmaram que a mãe dele estava mais aberta para recebe-la, já tinha conversado tranquilamente e estavam recriando o vínculo e a confiança.

93

Considerações finais

Nesse trabalho, além do levantamento teórico acerca da crise familiar e de outros assuntos específicos, como violência no namoro, comunicação assertiva, reestruturação familiar diante da doença degenerativa do marido, a indiscutível formação sistêmica da família e os demais assuntos, foi

a oportunidade de enxergar e tocar esses pontos na prática. Descobrir em “além livros” as verdades teóricas, e como são verdadeiras e aplicáveis.

Com relação à intervenção, esse estudo nos permitiu aplicar na prática o aconselhamento familiar, viver o aconselhamento, e desfrutar de resultados salutaros, diante da reorganização dos relacionamentos, mãe, filho e namorada. Foi abordado o alcance do aconselhamento diante de situação de violência, como possibilidade de atuação e visão da violência na família, trazendo assim um ambiente para que os membros se relacionem de forma assertiva, evitando a presença de situações violentas.

Referências

94

BOCK, A. M. B. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M.; FONSECA, J. **As Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

DATTILIO, F. M. **Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2011

IMBER-BLACK, E. (Org.). **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LIPP, M. E. N.; CABRAL, A. C.; GRUN, T. B. Estudo de caso: treino cognitivo de

controle da raiva em paciente com hipertensão leve. **Revista brasileira de terapia comportamental cognitiva**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 231-245, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2o3JGmM>>.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva 1997.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATOS, M. *et al.* Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia teoria e pratica**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2o3WXMe>>. Acesso em: 11 set. 2015.

95

MINUCHIN, S.; NICHOLS, M. P.; LEE, W. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema**. Porto alegre: Artmed, 2009.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WALDEMAR, J. O. Terapia de Casal. In: CORDIOLI, A. V. (org) **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Família como fator de proteção em meio aos conflitos da adolescência

Alexsandra de Azevedo Caldas¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: Atualmente, vê-se na sociedade moderna os laços familiares se deteriorando cada vez mais em meio aos conflitos acontecidos e não resolvidos e vivenciados por seus membros. Recai sobre os mais velhos o difícil papel na educação daqueles mais jovens, de maneira que eles se tornem pessoas confiantes na fase adulta. Com o objetivo de analisar o contexto familiar a partir da observação, visitação e diálogo aberto com uma família,

¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: alexsandracaldas@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

foi possível identificar fatores de risco, proteção e a problemática relacionada aos conflitos da adolescência gerando contenda na família. Houve a intervenção por meio de aconselhamento, dinâmicas e biblioterapia levando a reflexão sobre confiança, segurança e interação, obtendo como resultado a superação da crise e o restabelecimento da família. Constatou-se a importância de um relacionamento familiar saudável, onde regras e disciplinas existem e são tão importantes para o desenvolvimento dos filhos quanto o é o amor ensinado pelos pais por meio do exemplo pessoal.

Palavras-chave: Família; Conflitos; Adolescência; Relacionamento.

98

Abstract: Currently is seen in modern society family ties deteriorating increasingly amid happened conflicts and unresolved and experienced by its members. Lies with the older the difficult role in educating those younger, so they become confident people in adulthood. In order to analyze the family context from observation, visitation and open dialogue with a family, it was possible to identify risk factors, protection and issues related to adolescent conflicts generating strife in the family. There was intervention through counseling, and bibliotherapy dynamics leading to reflection on security, confidence and interaction, obtaining as a result of overcoming the crisis and restoring family. The importance of a healthy family relationship, where there are rules and disciplines and are so important to children's development as it is the love taught by parents through personal example was found.

Keywords: Family; Conflicts; Adolescence; Relationship.

Introdução

Segundo a literatura, a família constitui o primeiro grupo de valor significativo para um indivíduo e o contexto inicial para a socialização. É sob orientação dos pais ou por meio de seus exemplos que as crianças aprendem sobre limites, respeito, disciplina e amor (SANTOS, 2010), e criam as bases para o desenvolvimento da segurança (GOMIDE, 2014). De acordo com Weber (2014), é necessário investir na educação sábia desde tenra idade, preparando-os para os anos e desafios vindouros, como a fase da adolescência.

Segundo a Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990), que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, a *adolescência* refere-se ao período de vida que compreende os indivíduos entre 12 e 18 anos de idade. Piletti, Rossato e Rossato (2014) apontam que a adolescência é uma fase preparatória para a entrada no mundo adulto, caracterizada por rápidas transformações que influenciarão nas suas escolhas comportamentais (TROMBETA; GUZZO, 2002).

De acordo com Reppold (2002), um bom funcionamento familiar, a existência de vínculo afetivo, o apoio e o monitoramento parental são indicativos de fatores protetores no desenvolvimento humano. No entanto, no ambiente familiar também existem conflitos e estes podem, em algumas situações, causar prejuízo no desenvolvimento da personalidade e do caráter dos filhos (SANTOS, 2010). Desse modo, a família pode ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, de acordo com as características e funcionamento da mesma.

Campos (2012) diz que, inevitavelmente, conflitos advirão a cada adolescente que se encontra nessa etapa de amadurecimento para a vida, mas eles necessitam dos pais para ajuda-los a atravessar os conflitos da adolescência. Segundo Gomide (2014), é por meio do estabelecimento de regras adequadas, distribuição de privilégios, de afeto, acompanhamento, supervisão e generosidade que os pais promovem o bem-estar da família.

Com base nisso, o presente artigo teve como objetivo apresentar dificuldades encontradas na fase da adolescência e mostrar que a família é um dos meios de proteção para superar esta fase da vida, ajudando-os a buscar melhores soluções para vencer os conflitos que encontram no período da adolescência.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, fez-se necessário a realização de pesquisas bibliográficas sobre o tema a ser abordado, realizando a escolha de uma família para que fossem realizados estudos de sondagem por meio de entrevista, avaliação e orientação com a família selecionada.

Participantes

A amostra para este estudo foi composta por uma família de quatro membros: pai, mãe e um casal de filhos. O pai, identificado

por J.P., tem 40 anos, é bacharel em pedagogia, trabalha na função de motorista de transporte coletivo e em seu tempo livre exerce a função de professor voluntário na comunidade religiosa denominada Adventista do Sétimo Dia. A mãe, M.P., 39 anos, exerce as atividades do lar e atua como capelã do Clube de Desbravadores, que trabalha com crianças entre nove até 16 anos. A filha, B.P., 13 anos, estudante, que participa das atividades de cantar e contar histórias na igreja para crianças menores e é líder (capitã) de uma unidade do Clube de Desbravadores, composta por sete meninas participantes. O filho, L.P., tem 10 anos e é estudante.

Instrumentos

101

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: (1) Genograma, para retratar a estrutura familiar; (2) Ecomapa, para representar a ligação da família às pessoas e estruturas sociais do meio que habita; e (3) Entrevista semi-estruturada, seguida por diálogo informal, que permitiram apurar informações sobre a estrutura familiar e suas principais queixas.

Para a entrevista, foram realizadas perguntas de sondagem básicas, diferentes para os pais e filhos. As perguntas para B.P e L.P envolviam informações sociodemográficas (nome, idade, nome dos pais, série que estuda, nome da escola), de relacionamento (com cada membro da família, com amigos e com a vizinhança), questões familiares (se brincam juntos ou passeiam juntos) preferências em

atividades (o que mais gostam de fazer) e sentimentos associados à família (o que os deixam tristes ou não gostam em relação aos pais).

A entrevista realizada com J.P e M.P, por outro lado, abordou questões sociodemográficas (nome, idade, tempo de casamento, data de nascimento dos filhos), gerais (razão de terem vindo de uma cidade grande para uma região sem muitos recursos, forma de sustento econômico, vizinhança), de relacionamento conjugal e análise parental (como foi o desenvolvimento dos filhos, como é a educação dos filhos, como acompanham seus filhos na escola, quais as características dos filhos e quais as principais queixas em relação aos filhos).

A partir das perguntas acima mencionadas, foi possível analisar o desenvolvimento dos filhos, os descontentamentos dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais, regras e disciplinas familiares. Para a intervenção, utilizaram-se conselhos, dinâmicas e biblioterapia.

102

Procedimentos

A família participante foi escolhida a partir da indicação do pastor responsável pela região eclesiástica onde a referida família está inserida. Usou-se como critério de seleção que fosse uma família com filhos adolescentes e que estivessem com dificuldades no relacionamento familiar.

Foram realizados vários encontros com objetivos específicos e membros participantes diferentes, conforme apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Tabela de Encontros

TABELA DE ENCONTROS			
Encontros	Participantes	Objetivo das Entrevistas	Duração
1º	Os pais	Coletar informações sobre as principais queixas familiares	90min
2º	Os filhos	Coletar informações quanto as principais queixas dos filhos	90min
3º	Pais e filhos	Coletar informações quanto ao ambiente, caracterização da família e fatores de proteção e de risco	150min
4º	Pais e filhos	Promover a interação familiar com aplicação de dinâmica e orientação para biblioterapia	150min
5º	Os pais	Incentivar a interação familiar por meio de dinâmica e orientação para biblioterapia	90min

Desenvolvimento

Ter uma família bem-sucedida não é tarefa fácil, pois é necessário muito mais que prover o básico para a sobrevivência de seus membros. A escritora Weber (2014, p. 13) afirma que “educar bem, significa preparar o seu filho para a vida, para ser autônomo e viver confiante. Eles precisam se sentir seguros e confiantes, e isso ocorre a partir das regras dos adultos”. Inclusive, a autora assevera que os pais devem educar os filhos de maneira que saibam enfrentar as dificuldades da vida, que sejam fortes e que se sintam amados para que consigam desenvolver autocontrole e direcionamento próprio. Semelhantemente, Gomide (2014) diz que demonstrar para o filho que ele

é importante, amado, capaz, faz parte das obrigações dos pais que desejam o bem-estar de seus filhos.

Para isso é necessário que os pais guiem seus filhos com amor e, para que os filhos percebam esse amor, é preciso, segundo White (1892, p. 260), lhes “dar oportunidade de verem as gentilezas de seu pai para com sua mãe, bem como o respeito e a consideração que ela rende ao esposo. E observando o amor que existe entre os pais”. Tal ponto condiz com a teoria de Bandura mencionada por DePaula (2009), que aponta a observação como uma das principais vias de aprendizagem ao longo da vida, dando importância aos modelos aos quais somos apresentados. E, segundo Weber (2014, p. 12), aquilo “que eles aprenderam com os pais levarão até o fim da vida”.

Os pais transmitem seus modelos e valores morais aos filhos, que formam um cidadão. Contudo, devem estar atentos ao desenvolvimento destes, pois é devido a admiração e aprendizado que os filhos fazem julgamentos morais apropriados. E é por meio da valorização de padrões morais de conduta juntamente com a monitoria positiva que se evita o desenvolvimento de comportamentos inadequados (GOMIDE, 2014).

Nesse sentido, conforme Campos (2012), quando o indivíduo tem suas necessidades de carinho e afeição atendidas na infância, em geral ao defrontar-se com o *stress* da adolescência o encaram com um considerável grau de segurança e resistência. Hawkins (1992) aponta que uma das tarefas essenciais no cuidado para com os filhos, especialmente se for adolescente, é determinar quais fatores podem ser identificados como relevantes para proteção e consequentemente

promoção de um crescimento saudável. Para tanto, é preciso entender que “proteger significa, sobretudo, oferecer condições de crescimento e de desenvolvimento, de suporte e de fortalecimento do sujeito em formação” (SCHENKER; MINAYO apud PAIVA, 2005, p. 22).

Além de modelos adequados, no ambiente familiar, deve existir o estabelecimento de regras e limites e isto só se consegue com disciplina. De acordo com Weber (2014), disciplinar é ensinar autocontrole aos filhos para que possam, quando chegarem na adolescência, tomar decisões relevantes que favorecerão para que haja harmonia no lar e menor dificuldade na educação dos filhos. A existência de regras permite um relacionamento adequado entre os membros da família, respeitoso em relação aos valores e hábitos daquele grupo familiar (GOMIDE, 2014).

Van Pelt (2011) cita o respeito, a obediência, a reverência e o controle próprio como as lições mais importantes aprendidas em casa. Estes princípios, segundo a autora, devem ser ensinados com paciência, carinho e amor, para que se tornem parte do caráter dos filhos. E tais lições são apreendidas por meio de uma comunicação harmoniosa e saudável entre os membros do convívio familiar e pelo exemplo, e servem como fatores que protegerão a família ao passar por fases difíceis de conflitos.

Amar e educar os filhos promove o bem-estar da família. Inclusive, Weber (2014) afirma que quanto mais amada uma criança se sente, melhor ela aceita as regras e desenvolve amor e compaixão pelos outros. Contudo, não os priva de vivenciar momentos de crises, especialmente quando é chegada a fase da adolescência, mas ajuda em muito para superar esta etapa tão trabalhosa.

Para entender a fase da adolescência, Piletti et al. (2014) afirmam acerca do desenvolvimento físico desta fase, que as mudanças podem ser vistas no crescimento, no desenvolvimento dos órgãos sexuais, no aparecimento de pelos em diversas regiões do corpo, como a pubiana e nas axilas, há mudanças na voz, ejaculação, menstruação, entre outras.

Campos (2012) expressa a importância de os pais compreenderem o crescimento e desenvolvimento de seus filhos na fase da adolescência, bem como suas necessidades, assim como ocorre na infância, pois com o apoio dos pais, os adolescentes tem melhores condições de superar os conflitos da fase, sem sérias dificuldades para ele ou para a família. Corroborando com Weber, Campos (2012) afirma que na fase da adolescência é de singular importância o grau em que desenvolveu a autodisciplina e aprendeu a aceitar as responsabilidades da progressiva proporção de liberdade que vai alcançando.

Contribuindo, Campos (2012) afirma que, se desde a infância a pessoa foi ajudada a entender a si e aos outros, a identificar seus alvos, seus valores, a resolver seus problemas e preparar-se para as mudanças quer sejam sobre si ou no ambiente, estará fortalecida ao se defrontar com as tensões e pressões emocionais da adolescência.

Segundo Weber (2014), deve-se entender que os papéis dos pais ajustam-se de acordo com o desenvolvimento da criança, inclusive, é importante conhecer os comportamentos e as necessidades dos filhos em suas diferentes fases. Quanto ao desenvolvimento psicossocial, Moreira (2008) esclarece que, na medida em que a idade adulta se aproxima, o adolescente deve estabelecer relacionamentos íntimos ou permanecer socialmente isolado, a obtenção da identidade sexual é

intensificada pelas alterações físicas da puberdade, por atitudes culturais, expectativas do comportamento sexual e modelos de papéis válidos. Procuram uma identidade de grupo porque buscam aceitação e entram em conflito com a necessidade de uma identidade pessoal.

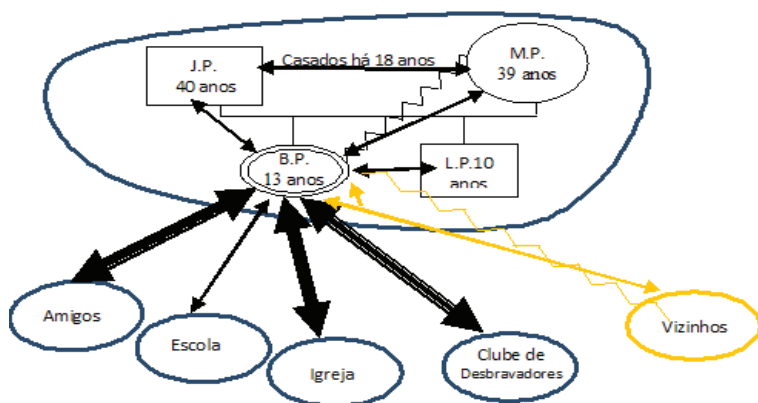
De acordo com Moreira (2008), é observado que o exercício da sexualidade começando cada vez mais cedo, impulsionado pela imposição social, tendem a levar os adolescentes a ingressarem na vida adulta precocemente, sem estarem preparados tanto física como mentalmente e porque não dizer espiritualmente.

Havendo conflitos, ou se a confiança entre os membros da família estiver abalada, a tarefa primordial da família é resgatar o amor entre eles. Para tanto, para que ocorra a construção da identidade interiormente do indivíduo, de acordo com Piletti (2014) faz-se necessária a contribuição das pessoas com as quais convive e que funcionam como um referencial para construção de sua identificação. Até porque, ao que percebemos, as mensagens de fé, moral, valores, crenças, maneiras de ser e a filosofia de vida de uma família, moldam o caráter de seus membros.

Em síntese, como diz Gomide (2014), dá-se melhor assistência ao adolescente quando se tem interesse por acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento, tanto por suas atividades, como por seus sentimentos.

Resultados

A Figura 1 mostra o genograma e ecomapa representado a família e as relações entre os membros e entidades externas.

Figura 1: Genograma/Ecomapa

Como é possível observar na Figura 1, existe um relacionamento forte e harmônico entre B.P. e os amigos, companheiros da igreja e membros do clube de desbravadores que participa no qual recebe apoio e também proporciona esta sensação, e um

A família participante pode ser descrita como uma família de classe média e que goza de bom relacionamento entre si e com seus vizinhos. Os pais exercem um estilo parental predominantemente autoritário, promovem um bom ambiente familiar, disciplina adequada, boa comunicação entre eles e se utilizam da religião como apoio para educação dos filhos.

Foram identificados fatores de risco como: o pai muito ausente devido ao trabalho para o sustento do lar e a mãe sempre muito envolvida com as atividades domésticas e ambos muito envolvidos com as atividades religiosas nos momentos em que não se encontram em

afazeres de trabalho e domésticos, não disponibilizando assim algum tempo para a realização de atividades de lazer em família. A região pernambucana onde reside a família se encontra na rota do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes por meio do turismo sexual, por isso, exige-se mais cuidados com aqueles que são classificados como amigos com quem os filhos se envolvem.

A queixa principal da família deveu-se ao fato de B.P. estar namorando sem autorização dos pais, fato este que ocasionou alguns conflitos na família. Após o início do namoro, ela começou a agir com rispidez e rebeldia, utilizando de mentiras para com M.P para poder ter encontros com o namorado, que possui uma reputação referente a namoro questionável e não apreciável pelos pais dela, fato este que trouxe um abalo na relação de confiança dos pais para com ela.

A adolescente em questão caracteriza-se pela sua autoestima elevada, bom humor, comunicativa, com um bom relacionamento com amigos e vizinhos. Atua como voluntária em uma igreja, orientando crianças menores por meio de histórias e canções religiosas. Percebe-se que a mesma em geral obedece às regras de seus pais. Convive com seus conflitos pessoais como: dificuldades de aceitar seu corpo de adulta enquanto vivencia o início da adolescência; não entende o fato de que por vezes é tratada como adulta e outras vezes como criança.

Quanto ao namoro, não havia concordância entre ela e os seus pais, devido à idade, pois ela se sentia madura o suficiente para encarar um relacionamento amoroso, justificando ser esta a razão de sua rebeldia. Em consequência de suas ações, ela foi afastada das atividades voluntárias que realizava na igreja que lhe traz satisfação pessoal,

passou a ter suas saídas de casa eventualmente vigiadas, além de ter tido o celular apreendido por seus pais no período do namoro. Mas, ao deter-se no diálogo com a adolescente, percebeu-se que namorar escondido também a incomodava. Ela, inclusive, descobriu por meio de amigos em comum que estava sendo difamada pelo namorado. Fato que a deixou envergonhada, principalmente por estar agindo contrário ao tipo de pessoa que havia aprendido a ser: obediente aos pais e as regras estabelecidas por eles, respeitosa com todos, amável, religiosa, que se rodeava de boas companhias, qualidades distintivas dos fatores de proteção que refletiam em sua mente. Os pais, mesmo entristecidos com a filha, sempre a aconselhavam e procuraram ajuda ao buscar esta intervenção.

110

Observou-se também a existência de um relacionamento harmonioso com os companheiros da unidade escolar que frequenta e com os membros da vizinhança.

Dentro do grupo familiar, verificou-se que há um bom relacionamento entre os irmãos e também entre a adolescente e o pai, mas o relacionamento entre mãe e filha tem harmonia, mas com algumas situações de conflitos ocasionais e pontuais.

Diante da análise feita em todas as conversas de sondagem realizadas com a família, e tendo como base o conhecimento adquirido por meio das aulas e os agregados através das literaturas curriculares e extracurriculares, foi possível verificar a problemática no contexto familiar em questão, e assim elaborar um programa de ações e intervenções psicossocial no ambiente familiar utilizando aconselhamentos por meio de diálogos com conselhos e biblioterapia.

Momentos de orientação (conselhos), biblioterapia e dinâmicas fizeram parte das estratégias de intervenção. Em relação ao aconselhamento, ressaltou-se a importância de utilizar tempo para ouvir os filhos, manter o canal de comunicação aberto com eles constantemente, ser amigos dos filhos, buscar aprender brincadeiras que possam interagir em família, fazer ajustes para que tenham lazer em família. Também foram dadas orientações baseadas no Projeto “Quebrando o Silêncio” para reforçar o cuidado com os filhos já que vivem numa zona de risco e que eles não se cansem de amar a seus filhos.

Quanto aos filhos, aconselhou-se a darem atenção as recomendações dos pais, obedecê-los, respeitá-los, não esconder nenhum segredo dos pais e sim fazer deles seus confidentes, cuidados quando a influência dos amigos e orientações específicas para proteção e segurança com base nas pesquisas para o desenvolvimento de projetos contra o abuso e violência realizados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Afinal, como diz Weber (2014), para investir em bons filhos é preciso estar presente e participar da educação dos mesmos. E ainda White (2014) que recomenda que os pais devem dedicar algumas de suas horas de lazer aos filhos, participando juntos nas tarefas e nos esportes, e ganhando sua confiança, pois assim desenvolva a amizade com eles.

A biblioterapia realizada com a família foi feita com abordagem dos resumos escritos que foram solicitados e assim debatidos sobre os pontos positivos e negativos encontrados na leitura dos livros: “Nem tudo que cai na rede é peixe”, que teve como objetivo apresentar os segredos de identificar o tempo certo para iniciar o namoro e como escolher a pessoa ideal que a ame e a respeite, e o segundo livro abordado

foi: “Proibido para meninos indispensável para meninas”, por se tratar de uma leitura enriquecedora para quem está descobrindo as transformações do corpo e precisam lidar com os conflitos da adolescência.

Foi recomendado também uma leitura para M.P., com o propósito de lembrar como é ser adolescente nos tempos de hoje e assim ela possa entender as mudanças e formas de raciocínio da filha e então poder ajudar B.P. a superar esta fase da vida. A biblioterapia foi utilizada também para que mãe e filha pudessem interagir a partir da extração de lições da literatura indicada de maneira que possam repassar orientações para as outras crianças com quem eles trabalham voluntariamente.

Recomendou-se como terapia entre o casal que lessem juntos uma porção diária, e que dialogassem sobre os pontos positivos e negativos visualizados na leitura das páginas do livro *O Lar Adventista*.

112

Obtiveram-se bons resultados com a biblioterapia, pois o propósito de interação entre mãe e filha foi alcançado. Não utilizamos ações dos pais para com L.P. por não ter sido alvo da problemática levantada neste estudo.

Foram realizadas dinâmicas promovendo a confiança e segurança entre pais e filhos, onde L.P. tinha que se jogar para trás de olhos vendados para que J.P. o segurasse e B.P. da mesma forma para que M.P. a segurasse. O objetivo da dinâmica foi apresentar aos filhos em forma de quebra-gelo que as pessoas que eles podiam confiar até de olhos fechados, pois podiam ter a certeza de que os pais estariam ali para segurá-los sem deixá-los que se machucassem, pois o amavam e iriam fazer todo esforço possível para vê-los bem. E após a aplicação dessa dinâmica foi emocionante ver B.P. em lágrimas pedir desculpas

aos pais por tê-los decepcionados. E ali se abraçaram e aproveitou-se o momento para realizar uma oração pela família.

Em outro encontro, foi realizada com o casal uma dinâmica que envolvia completarem o desenho de uma casa estando M.P. de olhos vendados e sendo guiada por J.P., que estava com as mãos amarradas, com a aplicação sobre a importância de haver união, interação e confiança entre eles para superarem as dificuldades familiares. E, para surpresa, obtivemos ali o compromisso deles em conversar mais com seus filhos e dedicar tempo com lazer em família. Também se dispuseram a realizar um encontro semanal em sua residência com outros adolescentes amigos para fortalecer as boas amizades de seus filhos e juntos estudariam as dicas descobertas a partir da biblioterapia com o objetivo de ajudar a descobrirem o melhor da adolescência.

E assim, por intermédio do somatório da intervenção com a família mais os fatores de proteção existentes e, como cremos mais a intervenção Divina, B.P. decidiu romper com o namorado após dois meses de relacionamento e retomar sua vida de harmonia com a família e com as atividades que havia sido afastada. Vale destacar a importância da religiosidade na vida desta família, especialmente na formação da adolescente, pois foi de grande influência para a mesma.

113

Discussão

Apoiado nos conceitos descritos neste estudo, constatou-se a importância da contribuição da família em amar uns aos outros,

conceder uma boa formação moral e intelectual, através do estabelecimento de regras, boa educação, ensino da religiosidade, que são fundamentais para a formação da identidade do adolescente.

A escritora White (2014, p. 82) orienta, referente ao relacionamento pais e filhos, que:

Não se deve permitir que seja erguida entre pais e filhos barreira alguma de frieza e reserva. Que os pais se relacionem com os filhos, buscando compreender seus gostos e inclinações, conhecendo seus sentimentos e compreendendo o que está no coração deles. Pais, deixem que seus filhos vejam que vocês o amam [...]. Controlem os filhos com carinho e compaixão.

114

Para ratificar ainda mais esta afirmação, Gomide (2014) diz que não basta dizer que se importa um com o outro, que cuida e que ama, pois é necessário que seja notória a demonstração destes afetos entre pais e filhos, pois as crianças aprendem pelo exemplo.

Contudo, entende-se que a melhor maneira de se transmitir amor, compaixão, as regras do lar, ou ainda aumentar o sentimento de união e compreensão existente nos relacionamentos, além de ser pelo exemplo dos pais, é através de uma boa comunicação existente no lar. Quanto a isto, a escritora Aguiar (2011) esclarece que uma comunicação eficaz tem o poder de contribuir para o respeito entre a família, diminuir os conflitos e aumentar o amor e deve-se fazer da boa comunicação um hábito, pois é de extrema importância para o convívio familiar. Para Reis (2001), a comunicação eficaz é fundamental para um relacionamento familiar maduro, equilibrado, saudável.

Constatou-se de maneira precisa que a fase da adolescência se trata de um período de modificações do corpo, no qual há uma transição entre a puberdade e o estado adulto, no qual é vivenciado desde a busca pelo prazer, autoafirmação, bem como conflitos. Fase esta que, como mencionou Gavancha (2009), potencializa o conflito estético, como a que percebemos estar enquadrada a adolescente em questão. E não apenas trata-se de uma fase difícil para conceituar como dizem os estudiosos, mas também o é vivencia-la, tanto para os adolescentes quanto para os que os rodeiam especialmente seus familiares, por ser um período de desafios para o equilíbrio tanto físico como emocional.

Reparou-se que a adolescente em questão, possui seu corpo como a de uma adulta e veste-se como tal, confirmando o que diz Weber (2014, p. 54) “geralmente as meninas estão um pouco mais adiantadas em seu desenvolvimento do que os meninos. Elas já estão com pensamento de mocinhas”. Inclusive, percebeu-se que a adolescente precocemente força o ingresso na vida adulta envolvendo-se em um relacionamento amoroso conflituoso, onde devido a sua aparência física ela julga estar pronta para encarar, mas não está psicologicamente preparada (MOREIRA, 2008).

White (2014) afirma que os filhos devem ser instruídos no conselho do Senhor. O amor e o respeito a Deus devem ser constantemente refletidos diante dos filhos. Esses filhos devem ser educados e preparados como plantas, bem desenvolvidos na sua mocidade. Ou seja, envolver a família em um contexto religioso torna-se prudente por parte dos pais, uma vez que nem sempre a influência de outros meios favorece na preservação da família, especialmente na educação dos filhos.

Henning e Moré (2009) afirmam que orientações como a religiosidade agregam valores na formação de um indivíduo, exerce uma influência positiva para um desenvolvimento equilibrado e reduz a possibilidade de problemas de conduta, proporcionando assim, um sentido mais coerente para superar os conflitos de maneira mais equilibrada.

Foi percebido o fato de que um bom ambiente familiar, onde há regras estabelecidas, boa educação, religiosidade e amigos de boa índole, são fatores de proteção para a família.

Considerações finais

116

A partir dos conceitos expostos, percebe-se que conflitos existem mesmo em famílias harmoniosas e maduras. Verificou-se também que a adolescência se trata de uma fase conflituosa, porém, é possível superar tal crise quando há uma família que presa pelo bem-estar de seus membros. Vê-se o cumprimento das práticas parentais através dos esforços em ações por parte dos pais em dar uma educação a seus filhos com base em convicções, fazendo o melhor que podiam por eles. Constatou-se que pais que concedem aos filhos boa influência no ambiente familiar e entre os grupos que se relacionam, influenciam positivamente na formação de seus filhos.

Envolver a família em um contexto religioso torna-se prudente por parte dos pais, uma vez que favorece na educação dos filhos, na formação de valores e para que haja um relacionamento harmonioso entre seus membros. Por fim, recomenda-se o que está escrito no

livro de Provérbios 22:6, “Instrui o menino no caminho em que deve andar [...]” (ARA). Isto quer dizer que, ensinando costumes, maneiras e conduta ao indivíduo, direcionará o desenvolvimento do mesmo numa trajetória equilibrada até que chegue a sua vida adulta.

Referências

BRASIL. ECA. **Estatuto da criança e do adolescente**, Lei federal nº 8.069/90 de 13 de julho de 1990.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CÓRIA-SABINI, M. A. **Psicologia do desenvolvimento**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

DE PAULA, F. V. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. In: LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Cengage, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2o3QsZB>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes pais ausentes**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HENNING, M.; MOREÍ, C. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião**, p. 84-114, dez. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2pCmvGE>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MAIA, J.; WILLIAMS, L. Fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 91–103, 2005. Disponível: <<http://bit.ly/2ospZjM>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MARQUES, M.; GAVANCHA, S. Conflito estético da adolescência. **Análise Psicológica**, v. 3, n. XXVII, p. 269-279, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2os77Sg>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

MENEZES, N. Turismo sexual. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 6, 30 jun. 2014.

MOREIRA, T.; VIANA, D.; QUEIROZ, M.; JORGE, M. Conflitos vivenciados pela adolescência com a descoberta da gravidez. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 2, p. 312-20, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2pC2h9t>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

PAIVA, F. **Adolescência e consumo de álcool estilos parentais de socialização: risco ou proteção?** Dissertação. (Pós-Graduação em Saúde Coletiva), Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2pgpoGP>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

PILETTI, N.; ROSSATO, S.; ROSSATO, G. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, A. C. M. **Relacionamento familiar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

SOIFER, R. A Importância das relações pais e filhos na construção da identidade cristã, **PSCICOLOGIADO Artigos**, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2pCmwRp>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho**: equilíbrio entre amor e limites. 5. ed. Curitiba: Juruá, 2014.

WHITE, E. G. **Fundamentos do lar cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

O divórcio e seus efeitos sobre o comportamento de filhos adolescentes

Lucimara de Menezes Moura¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar os efeitos do divórcio no comportamento do adolescente, a partir de uma revisão bibliográfica e também, baseada numa entrevista realizada com uma família cujo filhos são adolescentes e os pais estão passado por um divórcio conflituoso. Mostraremos alguns caminhos para que a família

¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: maralimoura@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

possa lidar com essa questão tão difícil e que afeta diretamente os filhos e pode gerar problemas emocionais e físicos. Sabe-se que o comportamento do adolescente dependerá de como ocorreu a separação e quais os apoios que ele recebeu. O estudo enfatizará a relação dos cônjuges no decorrer do casamento e depois da separação, a forma como acontece a comunicação entre eles e os filhos, os valores morais pré-estabelecidos, bem como os limites que deverão ser dados de forma clara e concisa, pois tanto o pai quanto a mãe devem interessar-se em promover para seus filhos um ambiente seguro para que eles possam se desenvolver.

Palavras-chave: Divórcio; Comportamento; Adolescente.

122

Abstract: This article aims to present the effects of divorce on adolescent behavior, from a literature review and also based on an interview with a family whose children are teenagers and parents are going through a contentious divorce. We show some ways for the family to deal with this very difficult issue and that directly affects children and can lead to emotional and physical problems. Adolescent behavior is known to depend on how the separation occurred and what support he received. The study will emphasize the relationship of the spouses during the marriage and after separation, the way happens to communication between them and the children, the pre-established moral values as well as the limits that should be given clearly and concisely as both father and mother are interested in promoting their children a safe environment so they can develop.

Keywords: Divorce; Behavior; Teenager.

Introdução

Desde os tempos mais remotos, pensar em família é pensar em um grupo de pessoas ligadas ou não com laços consanguíneos, que interagem numa relação de afinidades com obrigações mútuas. O dicionário Michaelis (1998, versão *online*) aponta que tais membros estão ligados entre si por casamento, filiação ou adoção, e que vivem ou não em comum.

Nessa linha, Macedo (2001, p. 185) afirma que

A família é um pequeno grupo social composto por indivíduos, relacionados uns aos outros em razão de fortes lealdades e afetos recíprocos, ocupando um lar ou conjunto de lares que persiste por anos e décadas. [...] essa é a definição de família mais abrangente quando se a vê do ponto de vista psicológico, diferindo por exemplo da definição legal que implica em consanguinidade ou moradia sob um mesmo teto. O que define a família, ao nosso ver, são as funções desempenhadas por seus membros em suas interrelações [...].

123

Percebe-se, portanto, que ao longo dos tempos a concepção de família tem sido ampliada para além dos laços de sangue, e têm surgido novas modalidades, como aquelas famílias constituídas por mães que exercem o papel de “chefe de família” em vez de “rainha do lar”, mães solteiras, pais solteiros, avós e netos, casais homossexuais, dentre outras.

A família foi criada por Deus para a felicidade humana. Adão e Eva formariam um casal, uma família e, posteriormente, uma sociedade. Contudo, a humanidade tem se afastado dos planos de Deus e

o divórcio tem sido uma opção em muitos lares. White (2004) aponta para o casamento como um passo que se dá por toda a vida, embora muitos não veem dessa forma e colhem as consequências de suas decisões. Conforme Melgosa (2009), cada dia mais as pessoas consideram o casamento como algo menos permanente e valioso, sendo o divórcio uma saída cada vez mais comum.

Segundo os dados da pesquisa de Estatística do Registro Civil (2013), o número de divórcios no Brasil cresceu mais de 160% na última década, principalmente com a lei do divórcio imediato. Em 2013 foram homologados 341,1 mil divórcios, um salto significativo em relação a 2004, quando foram registrados 130,5 mil divórcios. Muitas vezes sem perceber os percalços que essa decisão pode trazer, casais optam pelo divórcio.

124

No entanto, o divórcio é uma experiência que sempre deixa marcas profundas, pois são os sentimentos de pessoas que estão em jogo. No caso de divórcio sem filhos, o casal terá que lidar com seus sentimentos e tentar reestruturar suas vidas, mas no caso do divórcio com filhos, outras vidas e outros sentimentos estarão em jogo. Desse momento de fragilidade, no entanto, com sabedoria podem-se tirar lições importantes para o futuro e ainda ajudar os filhos a superarem essa fase, saindo dela mais fortalecidos, equilibrados e preparados para enfrentar a própria vida (MELGOSA, 2009).

Com base nisso, o presente estudo teve por objetivo descrever as consequências de um divórcio na estrutura familiar, focando a vivência de filhos adolescentes e sugerindo, posteriormente, estratégias de enfrentamento da situação.

Metodologia

Para alcançar o objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pautada em teóricos da área, bem como uma investigação de campo, que envolveu avaliação e aconselhamento de uma família.

Participantes

Participaram da pesquisa um homem e uma mulher, já divorciados, e seus dois filhos, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Características dos envolvidos na pesquisa, a partir do relato

Participantes	Idade	Características
Mãe	44	Muito submissa as decisões do ex-esposo, mas é quem mantém financeiramente o lar.
Pai	40	Interfere em todas as decisões da ex-esposa.
Filho A	13	Muito querido pelo pai, mas mantém um relacionamento conflituoso com a mãe.
Filho B	10	Filho preferido da mãe, por ser dedicado e obediente.

125

Instrumentos

A investigação se deu por meio de entrevistas realizadas na residência da família, valorizando a importância de estar no cenário

natural dos entrevistados, a fim de analisar suas vivências e o modo de como estas vivências podem interferir no comportamento dos filhos no lar. Essa abordagem, segundo Rossman e Rallis (1998 apud CRESWEEL 2007), possibilita ao pesquisador um contato maior com o nível de detalhes que as experiências dos participantes explicitam.

Na anamnese foram realizadas perguntas a todos os participantes, conforme apresentadas no Quadro 2. A partir disso, foi feito o genograma e ecomapa, descrevendo as relações intrafamiliares e com o ambiente externo.

Quadro 2: Perguntas utilizadas nas entrevistas

Perguntas para o casal	Perguntas para o filho
1. Qual o motivo pelo qual acredita precisar de aconselhamento?	1. Você sabe o que faz um Terapeuta ou Aconselhador familiar?
2. Como é a convivência de vocês?	2. Como é o relacionamento entre você com sua mãe? Você e seu pai? Você e seu irmão?
3. Como foi a separação do casal?	3. Como você vê a separação dos seus pais?
4. Como seus filhos reagiram diante da separação de vocês?	4. Como você se sente diante da separação de seus pais?
5. No comportamento do filho A e B, o que mais incomoda vocês?	5. Existe algo em seu irmão que te incomoda? O que? Como você lida com isso?
6. No comportamento do cônjuge o que mais incomoda você?	6. No relacionamento que existe hoje entre seu pai e sua mãe, o que mais incomoda você?
7. Como você se sente diante da separação?	7. Como você lida com as situações que ocorrem dentro de casa e que te contraria?

8. Como vocês reagem diante do comportamento desfavorável do filho A?	8. Como você se comporta na escola? Com os amigos? E familiares?
9. O que vocês acreditam ser o motivo que leva o seu “filho A”, a ter um comportamento inadequado?	9. Como a sua professora descreveria seu comportamento na escola? Você acredita que ela tenha razão?
10. Pontue situações do cotidiano que contribuem para desarmonia no lar.	10. Pontue situações do cotidiano que contribuem para desarmonia no lar.
11. Pontue o papel designado para cada membro da família. Ou seja, as responsabilidades atribuídas a cada um.	11. Pontue o papel designado para cada membro da família. Ou seja, as responsabilidades atribuídas a cada um.
12. Escreva 10 atitudes positivas do seu ex-cônjuge.	12. Escreva 10 atitudes positivas de sua mãe e pai.
13. Escreva algumas atitudes de seu ex-cônjuge que você gostaria que mudasse.	13. Escreva algumas atitudes de seus pais que você gostaria que mudasse.
14. Para você, qual o meio mais eficaz na resolução de problemas entre casais e/ou até mesmo com os filhos?	14. Qual a melhor maneira para resolver problemas que ocorrem dentro da família?
15. O que você poderia fazer para melhorar a convivência familiar?	15. O que você poderia fazer para melhorar a convivência familiar?

Procedimentos

Foram combinados com os pais cinco encontros, que ocorreram mensalmente com duração entre 40min a 1h20min cada. As perguntas eram feitas com objetivos bem definidos e, a cada término, era feito o *feedback* para perceber se os objetivos estavam sendo alcançados. O Quadro 3 apresenta o detalhe dos encontros, o local, participantes e objetivos específicos.

Quadro 3: Encontros realizados com a família

Encontros	Local	Participantes	Objetivos
1º	Residência da família	Casal	Entender o problema familiar
2º		Filho A	Ouvir para entender o que se passa com esse adolescente.
3º		Casal	Ouvir os pais para poder entender alguns pontos relevantes entre o que eles dizem e o que o filho sente.
4º		Filho A e B	Refletir com os filhos sobre o comportamento de cada membro da família.
5º		Casal	Diálogo de reflexão sobre o relacionamento que eles estão vivendo:

Desenvolvimento

A família é uma instituição social presente em todas as civilizações, a base da sociedade e responsável pela construção das características do indivíduo (ALBUQUERQUE, 2014). Muitos são os conflitos conjugais que contribuem para um estresse familiar e que, consequentemente, podem levar ao divórcio. No caso de haver filhos pequenos, Toloi (2006, p. 66) aponta que “a exposição das crianças e adolescentes aos conflitos conjugais é um fator de risco, pois eles tendem a presenciar discórdias relativamente hostis e emocionalmente negativas no ambiente doméstico”. O lar foi criado por Deus para dar segurança a seus membros e, quando ele é ameaçado pela possibilidade do divórcio, é normal que diversos problemas surjam.

A experiência do divórcio afetará, com certeza, os membros da família, sendo fundamental que os envolvidos no processo de separação enfrentem as situações de maneira equilibrada, com maturidade e respeito, com o intuito de amenizar as consequências emocionais desta vivência. Segundo Santos (2014), toda separação de uma família causa danos e/ou perdas à criança, pois a mesma não está acostumada a conviver com as pessoas mais importantes de sua vida estando longe do convívio diário.

Esta situação fere, provoca sentimentos de desproteção, tristeza e abandono. O casal, por sua vez, sofre porque precisa reconstruir sua identidade individual. Tal condição leva-os a passarem por um tempo bem difícil de ajustes e consequentemente, se refletirá negativamente no comportamento familiar.

Muitos estudos apontam que as crianças são mais afetadas diante de um divórcio, pois elas não entendem o que está realmente acontecendo com seus pais (HACK; RAMIRES, 2010). Já os adolescentes, entre 10 a 19 anos, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), são vistos como capazes de entender a situação dos pais, mas não deixam de se sentirem isolados, tristes, solitários e ressentidos. Em palavras de Hack e Ramires (2010, p. 2),

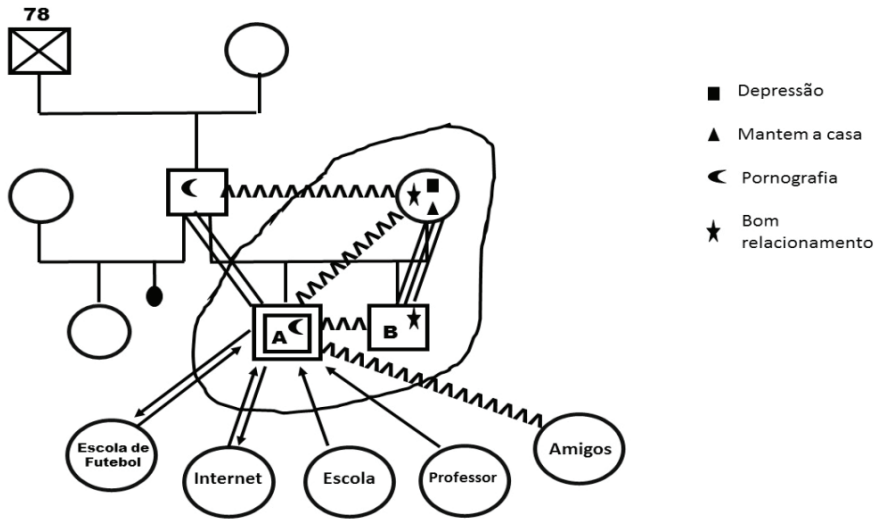
O adolescente tem mais condições de aceitar e perceber o divórcio de seus pais de uma forma mais objetiva. No entanto, a compreensão mais realista da situação não impede o surgimento de ressentimentos e, consequentemente, de sintomas.

Além das possíveis consequências que acometem os cônjuges que passam pelo divórcio, Huerta (2007) afirma que nos meses após o divórcio a maioria das crianças experimenta problemas como comportamento regressivo, agressividade, desobediência, insegurança, desamparo e, em alguns casos, experimenta estados de ansiedade e depressão, enfrenta problemas nas relações sociais (pais, irmãos, professores, colegas) e apresenta dificuldades escolares.

Afirma ainda que a criança pode vivenciar sentimentos como medo do abandono; senso de lealdade a um dos pais; sentimento de culpa por acreditar que desempenhou um papel importante na separação dos pais. O funcionamento psicológico da maioria das crianças e de seus pais melhora ao longo do tempo, conforme a família se adapta a esta nova realidade que o divórcio proporciona. No entanto, o nível médio de ajustamento emocional, social e acadêmico de filhos do divórcio ainda é pior do que os de lares intactos.

Resultados

A Figura 1 apresenta o genograma e ecomapa, elaborado a partir das entrevistas realizadas, sendo possível observar as relações familiares e características de cada um dos membros.

Figura 1: Relações familiares de A e B

Como é possível observar na Figura 1, existe uma relação bastante conflituosa entre A e B, por falta de diálogo e de interesse pelos aspectos pessoais e sentimentais de cada indivíduo. A mãe, altamente interessada em assumir o papel de provedora, se detém em apenas ofertar recursos materiais para que o filho se mantenha satisfeito com a “sua ausência” e a ausência paterna. Quando há momentos de contato verbal com o adolescente, existem comparações com as atitudes do irmão. O pai, por ter um relacionamento mais amigável com o filho A, consegue manter o vínculo de confiança do mesmo.

A partir dos encontros, foi possível observar que ira, amargura, desentendimento, tristeza, pesar, falta de diálogo e de confiança são

os sentimentos que cercam essa família, em consequência de uma separação conflituosa.

O trabalho esteve focado, portanto, em mostrar que as atitudes de uns interferem nas ações dos outros. Procurou-se ouvir cada um de seus membros separadamente, permitindo a expressão do relato da situação conforme compreendem. Desse modo, atuou-se com neutralidade, a fim de compreender onde estão instalados os equívocos de interpretação e erros de comunicação dessa família. Foi enfatizada a necessidade de os adolescentes manterem o respeito para com os pais, analisar suas atitudes no dia a dia e buscar fazer atividades entre os irmãos. Além disso, trabalhou-se na orientação de como lidar com as frustrações da vida.

132

Foi utilizada a técnica de repetição, que consiste em repetir o que escutou com suas próprias palavras garantindo assim que a compreensão foi efetiva. No decorrer do diálogo com a mãe, percebemos o quanto estava apreensiva para encontrar soluções para a situação vivenciada com os filhos. A partir das conversas com os filhos, percebeu-se que a tristeza era comum neste lar e o desejo de que houvessem mudanças era latente. Quanto ao pai, o ímpeto de culpar a ex-mulher e lançar sobre ela todas as responsabilidades negativas ocorridas com os filhos, com a casa, com a separação, entre outras, foi evidente.

A separação dos pais deixou o filho A inseguro e solitário, a ponto de chamar a atenção de todos por meio de um comportamento revoltado, agressivo e isolando-se diante da internet como fuga para seus problemas. Ele também reflete claramente um comportamento semelhante ao do pai, quando agride verbal e fisicamente à mãe,

tendo em vista que o papel dela no lar é o de reclamar, cobrar e punir, enquanto o papel do pai é o de conversar, gratificar, apoiar e satisfazer vontades e caprichos. Mesmo separado, o pai continua agindo de forma abusiva com a ex-esposa até mesmo na frente dos filhos, tirando-lhe a autoridade e o respeito.

Em consequência desses fatores acima expostos, foram planejadas estratégias de intervenção que aproximem as necessidades de cada um dos membros dessa família. Com os pais, foi apontada a importância em melhorarem o relacionamento deles porque seria um reflexo para os filhos, manter diálogos saudáveis sobre como educá-los, combinar as decisões mais sérias e nunca desfazer uma decisão tomada pelo outro, não comparar os filhos, deixar de perpassar para os filhos as mágoas e os sentimentos negativos relacionados ao tempo em que estavam casados, entre outros conselhos.

Os resultados obtidos a partir desses encontros de intervenção com a família foram muito importantes para a compreensão de toda a situação crítica em que eles estavam envolvidos. Diante das conversas separadas e em grupos pode-se perceber que aos poucos eles iam entendendo o outro e descobriam meios para resolver os conflitos. Percebeu-se que muita coisa ainda precisava ser trabalhada e que seria necessária a ajuda de um terapeuta para dar sequência de maneira mais aprofundada e específica. Foi possível que eles organizassem e definissem seu papel dentro do lar, ouvissem e respeitassem o outro, o filho A passou a respeitar melhor a mãe e o pai está tentando agir de maneira mais firme e apoiando a ex-esposa.

Discussão

Ao observar toda essa situação familiar desajustada, percebeu-se que esses problemas já ocorriam na família antes do divórcio e, nesse sentido, Hack e Ramires (2010) explicitam que as transições conjugais tendem a exacerbar problemas nas crianças que já apresentavam conflitos e desajustes anteriores.

Os conflitos conjugais gerados nesse lar são evidentes e contribuem para um estresse familiar muito grande. Ao decidir pelo divórcio, toda a família vivencia um conjunto de comportamentos e sentimentos insatisfatórios. Essa decisão atinge não apenas o casal, mas também os filhos. Percebe-se que uma separação tem efeitos profundos na estrutura dos filhos, pois eles sentem as mudanças que ocorrem no lar e temem perder um dos pais.

No caso estudado, embora os filhos fossem adolescentes, percebeu-se que não foram preparados adequadamente para passarem pelo processo de separação dos pais, que ocorreu quando eles eram ainda crianças. Problemas comportamentais, como agressividade e desobediência, são consequências comuns entre as crianças após o divórcio dos pais, conforme apontado por Huerta (2007).

Evidenciaram-se situações de brigas e falta de respeito entre os pais diante dos filhos, falta de comunicação adequada e compreensão entre eles e confusão de papéis de cada um dentro do lar. Mesmo que o casal esteja separado, os papéis de pai e mãe devem permanecer bem claros na vida dos filhos. Conforme Osório e Valle (apud MARI-NHO et al., 2012, p. 2), os ex-cônjuges

devem procurar desenvolver uma distinção clara em relação às alterações que passam a ocorrer, para que seus papéis de pai e mãe, que são considerados eternos, não sejam comprometidos pela dissolução do casamento, que por sua vez extingue os papéis de marido e mulher.

Considerações finais

O divórcio pode trazer sérios efeitos negativos na vida do casal, dos filhos e de todos os que estão envolvidos neste contexto. Alguns pontos podem determinar como ocorrerão as relações parentais após a separação dos pais, como o relacionamento do ex-casal, a comunicação estabelecida entre eles, a compreensão sobre os papéis a desempenhar dentro deste lar e o modo como vão educar seus filhos, sendo estas relações negativas ou positivas, de acordo com cada situação.

O trabalho realizado permitiu perceber que o ato de aconselhar famílias tende a mudar quadros emocionais e espirituais pela profissionalização, técnicas eficazes e consagração do conselheiro. O ideal de Deus para o casamento é “até que a morte os separe”, contudo, os costumes contemporâneos se encontram em conflito com os ensinamentos bíblicos, e conseqüentemente, muito sofrimento tem adentrado os lares. Mesmo que as relações matrimoniais fiquem aquém do ideal, a graça divina é o único remédio para os males do divórcio.

Conclui-se que, quando um casamento chega a um fim, os laços parentais devem ser reformulados e repensados, de uma maneira que os conflitos conjugais não sejam os principais fatores a determinarem a relação que pai e mãe terão com os filhos a partir de então.

Referências

ALBUQUERQUE, R. N. De quem é a bola? Dos pais ou da Escola? Um jogo na educação escolar. **Revista construir notícias**, n. 77, ano 13, jul./ago., p.6-16, 2014.

CRESWELL, J. W. R. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 2. ed. Porto alegre: Artmed, 2007.

FREIRES, A. C. S. O divórcio e seus efeitos sobre o comportamento da criança. **Psicopedagogia online**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2pCzP7A>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

HACK, S. M. P. K.; RAMIRES, V. R. R. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, junho de 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2pCmOL4>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

HUERTA, A. T. **El Síndrome de Alienación Parental: una forma de maltrato**. Colección de Psicología Jurídica. Madrid: Edit. EOS, 2006.

MACEDO, R.M.S. A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In:

OLIVEIRA, V. B. (Org.). **Avaliação Psicopedagógica da criança de 0 — 6 anos**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARINHO, J.; HENN, N.; KRUEL, C. **As implicações do divórcio no exercício da parentalidade**. Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2osELHf>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

MELGOSA, J. **Mente positiva: como desenvolver um estilo de vida saudável**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/1phMtDU>>. Acesso em: ago. 2016.

OLIVEIRA, N. Divórcio cresce mais de 160% em uma década. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2pgvFSU>>. Acesso em: ago. 2016.

SANTOS, M. M. S. **Os efeitos do divórcio na família com filhos pequenos**. Salvador, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/1VaMmDU>>. Acesso em: 02 out. 2016.

TOLOI, M. D. C. **Filhos do divórcio: Como compreendem e enfrentam os conflitos conjugais no casamento e na separação**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2osCzj1>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

WHITE, E. G. **O lar adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

O medo de se observar: um caso de eisoptrofobia

Edvania Chaves de Campos¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: O medo é uma característica humana desde sua formação. Constitui-se como defesa ou até patologia. Para defini-lo é preciso observar e analisar origem, características, desenvolvimentos e a conduta de quem o possui. Este artigo retrata a avaliação de um caso de eisoptrofobia, onde a causa maior à sua existência se dar pelas projeções

¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: vania.camppos@gmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

familiares. Observar até que ponto estas projeções estariam a contribuir para este medo fora a questão primordial à esta pesquisa. A construção se deu por meio do estudo de caso e pesquisa usando métodos qualitativo, sistêmico, psicanalítico e técnica de terapia cognitiva comportamental. Em uma abordagem hipotético-dedutivo e fenomenológica. O universo de estudo se deu num espaço clínico e familiar cujos participantes fora a família: pai, mãe e filho. O acompanhamento se desenvolveu ao longo de 4 meses, em 2 encontros semanais de aproximadamente uma hora, somando 32 encontros. Observou-se a constatação da hipótese sobre o grau do medo não ser tão intenso como era pensado, também pôde-se ver a forte relação deste medo com a presença sufocante da mãe que basicamente o roubou a identidade não o permitindo tomar decisões, e a ausência do pai contribuindo para falta de referencial masculino à sua imagem de filho e de gênero.

140

Palavra chaves: Medo; Fobia específica; Identidade; Adolescência.

Abstract: Fear is a human trait since its formation. It serves as a defense or even pathology. To set it is necessary to observe and analyze origin, characteristics, developments and the conduct of its owners. This article portrays the assessment of a case eisoptrofobia where the biggest cause of its existence is to the family projections. Observe the extent to which these projections would be to contribute to this fear was the primary issue for this research. The construction was through the case study and pesquisa using qualitative methods, systemic, psychoanalytic and cognitive behavioral therapy technique.

In a hypothetical-deductive and phenomenological approach. The study universe was given a clinical and family space whose participants outside the family: father, mother and son. Monitoring has developed into a space of 4 months, 2 weeks of meetings 55' - 1h, adding 32 meetings divided into 6 times with their respective themes. There was a finding of hypothesis about the fear degree not be as intense as it was thought, also it was possible to see the strong relationship of this fear with the suffocating mother's presence that basically stole the identity by allowing not make decisions, and absence of the father contributes to a lack of male reference to his son's image and gender.

Keywords: Fear; Specific phobia; Identity; Adolescence.

Introdução

O medo é uma característica humana que existe desde a primitividade. O humano tem a tendência de sentir medo tanto de coisas consideradas ruins, a exemplo da solidão enfermidades etc. Como de coisas boas, a exemplo de ter um bom relacionamento, ter uma boa saúde, um bom trabalho etc. O fato é que a resposta a que se tem para uma situação de medo determinará o nível de sua classificação. É possível listar uma imensidade de medos (POSSATO, 2010). Ele tanto pode estar em uma esfera racional como não. Podem estar como preservadores da vida ou como neurose, fobia ou patologia. Considera-se ainda, que o medo é a resposta emocional a ameaça existente

real ou percebida. Comumente é acompanhado por ansiedade. E ansiedade é a antecipação de ameaça futura (DSM-V, 2014). Dentre os transtornos de ansiedade temos as fobias específicas que é onde o medo é revelado pela antecipação do objeto ou situação temida, sendo irracional, persistente e excessivo.

Entender a proporção e característica do medo é primordial a qualquer tratamento. Para tratar o medo é preciso que primeiro se aceite a existência dele, no caso em relato não apenas há uma aceitação consciente como também detalhes que ajudam ao conhecimento do nível deste medo, bem como permitir a averiguação do tipo e procedência. Segundo Possatto (2007), existem duas mensagens que o medo transmite: medos preservadores, (considerado naturais e preservam a vida) e medos neuróticos (medos desenvolvidos, projetados). A partir do DSM-V (2014), é possível, pela observação, perceber as características principais do tipo de medo e sua origem. Entre os medos encontra-se o denominado de eisoptrofobia, que se define como medo de espelho. Este tipo de medo é o cerne central deste estudo.

É perceptível que o medo do espelho poderá estar interligado ao pensamento construído da autoimagem e do auto aceitação. Desta forma a identidade do indivíduo acaba sendo afetada, já que não possui um parâmetro de si mesmo. Considerando a identidade como fator fundamental ao bem-estar do indivíduo e que esse fator não é estático e sim dinâmico, onde o próprio indivíduo atua em sua construção na dinâmica do processo de pertencimento, ou seja, como afirma Bauman (2005, p. 17-18), “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorrerá, a maneira como age e a maneira

de se manter firme ou não a tudo isto são fatores cruciais para o seu pertencimento e para sua identidade”. Percebe-se, assim, que a eisoptrofobia envolve não permitir esse processo de construção, uma vez que limita o indivíduo a ter medo de construir esse campo de pertencimento identitário seja consciente ou inconsciente. Um medo que acaba não apenas dificultando esta dinâmica de construção como também desconstruindo o senso de pertencimento, o qual é importantíssimo a identidade.

Neste estudo buscou-se, especificamente, compreender fatores que contribuíram à existência da eisoptrofobia, ponderar as crenças sobre estes medos e construir os meios para o enfrentamento. Sob a hipótese de que tal medo fora adquirido pela ausência do pai e a presença extrema da mãe, bem como que o nível apresentado verbalmente pelo possuidor não era tão real quanto a sua crença sobre, ou seja, que embora estivesse no nível de fobia havia um controle sobre o mesmo tornando-o possivelmente trabalhável por meio do enfrentamento.

143

Metodologia

Para atingir o objetivo foram analisados diversos autores (CABALLO, 2011; LEAHY, 2011; RANGÉ, 2011; PAPALIA et al., 2013; POSSATTO, 2010; ERICKSON, 1998), cujas visões giram em torno do medo, fobias, ansiedades, identidades e das técnicas da terapia cognitiva-comportamental, para subsidiarem este estudo. Desta forma desenvolveram-se métodos avaliativos das crenças, das vivências

e posturas. Em sequências a aplicabilidade das atividades objetivando os exercícios de enfrentamentos. O método escolhido foi o qualitativo, sistêmico, psicanalítico e técnicas terapêutica cognitiva comportamental. Uma abordagem hipotético-dedutiva e fenomenológica.

Participantes

Participou do estudo uma família com três membros. O adolescente, de 17 anos, gênero masculino, cursando a faculdade de Direito, é filho único e vive com os pais. O pai, 40 anos de idade, agente penitenciário há mais de 15 anos. A mãe, de 35 anos de idade, não trabalha.

144

Instrumentos

Para levantamento de dados foi realizado o genograma e ecomapa (McGOLCRICK, 2001), e utilizados os seguintes questionários: Inventário de Ansiedade de Beck (*Beck Anxiety Inventory*. CUNHA, 2011) e questionário sobre os tipos de medos (LEAHY, 2011; POSSATO, 2010). Também foi utilizado o mapa de acompanhamento sobre os aspectos de experiência de vida (GREENBERGER; PADESKY, 1999) e o mapa sobre definição, características e cuidados do medo e planejamento sobre as etapas a serem seguidas (LEAHY, 2011; RANGÉ, 2011).

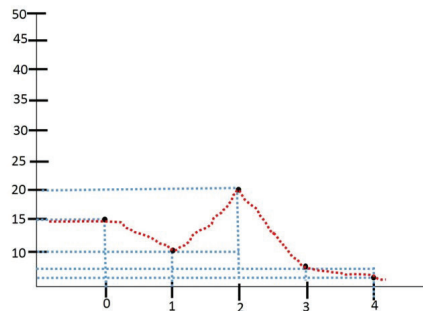
Aplicou-se o questionário de medos contém 50 itens que avaliam medos internos e externos (POSSATO, 2010). A leitura é apresentada

apresentados na figura 4. Os números ímpares correspondem a medos externos e os pares a medos internos, e cada nível corresponde a um nível de estresse que pode ser o causador da demanda (que inconscientemente não é percebido até obter informações).

Figura 4: Medos internos e externos

Leitura dos Medos			
Níveis	Quant. X	Externos	Internos
0= Ansiedade	15	9	6
1= Angústia	10	8	2
2= Medo	20	6	14
3= Síndrome do Pânico	2	1	1
4= Depressão	3	1	2
Total	50	25	25

Fonte: POSSATO, 2010, p.127; LEAHY, 2011, p.49



Procedimentos

A queixa inicial foi realizada por parte do adolescente, que relatou que desde os 14 anos percebeu alguns medos e entre eles um dos que mais lhe incomoda é o medo de espelho. O procedimento se deu ao longo de quatro meses, no total de 30 encontros, com duração aproximada de 50 minutos cada um. Divididos em seis temáticas que objetivavam o procedimento do acompanhamento: do 1º ao 5º encontro desenvolveu-se o acolhimento da escuta à metanarrativas; do 2º ao 10º realizaram-se entrevistas com os pais; do 11º ao 15º encontro avaliações sobre a ansiedade, medo, ambiente e crenças; do 16º ao 20º encontro foi feita a exposição das avaliações e construção

do enfrentamento; do 21º ao 25º exposição e enfrentamento; e, finalmente, do 26º ao 30º encontro efetuaram-se repetição dos exercícios de enfrentamento com o pai, a mãe e a família. No Quadro 1 são apresentados detalhes sobre o procedimento do estudo, incluindo as atividades realizadas, hipóteses e bibliografias utilizadas.

Quadro 1 – Divisões dos encontros

Enc	Atividades	Hipótese	Referencia
1-5	Avaliando Sintomas: 1.Identifique seus medos; 2.Identifique comportamentos de segurança/evitação	Esse tipo de medo é característico de desconhecimento de si mesmo,	LEAHY, Robert L. <i>Livro de ansiedade</i> . trad.V Vinicius figueira. Porto Alegre:Artmed,2011.
6-10	Avaliar e Construir uma hierarquia do medo; Avaliar a racionalidade do medo	O que se está imaginando é menos assustador do que de fato vivencia-se	RANGÉR, Bernard. <i>Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria</i> .2ed.Porto Alegre:Artmed,2011
11-15	Trabalhar imagem teste: Observar pessoas fazendo o que você tem medo; Praticar a imaginação da situação	Há uma ligação muito forte dos pensamentos automáticos com o impedimento das ações	CUNHA,Jurema Alcides <i>Manual da versão em português das escalas Beck</i> . São Paulo:Casa do psicólogo,2011.
16-20	Praticar a exposição:O que prever que vai acontecer Olhar racionalmente; Dessensibilização; Relaxamento	O enfrentamento do "seu todo" o assusta, precisa se conhece aos poucos Possivelmente o medo sentido fora aprendido	WRIGHT,J esse H.; SUDAK, Donna M.;TURKINGTON, Douglas.; THASE, Michael E. <i>Terapia cognitivo-comportamental de alto rendimento para sessões breves</i> . Trad. Gabriela W. Linck. Porto Alegre:Artmed,2012.
21-25	Treino de assertividade; Exposição /enfrentamento Técnicas de relaxamento	O enfrentamento neste caso possivelmente diminuirá a ansiedade, tornando possível a dessensibilização sistemática.	CABALLO, Vivente E. <i>Manual para tratamento cognitivo-comportamental dos transtornos psicológicos: transtornos de ansiedade, sexuais, afetivos e psicóticos</i> . Trad. Magali de Loudes Pedro. São Paulo:Santos,2011.
26-30	Encontro com pai(1) mãe(1) família(1)	O processo trouxe a cada um a consciência de seus lugares como contribuidores para demanda do filho , porém existem demandas em cada um que precisam ser trabalhadas.	LEAHY, Robert L. <i>Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta</i> . trad. Mª.A.V Veronese. Porto Alegre:Artmed,2006

Produção da própria autora do artigo

Desenvolvimento

A tipologia dos medos faz menção às etapas do amadurecimento emocional abrangendo os acontecimentos das relações interpessoais existentes entre o par mãe-filho sob dependências: absoluta e relativa, bem como independências relativas na formação triangular. Essa é uma linguagem psicanalítica provinda de Winnicott (2011), referenciando a presença forte do relacionamento afetivo entre mãe e filho como raízes da maioria dos medos existentes. Segundo o mesmo

autor, na etapa da adolescência estes medos adquiridos na fase da infância, retoma numa configuração identitária pessoal e social definidora de comportamentos. O medo é um fenômeno cuja existência vem desde a primitividade tanto em animais como no ser humano, atuando como mecanismo de alerta e prontidão que prepara tanto para fuga como para o enfrentamento. O lidar com estes mecanismos envolve a existência de ansiedades. E são estas ansiedades que poderá vir gerar fobias específicas ou não.

Fobias são medos persistentes, sempre acompanhadas de sintomas físicos e psíquicos. As fobias estão divididas em três categorias (RANGÉ, 2011): agorafobia, fobia social e fobia específica. Assim como o medo as fobias específicas são universais, encontradas em todas as culturas (LEAHY, 2011). Podendo, segundo teorias, serem adquiridas ou inatas, assim como persistente e irracional (POSSATO, 2010). Muitos dos nossos medos podem ser diminuídos e eliminados quando busca-se compreendê-los através das informações e pesquisa (POSSATO, 2010). A fobia pode estar interligada a um dos níveis de estresse. Quem tem este tipo de fobia “precisa aprender a aumentar seus reforçadores, lidar com pensamentos e regras disfuncionais, modificar traços prejudiciais de personalidade”. Os recursos da terapia comportamentais cognitivas são indicados para este tipo de tratamento.

O processo identitário acaba sendo atingido por fatores interligados aos medos fóbicos, considerando que o medo está de alguma forma em conexão a inseguranças vivenciadas no processo de formação. A construção da identidade passa por oito estágio

(ERIKSON,1998), nos quais o estágio da adolescência é onde os conflitos são mais intensos. A construção desse eu identitário é vista fortemente neste momento. E o percurso percorrido até então fará diferença. No desenvolvimento da identidade, segundo o olhar psicanalítico, a mãe é que introduz na psique do bebê um certo tipo de pensamento cuja função é identificam-te, que diz ao bebe quem ele é. Conforme Mezan (1986, p. 44-49),

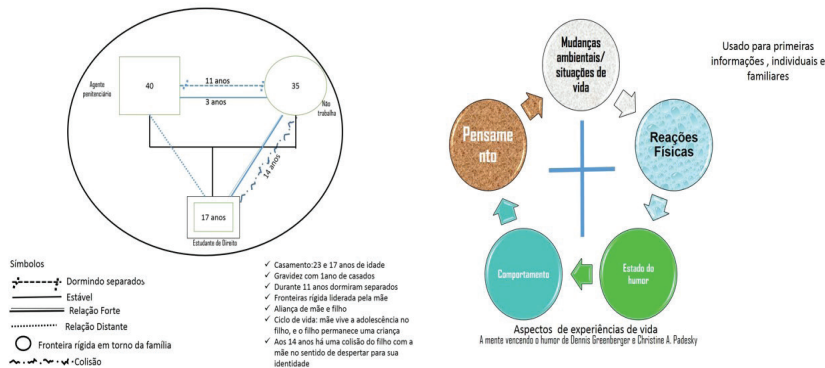
“Você é meu bebê”, “Você é lindo”, “Você é meu filho”, são exemplos simples deste tipo de pensamentos, que são pensamentos da mãe acerca de seu bebê. Eles exprimem os desejos da mãe quanto a esta criança, como podemos ver na seguinte anedota: Uma mãe judia está passeando na praça Buenos Aires com seus dois filhos, no carrinho de bebê. Uma pessoa se aproxima e pergunta: “são seus filhos?” E ela: “Claro! Este é o médico e este é o engenheiro!”. Enunciados deste tipo são, na linguagem técnica da psicanálise, enunciados identificatórios.

A identificação perpassa pela conceituação da própria imagem. A eisoptrofobia acaba sendo reflexo da dificuldade da aceitação desta imagem. Precisando ser tratada. E entender a conceituação e compreensão, dada pelo adolescente, sobre esse medo, foi de imediato o primeiro passo. Para isto houve a escuta da metanarrativa e em sequência demonstrações do perceptível sobre medos inatos e aprendidos (WHITE, 2012; POSSATO, 2010).

Resultados

A Figura 1 apresenta o genograma, assim como o mapa de experiências de vida, elaborados a partir das entrevistas realizadas.

Figura 1: Genograma, Ecomapa e Mapa da Experiência de Vida



Fonte 1: Autoria própria

Na Figura 2 é possível observar casamento com idade imatura, gravidez muito rápida, processo de afastamento do cônjuge durante 11 anos, relacionamento distante entre pai e filho, uma díade fortíssima entre filho e mãe, resultando em uma construção de identidade fragmentada (filho não constrói a sua própria imagem).

Ao final dos 30 encontros ele já não demonstrava dificuldades em se observar no espelho, a mãe já mantinha a postura de não intervenção, trabalho também feito com a mãe no sentido de ela buscar sua identidade como mãe e não se projetar nele como vida. O pai

também passou à conscientização de uma lacuna aberta por sua ausência e juntos buscam criar novos momentos.

No questionário aplicado para identificação dos medos externos e internos, pode-se observar que o adolescente tem controle sobre seus medos, e isso trouxe alguns pontos que ajudaram ao enfrentamento. Entre eles a percepção do pensamento automático sobre o seu medo, o qual poderia ser trabalhado “é imprescindível que compreendamos nossos medos, a fim de, a partir dessa compreensão, lançarmos mão do nosso potencial de coragem, para aí sim, mudar o que precisamos em nosso jeito de agir, e, com isso, termos condições de enfrenta-los e resolvê-los” (POSSATTO, 2010, p. 1). Destacamos alguns pontos na leitura: 1) Que o medo desenhava uma fobia específica, 2) Que havia questões fortes de identidades no percurso de sua história que devido à idade estava aflorando fortemente, 3) Questões de ansiedade e angustia que estavam presentes como indicativos a este medo, 4) Que a princípio ele precisava trabalhar o esclarecimento/informações sobre medos, e 5) A necessidade de seguir o trabalho de reflexão sobre si mesmo, sua imagem e seu ego.⁴

O adolescente sente uma ansiedade acentuada acerca do espelho, achando que o espelho vai se personificar e o abraçar. Em outros momentos imagina como se fosse uma porta do tempo, algo como um buraco no espaço aberto. Contudo se o espelho estiver do lado contrário ou se ele (o adolescente) estiver acompanhado com alguém não há incômodo. Há uma esquivia ativa. Entre os 3 aos 4 anos de idade

.....
⁴ Hoje o trabalho com este adolescente continua em uma outra esfera: trabalhando a sua construção identitária, sua imagem e aceitação

demonstrou debilidades de saúde e enquanto cuidava dele a mãe passou a dormir junto, isto permaneceu até aos 14 anos. O pai a princípio achou que seria por pouco tempo, depois questionou e como não houve atenção da esposa acabou deixando como estava, dormindo sozinho.

Na infância houve uma projeção completa da mãe sobre o filho, onde ela, a mãe, passou a vivenciar a vida do menino como se fosse a dela de maneira que sempre quis, mais fora reprimida pelos pais; colocou o filho em uma posição de objeto do seu desejo, colocando-o no lugar do marido. Não permitiu a presença masculina em seu espaço. Formou-se uma díade muito nítida e forte. Todas as decisões eram tomadas por ela. Não o permitia socializar-se com outras crianças, as saídas com o pai eram muito escassas, pois temia que o pai não sabia cuidar do filho como achava que deveria. Aos 14 anos o adolescente sentira a necessidade desta socialização retirada dele, e o medo do enfrentamento às decisões as escolhas e a própria definição de si mesmo surgiram como estranho. Nesta fase da adolescência a ansiedade demonstra-se mais afluída e a questão da identidade fica mais forte. Era preciso que houvesse uma percepção do quanto toda a demanda se envolvia em níveis de estresse por uma busca de si mesmo e portanto aplicou-se um questionário em seguida o esclarecimento a ele sobre o que poderia vir a ser realmente este medo e medos.

O questionário de medos permitiu detectar alguns dos principais medos do adolescente, sejam eles internos (como o medo de amar, de pesadelos e de lembrar do seu passado) ou externos (como o medo de trair a si mesmo e medo do futuro). Entende-se que quando o medo é externo há uma facilidade maior de o trabalhar. Além desses, o jovem

declarou medo de ser enterrado vivo (tafefobia) e medo de vomitar (emetofobia). O vomitar conota com medo de colocar para fora o que se tem, medo de sujar o outro, o incomodo de ter que expelir pela própria boca o que lhe faz mal. Um medo externo e outro interno. Interessante observar que há um equilíbrio entre medos internos e externos, e que mesmo não aparecendo o medo do espelho no questionário, ele não o cita. Hipotetiza-se que existe uma outra demanda além da trazida por ele sobre o medo de espelho. E que possivelmente este medo apenas seja uma projeção do que existe no seu inconsciente que envolve questionamentos identitário. Porém precisa-se trabalhar este momento usando a metáfora da cebola: camada por camada para chegar ao centro.

152

Além disso, a partir do Inventário de Ansiedade aplicado foi possível detectar a quantidade e nível de sintomas de ansiedade apresentados pelo adolescente. Entre os sintomas mais fortes encontram-se dormência e formigamento, tremores nas mãos e pernas, incapacidade de relaxar, medo de que aconteça o pior, palpitação, sensação de sufocação, medo de perder o controle, dificuldade de respirar, medo de morrer e desconforto no abdome. Segundo os padrões normativos do teste, o jovem apresenta nível moderado de ansiedade.

Discussão

Segundo Erick Erickson (1959 apud CLOUTIER, DRAPEAU, 2012), o adolescente encontra-se no estágio conhecido como a fase

da identidade x confusão de papéis. A demanda trazida conduzia à problemática de saber que tipo de medo é caracterizado neste caso. Subsidiando esta pesquisa, autores como Rangé e Cols. (2011) foram abordados para utilização da terapia cognitivo-comportamentais escolhida como uma das abordagens, bem como Papalia e Feldman (2013) trazendo características do desenvolvimento humano, precisamente a adolescência. Caballo (2011) também corrobora com tratamento às fobias, Possatto (2010) e Leahy (2011) são teóricos que tratam do medo em suas características e sob suas abordagens é elaborado um questionário para avaliar o nível de medo existente.

Percebeu-se a existência de fobia específica uma vez que a patologia está circunscrita a situações ou objetos específicos (RANGER; COL, 2011). Considerou-se também que o comportamento de esquiava é um caracterizador deste tipo de fobia. Houve uma análise dos fatores que contribuíram para existência desta fobia, embora não há uma resposta exata (LEAHY, 2011, p. 49), contudo existem fenômenos gerais. A fobia específica pode ser inata como aprendida. A percepção de que aos 14 anos é que veio pronunciar-se com essa fobia, buscou-se pesquisar questões sobre o relacionamento com os pais antes da percepção e depois.

A característica desta fobia mostrou-se interligada a questões da identidade, já que se observara que a características da mãe era de proteção demasiada, não oportunizando o filho de desenvolver hábitos de tomadas de decisões, cultivando nele uma postura de insegurança em tudo que exige escolhas. Este tipo de comportamento é denominado segundo Nasio (1997), de o *processo de identificação*, onde o objeto,

neste caso a mãe, produz uma nova identificação ao sujeito, neste caso o filho. Surge uma nova identidade a qual não é a de si mesmo mais produção do outro. O adolescente perde-se em si mesmo no desconhecimento da própria imagem. E como se não se basta, ocorre o que Nasio aborda como *traço bem discernível* de um ser desaparecido a quem fomos profundamente apegados, ou seja, haverá uma procura do objeto amado (aqui a mãe) e perdido em todo tempo e espaço. Ele irá está procurando a imagem da mãe em todo momento e em outros como se fosse a sua imagem. Quando então se depara com o espelho há um estranhamento de si, um medo, um desconhecimento. Uma vez que não ver a imagem da mãe e sim de si mesmo.

154 Este momento da adolescência é um momento de definições das fronteiras pessoais (ERIKISON, 1998), da busca, da introspecção e exploração, do desafio de criar uma identidade pessoal e evitar a disfunção da personalidade. E se entre os períodos do segundo e quarto estágio (3-2,4-5anos de idade) a criança não desenvolveu a autonomia, sua distinção, capacidade de afirmação e negação, vivenciando um excessivo controle dos pais, ela terá uma forte tendência a persistência da dúvida e a vergonha que aparecerá fortemente no estágio da adolescência. É na adolescência que aparecerão os problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios de vida (WINNICOTT, 2011). No fato em relato observou-se que entre os 2 anos de idade aos 5 a criança passara a ser totalmente administrada pelos desejos da mãe.

Em um dos momentos de escuta ela mesma expressa a seguinte afirmação:

entre os 2 aos 4 anos meu filho apresentou-se muito doente e a partir de então passei a dormir em seu quarto, para cuidar dele. Não deixava nem mesmo sair com o pai, pois eu não confiava que ele saberia cuidar. Tudo eu tomava a iniciativa. Foi assim até aos 14 anos quando ele pediu para que eu não dormisse mais com ele.

O que se percebe aos 14 anos é uma busca por individuação (PAPPALIA, 2013, p. 437) importantíssima. Há uma carência de criação de fronteiras. E há uma atuação excessiva da mãe até em ausentar o pai. Há uma forte tendência a confirmação da hipótese sobre ser essa postura da mãe o fator desencadeador da demanda, uma vez que ela se projeta na vida do filho, ausenta a presença masculina (referencia), transfere sua vida ao filho, não o permite tomar suas decisões e mesmo tomar apoderamento de seu lugar de filho.

155

O medo trazido como demanda fora identificado como uma fobia específica, caracterizada por: 1. Medo acentuado e persistente, excessivo e irracional, revelando-se sempre que imaginava o objeto ou presenciava; 2. Havia uma resposta imediata de ansiedade à exposição do objeto; 3. Há um reconhecimento da irracionalidade e excessividade do medo; 4. Há uma esquiva acompanhada de ansiedade e angústia. 5. Há um período de sua existência além de seis meses.

A hipótese de que havia uma ligação com o histórico de comportamentos dos pais com a demanda trazida comprovou-se com a compreensão dos fatores contribuintes para este medo: 1. Nível de ansiedade e angústia; 2. atitudes da mãe: demasiada proteção, projeção, ciclo de vida na adolescência, afastar o pai do filho, afastar-se

do cônjuge colocando o filho em seu lugar, cuidar do filho como se fosse literalmente a sua vida; 3. Atitudes do pai: ausência na educação, permissão à mãe tomar o seu lugar, passividade excessiva em acatar o afastamento da mãe por 11 anos, se colocando no lugar de filho, não demonstrando uma presença masculina; 4. Ambos os pais se projetando como o espelho do filho durante a infância quando não usavam espelho para que o filho se observasse, dizendo ser eles o espelho que diria se o filho estava arrumado ou não 5.O próprio adolescente se projeta na imagem da mãe.

A partir da compreensão dos fatores houve uma construção do caminho para o enfrentamento. Com a aplicação do Inventário de Ansiedade Beck — BAI observou-se que o nível da sua ansiedade embora não se chega a ser grave apresentava um nível moderado, revelando a importância de observá-la como um dos fatores indicativos a esta questão do medo. E que a tratando poderia sair deste estado de incomodo e caminhar ao enfrentamento com mais segurança e consciência. O caminho poderia ser percorrido levando em consideração o tempo do próprio caminante.

156

Considerações finais

A partir do trabalho realizado, foi possível hipotetizar que: 1) O quadro comportamental do entorno familiar estaria influenciando a existência da eisoptrofobia; 2) Que a partir do momento que se conceituasse medo, ansiedade, fobia ter-se-ia um maior entendimento

do nível que o próprio adolescente estaria em relação ao medo; 3) O enfrentamento seria uma opção viável ao tratamento; 4) Questões de identidades seriam observadas em algum momento como resultado deste tipo de medo. Com aplicação do quadro de conceituação constatou-se a hipótese 2, quando o mesmo pode definir entre medo, ansiedade, fobia e o tipo de medo que estava dizendo ter. A hipótese 1 fora constatada nas entrevistas com a família, nas metanarrativas de cada um especialmente a mãe e na visita ao ambiente familiar. As demais hipóteses foram sendo construída por cada momento com o adolescente e os momentos a sós com os pais. O objetivo de perceber que tipo de medo, nível, origem e de que maneira poderia ser seguido um tratamento fora sendo conquistado com as construções do genograma, eco-mapa e mapa de experiência. Oportunizando o próprio adolescente a se auto perceber na história da sua família, no lugar em que ocupava. A análise do genograma bem como as construções dos questionários embasados nos autores que regeram o estudo teve uma rica importância, ao esclarecimento de atitudes e comportamentos observados durante todo o período desde o acolhimento ao enfrentamento.

O estudo contribui à afirmação sobre a influência familiar como o cerne do desenvolvimento humano influenciando ao um desenvolvimento saudável ou doentio. Surgi a hipótese de que as questões identitárias se revelaria no aspecto da confusão de gênero, uma vez que a ausência masculina é bem forte neste entorno. E que existe outra demanda além da trazida que possivelmente este medo apenas seja uma projeção do que existe no seu inconsciente que envolve questionamentos identitário. Porém precisa-se trabalhar este momento usando a metáfora da

cebola: camada por camada para chegar ao centro. Contudo sugere-se aprofundamento desta hipótese em um segundo momento.

Por fim, após o processo das escutas às metanarrativas e as crenças, as questões familiares ficaram mais alargadas, logo, observou-se que todos estavam a construir as próprias identidades perdidas: a mãe como mãe, o pai como pai e o filho como filho. Até o último momento e relato a família está em processo de acompanhamento mensalmente, a mãe quinzenalmente vem ao encontro, ela acabou se permitindo se observar como parte fortíssima deste processo, o filho administra suas vindas não mais tratando a demanda do medo, mas questões sobre o conhecimento de si mesmo. E agora, no espaço da casa, existe espelho sem nenhum desconforto a ninguém.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CABALLO, V. (Coord.). **Manual para o tratamento cognitivo-comportamental dos transtornos psicológicos: transtornos de ansiedade, sexuais, afetivos e psicóticos**. São Paulo: Santos, 2011.

CUNHA, J. A. **Manual da versão em português das escalas Beck**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.

DENNIS, G. **A mente vencendo o humor: mude como você se sente, mudando o**

modo como você pensa. Porto Alegre: Artmed,1999.

ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes médicas,1998.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

McGOLDRICK, M. **Genogramas: avaliação e intervenção familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MEZAN, R. **Psicanálise, judaísmo: ressonância**. Campinas. São Paulo: Ed. Escuta,1986.

Manual diagnóstico e estatístico de transtorno mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

159

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

POSSATTO, L. **Medo, fobias e pânico: aprenda a lidar com estas emoções**. São Paulo: Lúmen, 2010.

LEAHY, R. L. **Livre de ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. **Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta**. Porto Alegre: Artmed,2006

RANGER, B. **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. 2.ed. Potro Alegre: Artmed, 2011.

RICHARD, C.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WHITE, M. **Mapas da prática narrativa**. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

WRIGHT, J. H.; SUDAK, D. M.; TURKINGTON, D.; THASE, M. E. **Terapia cognitivo-comportamental de alto rendimento para sessões breves**. Trad. LINCK, G. W. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WINNICOTT, D. W. A contribuição da mãe para a sociedade. In: WINNICOTT, D. **Tudo começa em casa**. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2011.

O pastor e a crise na família

José Plínio Alves da Silva¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: Crises ao longo do ciclo vital são comuns e, quando ocorrem no ambiente familiar, todos os membros se vem afetados, em maior ou menor medida. O presente trabalho trata acerca das possibilidades de atuação pastoral diante de uma família em crise. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica e, a partir disso, encontros

¹ Pós-graduando em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: jose.plinioalves@gmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unaspedu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

de avaliação e orientação, focados no aconselhamento pastoral para enfrentamento das crises familiares. Esse artigo conclui que o pastor tem um importante papel nas famílias de sua congregação e cabe a ele também uma parcela de trabalho voltada ao aconselhamento e como tal ferramenta é indispensável nos dias de hoje.

Palavras-chave: Ciclo de vida familiar; Crises; Aconselhamento.

Abstract: Crises throughout the life cycle are common, and when they occur in the family environment, all members are affected to a greater or lesser extent. The present work deals with the possibilities of pastoral action before a family in crisis. For this, a bibliographical review was carried out and, from this, evaluation and orientation meetings, focused on pastoral counseling to deal with family crises. This article concludes that the pastor has an important role to play in the families of his congregation, and he also has a portion of his work in counseling and how such a tool is indispensable today.

Keywords: Family life cycle; Crises; Counseling.

Introdução

A centralidade da família como círculo social básico é indiscutível entre os teóricos de diversas áreas do conhecimento. É fundamental entender que a família é o lugar onde o ser humano se forma

com relação ao mundo, seus gostos, suas afinidades, suas atitudes e principalmente seu caráter é desenvolvido no lar (WHITE, 2004). Corroborando com esse pensamento, Lasch, Tronca e Szmrecsanyi (1991) afirmam que a família é o principal agente de socialização do ser humano. Por essa questão pode-se entender que essa influência voltada para o ser humano pode ser benéfica, se houver na família relação salutar, ou extremamente maléfica, caso haja um quadro de crises, constantes.

Para White (2004), as crises familiares não afetam o indivíduo apenas no círculo relacional familiar, entretanto ele carrega as consequências dos conflitos em si mesmo, e, por consequência, isso influencia tudo que ele vier a fazer, seja no trabalho, na igreja, sociedade enfim, a crise familiar tem consequência extrafamiliares.

Como responsabilidade eclesial, as famílias constituem grande parte de ação religiosa. Trabalhar o ser humano em sua composição básica, a família, é de interesse da religião. Os motivos que acima foram citados, referentes às crises constituem as razões que impulsionam o desenvolvimento de trabalho direcionado para a saúde das famílias que compõem as congregações. Importante entender que o pastor tem uma parcela de responsabilidade na saúde das famílias de sua igreja. Atualmente, crises estão presentes dentro das congregações, onde as famílias cristãs enfrentam crises semelhantes e por que não dizer iguais às dos que não tem um credo religioso.

O que consideramos crise mediante a pesquisa bibliográfica é um momento de virada, um período que por vezes exige ajustes diante de novas situações que requerem uma maior capacidade de

resolver certas questões mais complexas que as habituais. Como exemplo: o divórcio, finanças, comunicação, mudanças no ciclo de vida familiar, morte, infidelidade, vícios diversos, doença, má educação da prole, casamento dos filhos, entre outros são fatores que podem se tornar uma crise no casamento, esse pensamento é comum a muitos autores da área familiar com enfoque religioso (GONDIM, 2010; CAPLAN, 2000; FACCI, 2002; GRUDEM; RAINEY, 2005; HART, 1998; RAINEY; JUSTINO, 2003).

Diante desse quadro preocupante ante à situação das famílias cristãs hoje, é indiscutível a responsabilidade do ministro religioso para com as famílias as quais ministra. Nesta sociedade que está cada dia mais degradada pelas consequências do pecado e distanciamento dos princípios deixados por Deus, homens e mulheres sofrem as dores e misérias causadas pelos pecados pessoais, o aconselhamento pastoral é uma tarefa que procura lutar pela saúde das famílias, a restauração. Certo de que os ministros deveriam estar sempre dispostos e capacitados a ministrar em favor desse grupo tão necessitado de cuidado que são as famílias da igreja (ADAMS; BENTES, 2011).

Baseado nessa premissa, o presente artigo tem por objetivo descrever e analisar uma intervenção familiar realizada em um lar que passava por uma crise. Através de técnicas e métodos do aconselhamento pretende-se: alçar dados teóricos do ciclo de vida familiar e compreender assim a família, trabalhar os relacionamentos dos integrantes com fim de resolver a situação estressora. A crise familiar é um período de mudança, tensão conflito, que requer uma

reorganização diante de uma situação inesperada (crises repentinas), no caso de morte, acidente, descoberto de uma traição entre outras, ou diante da mudança do ciclo de vida familiar (crises de desenvolvimento) (SANTOS, 2006; CAPLAN, 2000).

Metodologia

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o assunto, através de pesquisa nos terminais de busca da biblioteca das Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão e bases de dados acadêmicas on-line com os seguintes termos: aconselhamento familiar, crise familiar, crise na família, ciclo vital familiar, aconselhamento, terapia familiar e conjugalidade. Foi feita uma análise qualitativa, com fim de compreender o que a família está passando, bem como sua dinâmica relacional. A linha de aconselhamento, por outro lado, foi sistêmica.

165

Participantes

Participaram do estudo: Lúcia, de 55 anos e mãe de Ageu, um jovem rapaz de 26 anos, e sua namorada Carina, de 22 anos. Apesar de não ter participado dos encontros do aconselhamento, a mãe de Carina (Sara) foi consultada uma vez e após o término de encontros solicitado pela pesquisa.

Instrumentos

Com relação ao trabalho desenvolvido com os integrantes da família, utilizamos entrevistas, em todos os momentos. Gil (2007, p. 117) define a entrevista como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. A escolha dessa forma de obtenção de dados foi em detrimento do aconselhamento. Conforme abordado no princípio deste artigo, o aconselhamento existe quando se tem interesse em ajudar uma pessoa ou grupo familiar.

166 Marconi e Lakatos (2002) e Gil (2007) destacam algumas as vantagens de se utilizar entrevistas e discorrem que por ela temos na flexibilidade na obtenção de dados, juntamente com as possibilidades de se ter acesso a informações mais direcionadas ao tema proposto, como base foi selecionado esses aspectos. Lopes e Escudero (2003) por sua parte, ponderam fatores importantes para a entrevista bem-sucedida, esses fatores que são indispensáveis são: empatia/conexão emocional; autenticidade/credibilidade; clareza na comunicação; ritmo adaptado ao cliente; estímulo para que o cliente fale; e assim logramos êxito na obtenção de informação bem como no relacionamento com a família estudada.

Além das entrevistas, outra ferramenta chave que proporcionou uma visão mais ampla da situação foi o genograma. Dattilio (2011, p. 119) afirma que: “[...] um genograma é usado tanto diagnóstica quanto terapeuticamente para descobrir importantes informações

sobre a história e a família de origem de uma pessoa. [...]”. Em nossa situação, a visão gráfica da família foi determinante para descobrir em quem dedicar mais esforço e cuidado.

Procedimentos

Com a família foram realizadas entrevistas individuais, e depois com o jovem casal de namorados; o processo de intervenção se deu em sete encontros, apresentados e detalhados no Quadro 1. Os participantes não autorizaram a gravação das entrevistas/encontros, por conseguinte nossas informações foram coletadas através de anotações posteriores aos encontros.

Quadro 1: Trajetória do aconselhamento

167

Sequência	Participantes	Objetivos	Tempo de duração
1º encontro	Lúcia	Ouvir sua história; compreendê-la.	80 min
2º encontro	Lúcia	Ouvir a continuação de sua história.	60 min
3º encontro	Lúcia	Orientação quanto ao seu relacionamento com a namorada de seu filho mais novo.	65 min
4º encontro	Ageu	Ouvi-lo, e entender como ele se sente diante da situação.	50 min
5º encontro	Carina	Ouvi-la, e entender como ela se sente diante da situação. Compreender seu histórico familiar	120 min

6º encontro	O casal de namorados: Ageu e Carina	Ouvi-los e buscar compreender os objetivos de ambos com o relacionamento. Apresentar os riscos, consequências de suas atitudes, para si e os familiares.	60 min
7º encontro	O casal de namorados: Ageu e Carina	Orientação quanto a possibilidades de trabalho para solução de conflitos entre eles, e familiares. Bem como orientação quanto ao casamento. Conversa avaliativa.	60 min

Conforme pode ser observado no Quadro 1, nos primeiros dois encontros com Lúcia, o objetivo foi apenas conhecer sua história. No terceiro encontro com ela, já procuramos intervir em seu relacionamento com Carina, a namorada de seu filho. Fazê-la entender por si mesma que a relação entre ela e a Carina poderia ser restabelecida. No encontro com o Ageu, nosso objetivo foi entender como ele se sente diante dessa situação, de conflitos com sua namorada, quais os planos dele para com ela, conscientiza-lo de como a presente relação tem sido maléfica para saúde de sua mãe e os riscos da continuação dessa união. Quando entrevistamos a Carina no encontro cinco, nosso propósito foi: entender como ela se sente diante da situação, seu contexto familiar, suas expectativas como relacionamento, e fazê-la entender que a Lúcia está sendo afetada com o relacionamento da forma como tem sido levado. No sexto encontro esteve presente o jovem casal, e o objetivo foi ouvi-los quanto aos seus planos, fazê-los enxergar suas diferenças, suas diferentes atitudes diante de situações estressoras, possibilidades de saída diante dessas situações. No sétimo encontro procuramos, fazer com que

entendam os fatores de risco dessa união e de ser levada a diante o casamento, orientações quanto ao casamento.

Desenvolvimento

É comum as pessoas passarem por situações que requerem disposição de resolver problemas, conflitos diários e até mesmo discórdias. Por isso nós habitualmente com essas tensões acabamos desenvolvendo capacidades que nos ajudam a suportar administrar essas situações estressoras do dia-a-dia. Compreende-se uma crise como um problema mais complexo que os habituais. Crise se estabelece quando nossas capacidades de lidar com a situação estressora são insuficientes para solucioná-las. Diante dessa situação de incapacidade de resolver o conflito gera uma demanda de estresse consequência das exigências não supridas, quer sejam físicas ou psicológicas (CAPLAN, 2000), desse modo se instaura a crise na família, a incapacidade de lidar com a situação. O momento da tensão é um tempo crucial, é um período de virada no desenvolvimento de um processo. Friesen (2004) afirma que as famílias enfrentam dois tipos de crises: as previsíveis, consequências das transições da vida, e as crises imprevisíveis resultado das intempéries da existência humana.

Diante disso, observa-se na literatura das práxis pastorais, um enfoque em intervenções na família em crise, do qual o aconselhamento é a principal e mais eficaz alternativa de trabalho para o pastor (FRIESEN, 2004; SANTOS, 2006). Sobre isso Caplan (2000) diz que essa alternativa

tem como objetivo, capacitar as pessoas a reagirem positivamente, diante dos processos de crise familiar e/ou pessoal, tendo-as como oportunidade de crescimento. Desse modo, o aconselhamento pastoral é uma das mais importantes tarefas a serem desenvolvidas pelos ministros. Para Adam e Bentes (2011), os pastores deveriam estar sempre dispostos e ser capazes de ministrar em favor desse grupo de famílias que carecem de instrução e apoio. Caso o ministro não esteja capacitado para esse trabalho, é fundamental que ele procure, organizar em sua igreja pessoas ou programas alternativos de intervenção familiar.

Segundo Sathler-Rosa (2004), o aconselhamento é um ministério de ajuda, onde um indivíduo com um certo grau de confusão, decepção ou desespero procura conforto em uma segunda pessoa que busca ajudar analisando a situação do aconselhando, tentando assim desemaranhar as questões envolvidas, oferecendo conselhos e direções úteis e benéficas. Para que o aconselhamento seja bem-sucedido, tanto a análise quanto o conselho precisam ser verdadeiros.

O aconselhamento é uma busca em que o conselheiro se dispõe a dialogar, ouvir mais que falar. Com o objetivo de conduzir o aconselhando a encontrar o caminho certo a seguir para que consiga se livrar do problema ou crise, ou a passar por ela amenizando ao máximo suas consequências. Encorajar o indivíduo a pensar e descobrir os trajetos para que seus relacionamentos com Deus e com o próximo possam ser restabelecidos, fortalecidos (COLLINS, 2004).

Nesse sentido, Molochenco (2008, p. 24) define o aconselhamento como aquela “ajuda que alguém, com certa preparação, presta ao outro por meio de um relacionamento de cuidado”. Como um dos principais

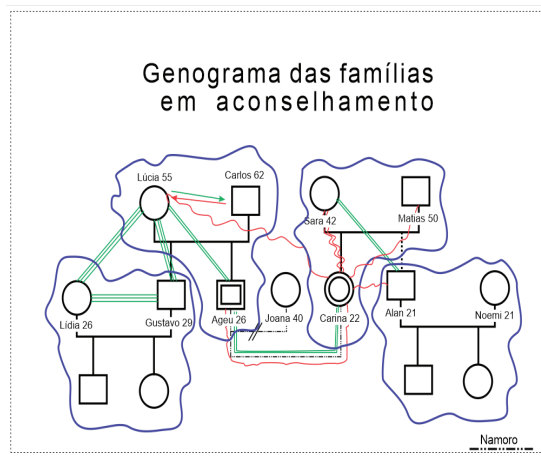
instrumentos de auxiliar às pessoas a entender o sentido dessa vida e ampliar a percepção de sua cosmovisão, aprendendo assim enfrentar o cotidiano, o aconselhamento é uma ação de ajuda com o objetivo de curar, sustentar, orientar, encaminhar e reconciliar pessoas com dificuldades a saírem de seus problemas e voltarem para a vida equilibrada. Sendo assim, o conselheiro, diferente daqueles que correm e querem resultados imediatos, precisa ser alguém com disposição para ouvir mais do que se expressar e falar (MOLOCHENCO, 2008).

Resultados

A Figura 1 apresenta o genograma realizado, a partir das entrevistas com a família.

171

Figura 1: Genograma Familiar



Como é possível observar na Figura 1, Lúcia e Carlos tiveram dois filhos, sendo que o mais velho já está casado, enquanto o filho mais novo está namorando, sendo esse o ponto do conflito. O filho mais velho namorou desde cedo uma moça da mesma denominação religiosa, se casaram e tiveram um casal de filhos; o convívio entre Lúcia e a nora é muito bom, já moraram um bom tempo juntas, e são como mãe e filha. Os relacionamentos do filho mais novos serão descritos, pois aí está o foco principal da crise. Carina, a atual namorada de Ageu, tem relacionamento conflituoso com ambos os pais, com o irmão e com a sogra, o que acaba influenciando na presença de crises no namoro.

172

A família do Ageu já havia passado por uma crise relacionada a uma doença que o marido teve e agora estava passando por uma crise de desenvolvimento do ciclo de vida familiar, relacionado com o lançar os filhos ao mundo, momento este em que os filhos começam a se casar e isso traz inúmeras preocupações para os pais e em especial para a mãe. E justamente isso que a familiar enfrentava, dificuldades em aceitar a possível nora, junto à doença do pai da família. A seguir são detalhados os resultados por encontro.

Nos primeiros dois encontros, Lúcia contou que seu namorado havia superado suas expectativas, sempre carinhoso e atencioso. Esse procedimento o acompanhou até o casamento e durante os seus primeiros 20 anos de matrimônio, porém depois ele a traiu com outra mulher. Apesar disso sua esposa o perdoou motivada pelo amor que sentia. Após algum tempo, ele procurou outra mulher. E com essa, o vínculo foi maior, por ela estava decidido a sair de casa e deixar a

família. Segundo Lúcia, ele foi categórico quando visitado pelo líder religioso da família que: “eu não vou deixar minha amante, se Lúcia quiser me aceitar assim, eu fico em casa, do contrário irei embora”. Os filhos queriam a felicidade da mãe e sabiam que o pai estava fazendo-a sofrer, e não foram contra a decisão do pai. Ela pensava em ir embora, mas não tinha como se manter e também os filhos, portanto essa situação foi muito angustiante para todos.

Embora decidido a ir embora no dia 7 de abril de 2001 (data dada por Lúcia), e já tendo anunciado tal decisão à família, dois dias antes ele enfrentou a manifestação de uma doença, que o deixou acamado até hoje. Com os movimentos limitados, e constantes espasmos musculares, passou a ser cuidado por sua esposa e filhos. Quem cuida dele é sua mulher, que mesmo apesar de sua conduta ainda demonstra amor, carinho e cuidado com ele. A amante ainda esteve na casa dele para uma visita e quando viu a situação em que ele se encontrava desapareceu.

Ela enfrentou muitas dificuldades, com relação à questão financeira, pois a família trabalhava em conjunto. O pai era o mais dedicado e o mais forte para esse trabalho, pois demandava um esforço tremendo, esforço esse que seus filhos não conseguiram manter. Os problemas começaram então a tomar proporções enormes, e quem resolvia tudo era a Lúcia. Vários credores apareceram cobrando valores de compromissos que ele assumira onde trabalhava e apesar de verem a situação dele exigiram os pagamentos. Ela teve que vender a casa e o caminhão para quitar os débitos do esposo e com a sobra comprou uma casinha onde moram atualmente.

Foi um tempo terrível, pois além de o aceitar após ter decidido abandoná-la, teve de cuidar dele em tempo integral, como quem cuida de uma criança. Como se não bastasse, ele desenvolveu um ciúme doentio de sua esposa, ele tentava bater nela e, algumas vezes chegou até a pegar uma faca, entretanto foi impedido por seu filho. Hoje tudo que ele precisa é ela quem faz, pois nem falar direito ele consegue. Ele não aceita nenhum homem aparecer na casa nem que ela fale ao celular por muito tempo, pois é motivo suficiente para crises de nervos e palavrões direcionados a esposa.

A isso se junta o conflito com o filho Ageu. Por um tempo, ele namorou uma moça da mesma denominação, fator este que sua família valoriza muito, contudo por não estarem na mesma cidade, deram fim a relação. Passado algum tempo ele se afastou da igreja, iniciou um relacionamento com uma mulher consideravelmente mais velha. Essa companheira não a agradou e suas preocupações apenas aumentaram. A mulher vivia na casa deles, sempre iam para as festas e chegavam pela manhã, e isso a incomodava muito. Depois de algum tempo, terminaram o relacionamento, mas ela continuou visitando a casa pois ela e Lúcia ficaram muito amigas. Aliás, esse foi um dos motivos de muitas brigas com a atual namorada no início do namoro.

Atualmente Ageu namora uma jovem que pertence a mesma religião de sua mãe, mas Lúcia afirma que essa moça é uma mulher muito ciumenta, nervosa, agressiva e impaciente. Nesse relacionamento sua mãe já presenciou intensas crises de ciúmes, muitas brigas, violência emocional e física. Esta relação entristece muito Lúcia, ao ponto de proibir à Carina de frequentar a sua casa, por conta dos escândalos que

já aconteceram. Já se separaram várias vezes e sempre Carina convence o Ageu de recomeçar. Na visão de Lúcia, “ela domina ele”.

No terceiro encontro, procurou-se trabalhar com a mãe formas assertivas de diálogo com seu filho, pois geralmente ficava nervosa e acaba agindo/falando com agressividade. Conversou-se sobre como é importante que ela não rotulasse a Carina. Observamos que Lúcia havia rotulado a namorada de seu filho como agressiva, ciumenta e demais atitudes depreciativas, e seria importante diferenciar a pessoa do comportamento desagradável. Conversamos também sobre como procurar agir diante de tentativas de agressões e insultos que seu esposo mesmo duramente debilitado tem feito. A aconselhamos a procurar deixar que seu filho enxergue a situação. A mãe se mostrou muito satisfeita pelo apoio e orientações que estava recebendo mas pediu que fizéssemos o possível para separar a namorada do seu filho.

No quarto encontro estive apenas Ageu, e solicitamos que falasse um pouco sobre sua família, seus pais e irmão, como enxergava a situação de sua família. Ele fez um breve relato de sua família, e indagamos como foi superar a crise que sua família passou, e se ela conseguira superar tudo, como se via nessa situação. Ele fez questão de frisar que já superou a situação e está estabilizado na vida. Afirmar ter um bom emprego, um patrimônio considerável e não tem preocupações quanto ao futuro. Ainda disse ele que ama sua namorada e que não se casou com ela por não ver equilíbrio emocional, pelas crises de ciúmes, atitudes violentas. Ageu apontou que nem os amigos nem familiares concordam com o relacionamento, sendo

esta desaprovação social outro dos motivos que o impedem de tomar uma atitude em relação a casamento.

O quinto encontro foi realizado com a Carina, quem relatou que conheceu ele na igreja e que em pouco tempo já estavam apaixonados. Segundo ela, no primeiro ano de namoro tudo corria muito bem, havia harmonia entre ela e a mãe. Carina assume que as discussões começam geralmente por ciúmes excessivos da parte dela com a antiga namorada de Ageu. A partir disso, eles começam a brigar por tudo, desde dinheiro até amigos e familiares. Carina afirma que isso realmente tem causado sofrimento para suas famílias, especialmente para a Lúcia.

No fundo, foi possível perceber que Carina não se sente tão amada e valorizada por seu namorado, sendo que ela considera que é responsabilidade dele cuidar dela e assumir todas as suas dívidas e suprir suas necessidades. Quando indagada sobre seu relacionamento familiar, nossa visão da complexidade do caso aumentou sobremaneira. Ela afirma que não tem um bom relacionamento com sua mãe e ainda sofre violência física, as vezes isso ocorre em público, o que a deixa “morta de vergonha”. Seu irmão mais velho é viciado em drogas, e ela é forçada a ajudar financeiramente seu irmão. Não apenas os recursos são direcionados para ele, mas a atenção e o cuidado também. Com o seu pai o relacionamento é frágil, pois ele é alcoólatra e não possuem muita proximidade afetiva, mesmo morando sobre o mesmo teto.

Carina mostrou não ver a hora de sair da casa dos pais. Se vê aprisionada por essa situação, ela já pensou em sumir, fugir, pois já não suporta mais ficar naquela casa e as vezes passa o dia inteiro sem comer. Indignada, diz que o Ageu sabe tudo isso, mas “não

faz nada”. Segundo Carina, eles já poderiam estar casados porque o Ageu tem uma casa que está alugada, mas poderia ser para eles. Um ponto preocupante foi a afirmação de Carina em relação a já ter pensado em suicídio.

Procuramos não nos deter muito nos problemas pessoais dela, visto que a orientamos a procurar um apoio mais específico, que proporcione melhores condições de lhe dar com sua complexa realidade familiar, um acompanhamento psicológico. Fomos cautelosos e éticos nesse assunto. Nesse encontro procuramos ajudá-la reconhecer que ela estava tendo crises de ciúmes. Orientamos que não explodisse nem mesmo sofresse calada, entretanto que procurasse um diálogo com seu namorado sobre a questão estressora. Deixamos bem claro que atos impensados podem minar, destruir o relacionamento deles, ver que isso também partia de insegurança e procurar entender o teor e as razões, se importante para lidar melhor e trabalhar isso.

No sexto encontro estive o casal de namorados. Juntos relataram como foi o processo do início de seu namoro. O Ageu foi o que mais falou, explorando detalhes sobre a paquera e o início do namoro. O indagamos sobre o início das discussões, sobre o que sentia diante dessa situação. Se ainda havia interesse em lutar pelo relacionamento. Ele foi muito aberto com relação às questões, apesar de já ter em alguns momentos desistido, afirma que quer lutar pela relação e está disposto procurar alternativas de melhorar seu comportamento. Sua namorada também foi indagada sobre seu interesse pelo relacionamento, afirmando sem hesitar que quer sim

lutar pelo relacionamento, e está disposta a trabalhar melhor seu sentimento de ciúme e sua raiva instantânea. A mãe dele disse que elas estão dependentes um do outro a ponto de se afastar de qualquer pessoa que desaprove o relacionamento.

Ainda nessa reunião ficou claro que o risco dessa união ser um fracasso dependia deles, e que a possibilidade de serem felizes também dependia deles. Por terem enfrentado muitas questões familiares difíceis, precisariam ser cautelosos e conhecer bem a si mesmos e um ao outro antes de consumarem essa união. Eles responderam que vão assumir os riscos porque conhecem vários casais que em situações semelhantes casaram e estão bem atualmente.

No sétimo encontro conversamos sobre possibilidades de trabalho relacionado ao ciúme excessivo, bem como controle emocional e relacionamento familiar. Deixamos com o casal materiais bibliográficos os quais abordam os problemas enfrentados por eles. A pesquisa que desenvolvemos é com base no referencial teórico, na pesquisa bibliográfica e nos assuntos referidos em sala de aula, na classe de aconselhamento familiar e intervenção psicossocial. Podemos acompanhar as crises reais que as famílias passam, seus dilemas e fontes de sofrimento.

Lúcia tem demonstrado muita carência de afeto e apoio por parte dos demais membros da família, em especial do esposo. O relacionamento de Lúcia com seu filho mais novo é muito bom, até que o assunto do namoro é trazido à tona. Ficou evidente que apesar do ciúme exagerado de Carina, Ageu a ama muito. Ele não encontra forças para acabar o relacionamento, não sabe de fato o que sente por ela mas acredita que as coisas podem melhorar.

Nosso alvo foi orientar o casal a familiar e de maneira bem direta a Carina uma vez que seus traumas de infância e sua família disfuncional foi central como o ponto de desequilíbrio nesse relacionamento. Carina justifica as agressões para com o namorado dizendo que é assim devido o que sofreu em casa, está desesperada para casar e sair logo de casa e não gosta da sogra (Lúcia), pois sabe que ela é contra o relacionamento.

O último encontro foi marcado pela avaliação do casal na trajetória do aconselhamento. Nessa reunião o casal afirmou que desde que procuraram os conselheiros, haviam sentido mudanças no relacionamento, não mais ocorreram brigas no período do aconselhamento, tampouco agressões físicas. Afirmaram que a Lúcia estava mais aberta para recebe-la e estavam recriando o vínculo e a confiança. É evidente que só o tempo revelará mudanças profundas e significativas nesse tipo de relacionamento. Eles estão cientes dos grandes desafios que terão pela frente, mas demonstraram confiança e disposição para seguirem em frente apesar dos pesares.

179

Discussão

Devido à complexidade do caso, para que se criasse um vínculo de ajuda com a família utilizamos um princípio importante no aconselhamento de casais, o *rapport*, que envolve a preocupação por construir um relacionamento de confiança, sendo sensível às necessidades e medos da família (IMMER-BLACK, 1994).

Conforme apontado, durante muitos anos, o casamento entre Lúcia e o marido era funcional, não havendo problemas no que respeita a educação dos filhos, finanças e fidelidade. Sadock e Sadock (2007) ressaltam que isso é preponderante para a saúde psicologia e a sensação de bem-estar da família. Embora o pai nunca tenha sido muito carinhoso com os filhos, era um bom esposo e muito trabalhador. Havia suspeitas de traições mais ele sempre negava, até que 20 anos depois foi admitida uma traição, com tentativa de abandono frustrada pela doença. Tal fator atuou como estressor para o clima familiar, estando associado a outros problemas posteriores. Esta situação exigia uma reorganização dos relacionamentos.

Indiretamente, a queixa principal atendida no presente trabalho estava associada a problemas familiares tanto do Ageu quanto da Carina. Por isso, foi necessário trabalhar sistematicamente, a pesar de contar com o apoio de alguns membros somente. Nesse sentido, White (2004) aponta que as crises familiares não afetam o indivíduo apenas no círculo relacional familiar, entretanto ele carrega as consequências dos conflitos em si mesmo, e, por consequência, influencia tudo que ele vier a fazer, seja no trabalho, na igreja, sociedade enfim, a crise familiar tem consequência extrafamiliares.

Os pontos trabalhados e que apresentaram resultados positivos foram: melhorar a comunicação das emoções; limpar a hostilidade da comunicação; interromper a violência, trabalhando a responsabilidade que tiveram diante dos atos de violência e que possuíam o mesmo poder para não a fazer mais, ambas são responsáveis por mudar os padrões de agressão.

Considerações Finais

Situações provocadoras de crises na vida familiar são constantes, as expectativas irreais estão entre esses fatores. O presente século está marcado por profundas crises e transformações, o trabalho de acompanhamento e aconselhamento pastoral a casais e famílias é fundamental. Neste cenário, as igrejas e o pastor que dão atenção ao trabalho de aconselhamento pastoral a famílias em crises oferecem importante contribuição a este setor da sociedade, ajudando na diminuição de lares fragmentados; sofrimentos e impactos, a saúde dos filhos e do próprio casal imerso a conflitos.

Ademais, o programa de aconselhamento pastoral a casais em crise oferece suporte valioso para a cura, fortalecimento e libertação dos dramas que rodam a vida matrimonial. Em outras palavras, o aconselhamento pastoral matrimonial ajuda casais no ajustamento e vivência saudável da experiência conjugal. Assim, o presente artigo procurou delinear, através de referenciais teóricos, princípios para o desenvolvimento de um programa de acompanhamento, sustento, enriquecimento, nutrição, cura e aconselhamento pastoral a casais e a seus familiares em crises.

Concluindo, a expectativa é que o presente artigo, da área do aconselhamento pastoral, sirva de auxílio para pastores no sentido de ajudar casais e seus familiares a superarem essas duras realidades, caminhando rumo ao crescimento, libertação e saúde integral em sua vida matrimonial e familiar.

Referências

ADAMS, J. E.; BENTES, J. M. **O Manual do conselheiro cristão**: o volume que se segue e completa o Conselheiro capaz. São Paulo: Editora Fiel, 2011.

CAPLAN, G. Principles of preventive psychiatry. In: CLINEBELL, H. J.; SCHLUPP, W. O. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. São Paulo: Paulus, 2000.

COLLINS, G. R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DATTILIO, F. M. **Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FACCI, R. E. **Crescer a dois**. São Paulo: Paulinas, 2002.

FRIESEN, A. **Cuidando do casamento**: para conselheiro e casais. Curitiba: Esperança, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GONDIM, L. C. L. **Sexualidade e relacionamento**: um estudo entre casais adventistas, evangélicos e não confessionais. Cachoeira: CEPLIB, 2010.

GRUDEM, W.; RAINEY, D. **Famílias fortes, igrejas fortes**: os desafios do aconselhamento familiar. São Paulo: Vida, 2005.

HART, A. D. **Ajudando os filhos a sobreviverem ao divórcio**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

IMMER-BLACK, E. (Org.). **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LASCH, C.; TRONCA, I.; SZMRECSANYI, L. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LOPEZ, S.; ESCUDERO, V. **Família, evaluación e intervención**. Madrid: CCS, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

183

MOLOCHENCO, S. **Aconselhamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

RAINEY, D.; JUSTINO, E. **Ministério com famílias no século XXI: 8 grandes ideias para pastores e líderes**. São Paulo: Vida, 2003.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, V. M. B. M. As descasadas e sua dor: propostas para um aconselhamento efetivo nos espaços eclesiais. In: KOHL, M. W.; BARRO, A. C. (Org.). **Aconselhamento cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

SATHLER-ROSA, R. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança**. São Paulo: ASTE, 2004.

WHITE, E. G. **Cartas a jovens namorados**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

Separação conjugal: influência no comportamento dos filhos

Miriam Gomes dos Prazeres Lomba¹

Ivana Gisel Casali Robalinho²

Eliane Ester Stegmiller Paroschi³

Resumo: Crianças têm apresentado mudança de comportamento ao longo de sua vida e uma das causas pode estar relacionada à separação dos pais. Muitas vezes a separação é conflitante causando um grande desentendimento ao que se refere educação dos filhos. O referente estudo propõe mostrar “Como a separação de pais interfere no comportamento dos filhos”, tendo como pressuposto, tentar ajudar as famílias no que

.....
¹ Pós-graduanda em Aconselhamento Familiar e Intervenção Pessoal do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: milalomba@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Psicologia pela Universidad Adventista del Plata. E-mail: ivana.robalinho@unasp.edu.br.

³ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Andrews University. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eliane.paroschi@ucb.org.br.

186 diz respeito as mudanças de comportamento das crianças após separação e como os pais podem contribuir para reverter estes comportamentos. Os objetivos nortearam a analisar o comportamento relacional dos pais após a separação e apresentar sugestões de como os pais podem ajudar seus filhos mesmo estando separados. Identificar as causas que levaram a indisciplina e desrespeito, mostrando os benefícios de uma participação conjunta para a vida futura de seus filhos, considerando o ponto de vista de ambos. Compreendendo que nem sempre a separação pode ser relacionada a mudanças de comportamentos, como também outros fatores que podem estarem contribuindo para esta dificuldade comportamental. As primeiras entrevistas foram feitas com a mãe e o pai do paciente (separadamente) e posteriormente com a criança. O resultado alcançado foi uma reestruturação cognitiva, pois ele (filho) passou a aceitar bem a conversa com seus pais e compreender o que de fato contribuirá para sua vida futura. Houve uma evolução considerável em seu rendimento escolar e participação dentro da família, sua autoestima melhorou e atualmente relaciona-se melhor com os colegas e familiares.

Palavras-chaves: Separação; Indisciplina; Desrespeito; Mudança; Comportamento.

Abstract: Children have shown changes in behavior throughout his life, one of the causes may be related to parental separation. Often conflicting separation is causing a great misunderstanding to regard education of children. The referent study attempts to show “, as the separation of parents interfere in the behavior of children”, with

the assumption, try to help families regarding children's behavior changes after separation and how parents can help reverse these behaviors. The objectives guided to analyze the relational behavior of parents after separation and make suggestions for how parents can help their children even if they are separated. Identify the causes that led to indiscipline and disrespect, showing the benefits of joint participation for the future lives of their children, considering the views of both. Realizing that not always the separation can be related to behavioral changes as well as other factors that may be contributing to this behavioral difficulty. The first interviews were made with the mother and father of the patient (separately) and later with the child. The results achieved, it was a good cognitive restructuring because it went well accept the conversation with his parents and understand what indeed contribute to their future life. There has been considerable progress in their academic performance and participation within the family, their self-esteem improved and currently relates better with classmates and family.

187

Keywords: Separation from parents; Indiscipline; Disrespect; Behavior change.

Introdução

A instituição familiar é o grande pilar da sociedade, onde as primeiras experiências são vivenciadas e onde o homem aprende

lições que o guiarão por toda a vida. Quando a família está bem estruturada e firmada em base sólida, há um reflexo positivo na conduta dos seres humanos. A contribuição da família na vida da criança é fundamental e útil para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das estruturas que a curto, médio e longo prazo contribuirão para o equilíbrio que o indivíduo necessita para alcançar níveis mais elevados (COSTA, 2006).

No entanto, Piaget (1994) demonstra através de seus estudos e pesquisas que em cada fase da vida existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo. Neste aspecto, cabe à família proporcionar a criança um ambiente favorável para o seu desenvolvimento, reconhecendo as individualidades e características que permitirão a interpretação de determinados comportamentos.

188

Muitas famílias, no entanto, têm enfrentado situações que demandam adaptação por parte dos seus membros. A separação conjugal é uma delas, que sempre deixa marcas profundas, pois são os sentimentos de pessoas que estão em jogo. De acordo com as estatísticas, a separação entre casais tem crescido muito. O Brasil registrou 341,1 mil em 2014, ante 130,5 mil registros em 2004. É um salto de 161,4% em dez anos. O dado está presente no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013).

Dependendo de como a situação da separação ocorreu entre o casal, os filhos podem ou não apresentar comportamentos agressivos diante de situações que envolva relacionamento. Os filhos podem apresentar dificuldades para retomar e manter um equilíbrio emocional estável no futuro. Nesse momento de fragilidade, porém, com

sabedoria podem-se tirar lições importantes para o futuro e ainda ajudar os filhos a superarem essa fase, saindo dela mais fortalecidos, equilibrados e preparados para enfrentar a própria vida. A educação dos filhos depende dos pais, e ambos têm papéis a serem desempenhados, principalmente em momentos críticos como a separação. É de extrema relevância, portanto, a forma de comunicação existente entre o casal após a separação.

Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a influência da separação conjugal sobre o comportamento dos filhos, a fim de apresentar sugestões de como os pais podem promover o desenvolvimento saudável dos filhos mesmo estando separados, mostrando os benefícios de uma participação conjunta para a vida futura de seus filhos.

De acordo com Santos (2002, p. 67),

Filhos precisam aprender a respeitar regras para conviver bem socialmente. Filhos precisam aprender a tolerar as frustrações decorrentes dos limites que a realidade (e não só os pais) lhes impõe. Filhos precisam de DISCIPLINA. Filhos precisam seguir regras e normas. Filhos precisam aprender a controlar-se. O autocontrole é condição básica para a adaptação às responsabilidades da vida adulta. E a criança só conseguirá esse autocontrole se vivenciar a disciplina dentro de casa.

A separação será mais ou menos traumático conforme as circunstâncias que ocorreu a separação e a maturidade do casal e dos filhos. É muito importante a atitude coerente e equilibrada dos pais para evitar danos futuros.

Metodologia

Para o estudo proposto fez-se necessário uma gama de encontros com a família em questão, além de um estudo bibliográfico detalhado, de livros e artigos. Através do referencial teórico, buscaram-se respostas às inquietações colocadas, que mostram o quanto o relacionamento dos pais após a separação pode interferir no comportamento de seus filhos. Gil (2007, p. 65) aponta que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a condução de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Participantes

Participou do estudo uma família, composta por quatro pessoas: a mãe, mantenedora do lar; o pai, que abandonou a família e não os ajuda em nada referente à manutenção dos filhos; o filho A o mais velho (o “querido do pai”), sempre pronto para confrontar as orientações da mãe; e o filho B, o mais novo (o “querido da mãe”), que parece não causar grandes problemas, pois vive no seu próprio mundo.

Instrumentos

Observação, entrevistas e análise de comportamentos foram os instrumentos utilizados para a coleta dos dados. De acordo com Martins e Theóphilo (2007, p. 84),

a observação é uma técnica de coleta de informações, dada e evidências que utiliza os sentidos para observação de determinados aspectos da realidade. Toda observação deve ser precedida de alguma teoria que lhe dê fundamentos e embasamento suficiente para que a técnica seja adequadamente aplicada aos propósitos do estudo.

Para serem analisadas as vivências e o modo como estas podem interferir no comportamento dos filhos, utilizamos observações, entrevistas e visitas no próprio ambiente de cada um deles, para valorizar as experiências de vida. Conforme Lakatos e Marconi (2005, p. 197),

A entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que elas obtenham informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conservação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema.

A pesquisa foi estruturada e aplicada em um período de tempo, entre março e maio. De acordo com Gil (2007, p. 113), “a entrevista estruturada desenvolve uma maior compreensão sobre a mudança de comportamento. A partir de uma reflexão fixa de perguntas, cuja ordem e redação invariável para todos os entrevistados”. Além disso, para Rossman e Rallis

(apud CRESWEEL, 2007), o contato com o ambiente onde as pessoas estão inseridas, possibilita ao pesquisador uma compreensão maior dos detalhes das experiências que os participantes explicitam. O genograma e ecomapa também foram utilizados como instrumentos de análise de relações intrafamiliares e dos membros com outras entidades externas.

Procedimentos

Os encontros foram realizados de forma simples e clara, com objetivos específicos, conforme apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Detalhe dos encontros realizados

Número de encontro	Duração	Local	Participantes	Objetivo do Encontro
1º	30 min	Igreja	Mãe	Informações da mãe em relação a demanda de seu filho e família.
2º	1 hora	Residência	Mãe	Anamnese sobre o histórico do filho e relacionamento familiar
3º	1 hora	Consultório-Sublocado	Pai	Anamnese sobre o histórico do filho e relacionamento familiar
4º	30 min.	Parque ecológico	Filho A	Diálogo com o adolescente a respeito do seu comportamento, relacionamento familiar e social.
5º	30 min.	Parque ecológico	Filho B	Diálogo com a criança a respeito do relacionamento de sua família.
6º	1 hora	Residência da mãe	Todos os membros entrevistados	Aconselhamento sobre o enfrentamento dos obstáculos em família, e a necessidade de mudança de cada indivíduo.

Desenvolvimento

A separação é sempre um motivo de tristeza. É uma vivência de perda e frustração, que aumenta o stress e que pode desestabilizar e então desorientar e prejudicar relacionamentos futuros. Segundo Goldrick (1989), não há dúvida que a separação do casal é uma ruptura no sistema familiar, que resulta uma série de mudanças na estrutura familiar básica e em todos os seus relacionamentos. Muito antes de ocorrer à separação física, ocorre a separação emocional, que frequentemente leva a desentendimentos, desencontros e, algumas vezes, a agressões físicas e violência psicológica. Quando há filhos envolvidos, a cena muda, pois eles sofrem ao ver essa situação entre as pessoas que mais amam e necessitam. A maioria dos problemas dos filhos não tem início com a separação, mas é fruto das dificuldades de relacionamento existente no lar.

Notou-se que eram grandes as dificuldades para enfrentar a separação e a perda, no entanto quando um casal decide se separar, cria um clima de ameaça para seus filhos. Costa (2006) aponta que os pais devem deixar claro que a separação é irreversível à medida que se revela e que estão dispostos a encontrar a melhor forma para que todos sofram o menos possível. A separação é uma grande experiência de aprendizado para a criança, mas conforme Hart (1998, p. 103),

Ela não é também uma experiência de aprendizado única, limitada, curta. É um problema contínuo com o qual as crianças devem lutar, muitas vezes du-

rante anos. Este evento pode ter consequências de longo alcance no desenvolvimento da personalidade, atitudes, comportamentos e hábitos da criança.

Segundo Santos (2000), a criança vivencia sentimentos intensos e variados, o modo como cada criança se ajustará à separação depende diretamente de como os pais lidam com o fato. Evidentemente, a situação das crianças não melhora muito se os pais, mesmo separados, continuarem brigando.

Costa (2006, p. 93) aponta que “a instabilidade familiar, separação e os novos casamentos interferem no desenvolvimento emocional da criança, cujas consequências serão observadas a curto, médio e longo prazo”. Diante dessas situações, os filhos sempre revelam algum nível de sofrimento tais como: raiva, rebeldia, depressão, obesidade e mudanças comportamentais.

Na perspectiva de Santos (2000), um dos fatores de extrema importância se refere à ausência de um dos cônjuges na vida dos filhos. Esta ausência pode influenciar a percepção do mundo e de si mesmo, contribuindo para uma autoimagem ruim, apresentando elevados níveis de ansiedade, desenvolvimento afetivo instável, dificuldades para controlar a agressividade, impulsividade e aparecimento de comportamentos depressivos.

Segundo Hart (1998), há alguns tipos de comportamentos que os filhos podem apresentar após a separação tais como:

- ♦ Ódio — Os pais separados dão aos filhos lições muito eficazes na arte de odiar. O ódio é uma arma mais destruidora, ela pode causar todos os danos que você quiser a qualquer pessoa.

- ♦ Desconfiança - Os filhos aprendem que não podem confiar em ninguém. Ele terá medo de ser sincero e franco por temer que a sua severidade resulte em castigo.
- ♦ Espionagem — É difícil ser amigo dos dois pais, pois cada um tenta fazer com que o filho fique do seu lado.
- ♦ Mentiras — Sempre os pais mentem a respeito de perguntas que o filho faz em relação a vida da família e constantemente os pais mentem. O filho se vê no direito de também mentir.

Ainda na perspectiva de Hart (1998), mesmo separados, os pais podem ensinar ou transmitir aos filhos algumas ações e princípios, como amor e bondade em resposta ao ódio, o poder do perdão e restauração, a paciência e a perseverança em face de desejos impulsivos. Além disso, é importante que os pais aumentem a resistência dos filhos, comuniquem e providenciem segurança. Conforme Santos (2002), os pais mesmo separados devem realizar ações, tais como:

- ♦ Procurar manter, tanto quanto possível, as rotinas dos filhos;
- ♦ Exercer um tipo de disciplina que seja consistente nas duas casas, isto é, tentar que as regras negociadas com os filhos sejam semelhantes em ambas às casas;
- ♦ Assegurar aos filhos todo o apoio emocional de que necessitam;

- ♦ Comunicar um com o outro e cooperar entre si de forma a assegurarem o mínimo de alterações possíveis na vida diária dos filhos;
- ♦ Assegurem-se de que os filhos mantêm um contato frequente e de qualidade com o pai ou com a mãe;
- ♦ Libertar os filhos de *stress* desnecessário e acessório;
- ♦ Dar atenção ao desenvolvimento da capacidade de adaptação que os filhos vão construindo ao longo da nova situação familiar;
- ♦ Incentivar os filhos a expressar os seus sentimentos face à nova situação.

196

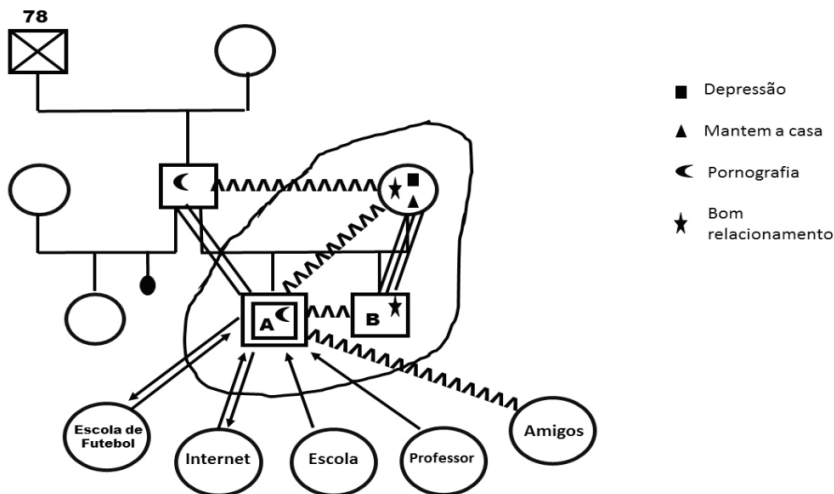
A criança é um ser ativo, sempre em alerta, ela necessita de pais maduros que saibam conduzi-los diante da situação que estão vivendo “a separação”, para que não provoquem feridas emocionais profundas e difíceis de serem cicatrizadas. Santos (2002) aponta a necessidade de haver um equilíbrio por parte dos pais, sendo essencial um relacionamento de respeito, responsabilidade e autonomia, pois assim serão capazes de demonstrar aos filhos segurança e afetividade.

Para que os pais possam estabelecer e manter um relacionamento saudável com seus filhos pela vida afora, é importante que tenham um contato de harmonia. Esse contato deve ser de qualidade, ou seja, que ele esteja presente e mantenha atividades junto com seus filhos.

Resultados

A Figura 1 apresenta a estrutura familiar e relacional, por meio do genograma e ecomapa.

Figura 1: Genograma e ecomapa familiar



A Figura 1 mostra as relações do filho mais velho da família X, ele apresenta um relacionamento rompido com a mãe, além de não se relacionar bem com o irmão mais novo e os amigos, entretanto possui um bom relacionamento com o pai, mas o mesmo não lhe dá um bom exemplo. É possível observar ainda que ele não tem interesse em oferecer algo concreto à escola, contudo gosta de estar na escola de futebol e no mundo virtual.

A elaboração se deu de encontros com a família e de pesquisas bibliográficas para proporcionar o levantamento de informações que ajudassem a trabalhar com a abordagem deste tema. Através das entrevistas e observações foi possível notar que há grandes desafios a serem enfrentados. A mãe, muito preocupada com a mudança de comportamento do filho mais velho. Já o pai tem como normal dizer: “ele está crescendo e precisa amadurecer”. O filho tem o pai como modelo e reproduz as ações que vivencia.

Notou-se que a mãe, que é mantenedora de todas as despesas, não tem autoridade para com seu filho; o pai, que se ausentou do lar, tira a autoridade da mãe nos momentos que passa com o filho, não permitindo que ela o corrija quando necessário. O filho mais velho (querido do pai) dá muito trabalho à mãe tanto no relacionamento como no comportamento. E o filho caçula passa a ser o querido da mãe, por ser dedicado e obediente.

Os pais influenciam seus filhos, tanto pelo jeito como se comportam em relação a eles, quanto pela maneira como interagem com seus ex-cônjuges. Assim, evidentemente, o relacionamento entre os pais também precisa ser considerado quando se aborda a questão das visitas feitas ao filho e do seu bem-estar. Em nossos encontros juntos foi possível listar algumas atitudes que pais separados podem fazer e o que não pode fazer diante de seus filhos. Coisas que os pais separados nunca deveriam fazer:

- ♦ Falar mal um do outro para os filhos: foi o relacionamento homem-mulher que acabou, mas o relacionamento pais e filhos vai se manter pela vida

afora. Portanto, ambos devem respeitar o papel de pai e mãe.

- ♦ Usar os filhos como espões para saber da vida do outro: já que o relacionamento homem-mulher acabou, de que vai adiantar saber da vida do outro?
- ♦ Fazer chantagens ou usar os filhos como moeda de troca: nunca dizer que o filho só sairá com o pai quando ele depositar a pensão, por exemplo.
- ♦ Discutir na frente dos filhos: quaisquer discussões entre eles devem acontecer longe deles.
- ♦ Tirar a autoridade do ex-marido ou da ex-esposa. Os filhos precisam desta coesão entre ambos para aprender a ter limites.

199

Nota-se que toda a família precisava ser trabalhada e que seria necessário a ajuda de um terapeuta familiar para dar sequência de maneira mais aprofundada e específica. Com os encontros conseguimos que eles compreendessem que precisavam desta ajuda específica e aos poucos eles entenderam que as situações conflitantes podiam ser amenizadas e até mesmo sanadas. Em nossos encontros foi possível notar uma mudança de comportamento não só do filho como também de todos os membros da família. Eles compreenderam que uma família unida consegue enfrentar os obstáculos que irão surgir no decorrer de suas vidas.

Discussão

A família participante mantinha um relacionamento de muitos conflitos, que entre o casal ficavam evidentes todas as vezes que se encontravam para tratar de assuntos referentes aos filhos, contribuindo para um estresse familiar muito grande. Nesse sentido, Toloi (2006, p. 66), diz que “a exposição das crianças e adolescentes aos conflitos conjugais é um fator de risco, pois, eles tendem a presenciar discórdias relativamente hostis e emocionalmente negativas no ambiente doméstico”.

Os estudos apontam que as crianças são mais afetadas diante de uma separação, pois elas não entendem o que está realmente acontecendo com seus pais (HACK; RAMIRES, 2010). Já os adolescentes são vistos como capazes de entender a situação dos pais e muitas vezes se sentem culpados da separação.

O adolescente tem mais condições de aceitar e perceber o divórcio de seus pais de uma forma mais objetiva. No entanto, a compreensão mais realista da situação não impede o surgimento de ressentimentos e, conseqüentemente, de sintomas (HACK; RAMIRES, 2010, p. 2).

Com a separação dos pais os filhos adquirem uma dimensão muito grande de perda, abandono e até mesmo o controle de sua vida. Em nossas entrevistas pode ser detectado que o filho A imita o comportamento do pai que, mesmo estando separado, age de forma abusiva com a ex-esposa, até mesmo na frente dos filhos, tirando-lhe a autoridade e o respeito. O filho A, por sua vez tem um

comportamento revoltado, agressivo e se isola diante da internet como fuga para seus problemas.

É necessário que os pais se policiem quanto as suas ações comportamentais diante de seus filhos. Os pais devem sempre ouvir os filhos e dialogar com eles, amá-los independentes da situação em que se encontram, manter contato frequente e educa-los conjuntamente. Além disso, limites e regras são necessárias para direcionar comportamentos adequados e inadequados.

Considerações Finais

A partir do estudo, como a separação de pais interfere no comportamento dos filhos foi possível obter um maior conhecimento acerca do tema. Notou-se que nem sempre os problemas de comportamento que os filhos apresentam são relacionados à separação. Os dados colhidos através das observações e entrevistas foram de extrema importância para confirmação, de que mesmo estando separados os pais devem oferecer aos filhos segurança e estabilidade emocional. Após o estudo realizado, foi possível compreender que a separação pode trazer sérios efeitos negativos na vida do casal, dos filhos e de todos os que estão envolvidos.

Entende-se que quando um casamento chega a um fim, os laços parentais devem ser reformulados e repensados, de uma maneira que os conflitos conjugais não sejam os principais fatores a determinarem a relação que pai e mãe terão com os filhos a partir de então.

Referências

COSTA, G. P. **Conflitos da vida real**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HACK, S. K.; RAMIRES, V. R. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 1, junho de 2010.

HART, D. A. **Ajudando os filhos sobreviverem ao divórcio**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil**. Rio de Janeiro, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Ed. Atlas, 2007.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SANTOS, A. C. M. **Relacionamento Familiar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. **Psicologia do Relacionamento Familiar**. Artur Nogueira: CEDISAU, 2000.

TOLOI, M. D. C. **Filhos do divórcio**: como compreendem e enfrentam os conflitos conjugais no casamento e na separação. Tese (Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.